

A ESPERANÇA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDIGIDA POR

A. DE CASTRILHO.

N.º 1 — 11 DE DEZEMBRO DE 1861.



11 DE DEZEMBRO DE 1861

TYPE OFICINA — DR. ALFREDO LIMA — RUA NOVA DO OBREVILLE, 21

1861

A ESPERANÇA

Não são raros neste paiz os jornaes litterarios; antes a chronicá registra o apparecimento de muitos com pequenos intervallos. Longe porem de nos incutir receios a tentencia com que nestes ultimos tempos se tem pronunciado tão explicitamente, vem ella corroborar em nós a opiniao de que a nossa mocidade vive, desse viver animado pelo fogo de espirito e que a colloca na primeira linha de todos os que trabalhamos pelo porvir das nossas patrias. A emulação virá ao depois robustecer a nossa fé nas nossas tarefas, e do exemplo alheio colheremos talvez muito que aproveitar.

Estes ensaios em que se adresta a mocidade, são de largo proveito para os facturos tempos da litteratura. A cópia de jornaes litterarios, que neste momento correm os azares da publicação, tradusimol-a nós como uma valiosa demonstracão da idea que domina hoje a mocidade e servenos de penhor ao nosso facturo.

Ha ate certo ponto nessa exhuberancia de vida espiritual, um como que percursor signal do muito que nos reserva ainda o facturo para fazer.

A mocidade emballada ás musicas suaves da festa, que a vivacidade da imaginação, junta aos ardentes impulsos do coração, descerrando com o olhar seguro do pressentimento o mundo inteiro de praseres que a vida offerece, tendo na idade a desculpa, para entregar essa mocidade tão robusta ás felicidades passageiras dos triumphos faceis que lhe dá o mundo, não offerece um exemplo frisante e digno, capaz de convencer os retardarios no caminho do saber, os scepticos de desoito annos, que leem a ultima palavra da sabedoria humana no descuido e no desprezo do facturo?

Sacrificar-se o bem momentaneo, poderoso incentivo na determinação dos actos da vontade juvenil, ao labor improbo do estabelecimento de um bem mais solido no facturo, é, parece-nos, augurio favoravel para as letras patrias.

Se não pertencemos aquelles que encontram a razão na exclusão prejudicial aos mocos dos praseres da sociedade e lhes recommendam a solidão e os livros como unicos capazes de os encaminharem ao bem, tambem não pertencemos aquelles, que julgam preferivel guardar para depois de passada a idade propria, as recommendações do estudo, do amor ao trabalho.

A mocidade deve ser aproveitada em favor de ideas, cujo cultivo traga no facturo os fructos exigidos. Acreditamos porem que para conse-

uir-se tão nobre fim, não ha mister segregar a mocidade dos prasceres da sociedade.

Na educação daquelle, entra também por muito a sociedade em que ella vive, e em que faz valer o que aprendeu.

Os jornaes litterarios de que ahi falla muita gente, são o resultado desses trabalhos que consomem o tempo e as vigilias aos moços: é um auxilio que os ajuda no estudo, servindo-lhes igualmente de incentivo de emulação, e ao mesmo tempo um meio de estudo, que muito aproveita o que faz no gabinete.

Longe pois de ver-mos o que quer que seja de censurar-se nos jornaes litterarios que affluem, saudamol-os sempre como uma promessa lisonjeira de futuro e uma segurança no presente.

A elles juntamo-nos hoje: se não temos a felicidade de nutrir as forças que os fazem mais importantes, temos a vontade de tornar-nos dignos, vontade que supre a coragem e faz prodigios, quando, como hoje não lhe faltam os bons exemplos.

A. de C.

QUADROS DO UNIVERSO

PROVINCIA DE MINAS. — RIO SAPUCAHY.

As maravilhas com que a natureza se ostenta na Provincia de Minas, os soberbos painéis de sedutoras e românticas paisagens, a beleza de um céo puro e benigno, vegetação a mais espantosa e a riqueza de um solo productivo, sem duvida farão espantar o estrangeiro que se interna pelo Imperio.

Um dos rios mais notaveis da provincia de Minas, é realmente o *Sapucahy*, não só pela grande extenção de terreno que percorre, como também pela sua profundidade e largura.

Confluente do *Paraná*, é elle o gigante que vai engrossar este ultimo em uma extenção considerável, e em seu pontal forma uma bacia ou lago onde as aguas voltejam, sendo a extenção de um barranco a outro para mais de legua.

O coração humano parece que se extasia na contemplação das pitorescas paisagens, que as margens do *Sapucahy* offerecem: planicies que se perdem de vista, verdegante capim intermedeado de pequenos arbustos, tapisam o solo como um manto curvilino, devido às immensas

voltas que este Rio faz durante seu curso, um sem numero de rebanhos de galo, e diversos animaes, pastando em manadas sobre estas planicies, apresentam o quadro das margens do Rheno.

Aves aquáticas de muitas especies, travessas saltam sobre as galhadas de madeira, que suas enchentes tem conduzido.

Se o sol galgando as alturas meridianas, reflecte os raios sobre as adormecidas aguas do Sapucahy; diríamos que uma zona pratea la, se estende sobre as campinas mineiras.

Myriades de purilampos á noite crusando este rio de um lado a outro, fazem que o espelho das aguas se assemelhe a um firmamento, onde rapidamente muitos meteoros igneos rápidos lampejam.

O Rio Sapucahy tem sua origem na latitude de 22 graos, 43' o 2' e de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro e formado pela reunião dos riachos, S. Bernardo, Marmello, e Capivary, que todas nascem na pedra do Bahú, Municipio de S. Bento do Sapucahy-mirim.

A serra da Mantiqueira, é singular neste ponto formando um plato de 3 leguas de diametro, e 5 de longitude, na extremidade deste plato pequeno, ergue-se o pico do Bahú: deste ponto partem os 3 riachos, em direcção para E: ao sul do Itajubá reunem-se, em direcção quasi que para N., formando sempre immensas curvas, como a Volta Grande, e depois de ter corrido para NO, torna-se tributario do Paraná, banhando os Municipios de Itajubá, Pouso Alegre, Campanha, Tres Pontas.

O Sapucahy durante seu curso, recebe os seguintes Rios.

1.º O Sapucahy-mirim que vem do Bahú, e é engrossado por muitos riachos, e pelo Rio Mandú.

2.º Agua limpa, que nasce na Solelade do Itajubá, e entra no Sapucahy acima da villa Nova: uma legua para o S.

3.º Lourenço Velho, cujas vertentes são na serra da Bocanía da villa Christina, correndo de E. para O. é tributario do Sapucahy: 3 e meia legua abaixo da villa Nova do Itajubá.

4.º Rio do Servo, que nascendo no campestre municipio de Caldas entra no Sapucahy, perto de S. Anna.

5.º Rio Verde, um dos mais caudalosos do sul de Minas que nasce na Mantiqueira, na serra do Jardim municipio de Baependy: e depois de ter recebido o Rio Baependy, Lambari, Rio do Peixe, e outros mais entra no Sapucahy no municipio da Campanha.

Ainda podíamos accrescentar os Rios Douradinho, Piranguçu, Machado, etc.

O Rio Sapucahy em geral forma em suas margens um extenso terreno de alluvião, que todos os annos se renova, em razão das caudalosas enchentes que seu leito apresenta: as materias vegetaes de compondo-se formam pantanos terríveis: uma abundancia de turba cheia de areá, ou sedimento terreo que este rio em sua impetuosidade rola, estes districtos de altas montanhas, são em geral o que compõem as alluvões do Sapucahy.

Pouco quarts nota-se em suas planicies, e mesmo a ausencia de areá

ferruginosa, com tudo em suas cabeceiras encontra-se o ouro, mas não em abundância.

Deste rio no futuro a província de Minas se utilizará de suas águas para a navegação, então quando raiar essa época no horizonte mineiro a prosperidade, riqueza e agricultura, muito florescerá para os municípios do sul dessa província.

A navegação do Sapucahy não é um problema de intrincada solução, attendendo nos a posição topographica do solo, estudando-se a natureza do Sapucahy, ver-se-há que facil é emprehender-se a sua navegação.

As vertentes do Sapucahy são em geral serras onde a agricultura floresce, mattas virgens, pejadas de jectibas, sobrasis, paineiras, bastam para o distintivo de terrenos productivos.

Não há muitos campos para as partes de Pouso Alegre senão nos altos da Mantiqueira; por conseguinte por aqui veremos que uma extensa região de florestas, ou mattas aquí existe, o que tudo annuncia um riso-nho porvir para estes lugares, que em pequenos barcos e canoas já transporta muitos generos alimentícios para varios pontos.

E' notável o Sapucahy: por ser um dos rios mais caudalosos de Minas e na nossa geographia merece um lugar mais esclarecido, não pelas vantagens que pode oferecer, mas sim como o 1.º confluente do Rio Grande na província de Minas.

Franklin.



A FILHA DO MARINHEIRO.

POR D. MARIA JOSE DE NORONHA FEITAL.

Na viagem que fiz a Normandia, durante o mez de Setembro ultimo, quis visitar o pequeno lugar de Villiers, para saudar o berço do grande pintor que sua pátria não soube appreciar! desse illustre Nicolao Poussin, que a inveja e a perseguição forçaram a se exilar na terra mais hospitalaria da Itália.

Quando terminava minha peregrinação, encontrei alguns pastores que atravessavam Villiers, cantando canções normandas e caminhando alegremente como se fosse para uma festa.

Não era domingo nem dia santo, e entretanto todos: homens, mulheres e meninos, trajavam seus mais bellos vistidos; os homens traziam grande vistão de panno azul e longas polainas que subião acima dos joelhos; as mulheres, corpinhos escorlates, saiole azul, a coifa pyramidal do vértice do qual escapavam fluctuantes ao vento, duas longas pontas guarnecidas

de rendas ; emsí a cruz de ouro pendendo de uma fita de velludo preto.

Aproximei-me de uma alta e vigorosa camponeza que tinha um menino nos braços, e levava pela mão um rochinchudo rapaz de rosto rosado e altivo, com os cabellos loiros e anelados, olhos azuis como as pervinças dos campos.

— Senhora, lhe perguntei, onde vai esta alegre procissão?

Olhou-me com admiração, depois me respondeu levantando os hombros :

— Não sabeis que é hoje o dia do casamento de Clotilde, a filha do marinheiro?

Ali ! . . . disse eu, é o casamento de Clotilde.

Depois continuei com curiosidade :

— Porem esse casamento será algum acontecimento notável para o paiz?

— A senhora é estrangeira sem dúvida ? me perguntou um camponez delicado e esperto, que tinha ouvido esse pequeno colóquio.

Eu respondi afirmativamente ; e um sorriso passou sobre seus lábios como para me dizer :

Nada se sabe nas vossas cidades ? Depois continuou com certeza : — E mais que um acontecimento, é uma curiosa historia esse casamento, senhora ; e se desejaes conhecê-a, vinde comnosco para baixo, sobre a borda da ribeira, onde devemos parar, porque chegámos lá pouco, e lá então, eu vol-a contarei com todos os seus detalhes.

Acceitei com prazer aquelle offerecimento amavel e, alguns instantes depois, assentada mollemente sobre a borda musgosa de uma bonita corrente que murmurava alegremente através dos salgueiros, escutei essa historia que tencionei contar-vos á minha volta.

Ha vinte annos pouco mais ou menos, a senhora baroneza de la Preslay, (que habitava então Dieppe, aconselhada por seus medicos, que lhe haviam receitado os banhos do mar por causa de sua saude arruinada,) depois de uma noite inteira de insomnia, se tinha levantado ao romper do dia para ir respirar na borda do mar o ar puro e fortificante que se escapa do seio das ondas.

Como andasse vagarosamente, deixando errar sua imaginacão no vasto campo das chimeras e seu olhar sobre o balancear monotonio das vagas, foi bruscamente despertada por um doloroso gemido que ouvju a seu lado ; o terror se unio á surpresa, quando, voltando-se percebeu que estava só. « Eu me enganei, sem dúvida, murmurou no fim de alguns instantes, foi o grito de algum passaro, que me pareceu um grito de dor. »

E seguiu seu caminho ; entretanto ouvio um novo gemido que parecia desmentir suas proprias palavras.

A baroneza de la Preslay era corajosa e boa, e procurou adormentar o medo que lhe invadia á alma dizendo : « Ha alguém que soffre daqui perto, meu dever é socorrer se poder. »

E logo se pôz a procurar, seus esforços foram bem depressa coroados de bom exito porque atraç de um ligeiro montinho de areia viu uma moça

desmaiada, tendo uma criança unida ao seio; eram os vagidos da pobre creaturinha que tinham traido soccorro a sua mãe.

A baroneza foi procurar auxilio, e, depois de ter chamado a moça á vida, fez-la transportar a sua casa, porque uma febre violenta se tinha apoderado da infeliz, e em seu delírio não podia fazer conhecer nem seu nome, nem sua morada, nem seu estado. Esta posição terrível durou um longo mês ainda, depois, um dia a moribunda tornou um instante a vida; e para recomendar sua filha a baroneza, contou então sua curta e triste historia.

Era a mulher de um marinheiro, que havia partido ha um anno para entregar-se ao commercio de marsim, e como não recebeu delle noticia alguma, vinha sobre a muralha esperal-o todos os dias; depois esta mulher abençoou sua bemfeitora, supplicou-lhe de velar sobre sua filha, e morreu.

A baroneza aceitou piedosamente esta herança, e, depois de ter feito sua declaracão ao Maire prevenindo o caso em que o pai da menina viesse a reclamal-a, deixou Dieppe, levando consigo sua pequena Clotilde.

Trad.—(Continua.)

POESIAS.

ISOLAMENTO.

Anjo, por quem suspiro! — si n'ausencia
Meus seios tremem de saudade infinda,
E' que tenho minh'alma á tua unida,
E' que te amo e que te adoro ainda!

E' que sempre vem languida e mimosa
A tua sombra reflectir na minha
Como o sol resvalando no occidente
No sombrio crespúsculo — á tardinha!

Ah! si aqui estiveras! — si a saudade
Revellasse-te o amor que por mim erra
Neste instante sublime em que o silencio
Disperta vibrações que a lira eneerra...!

Então — talvez! — eu não soffresse tanto
E em teu amor topasse o meu remedio.
Não me seria a vida ennegrecida
Uma hora d'insomnia, outra de tedio !

Esquecera que um dia a desventura
Encostára-se ao leito onde eu dormia
Para acolher, em extasis divinos,
De cada gesto teu uma harmonia !

E a gloria! ? — eu sedento e louco amei-a
P'ra ser da turba conhecido um' hora !
Futil desejo que nutri na insomnia
Como se foge e me abandona agora !

A minha gloria és tu—que tens no seio
Muito fogo do céo dormente ainda....
E um teu olhar de amor turva e dissipá
Essa fátua visão que vem tão linda.

Deixa que os *doidos* sobre os cahos se atirem
Da serração de sangue que é a historia
Mas não deixes que morra miserando
Sem teu sublime amor.... a minha gloria!

Amo-te — como a paz os cemiterios !
Como a virgem da noite ama os desertos
Como o nauta a centelha de bonança
Que abranda os céos de temporaes cobertos !

Tu que tens tanto fogo nos teus olhos,
Tanta graça de amor no rosto lindo;
Que n'alma me ateaste o facho ardente
Da abençoada dôr qu'estou sentido....

Ergue-me altivo a regiões mais puras
Envolvido — entre amor — n'um teu sorriso
Faz qu'eu mude os andrajos do infortunio
Pelas galas de um novo Paraíso !

Não dês que um máo destino — desbendito —
Arroje-me no mar da tempestade !
E que eu vá pela treva — vagabundo —
Sem luz — amor ; sem vida e mocidade.

Deixa ao menos qu'esta alma que se inflamma
Tão longe do teu ser — n'um céo nevoento —
Possa um hora fruir no teu regaço
Quando os laços quebrar do isolamento !

Caetano da Silva.

O JAMBO.

PARABOLA

Brasilio Jambo
É uma fructa
Que se reputa
Mui primorosa.

Tem, como a rosa,
Suave aroma,
E que se coma
Diz-nos a loca.

Porém é oca,
E só a casca
Se engole e masca
Da fructa jambo.

E nem eu tambo
O seu caroço,
Porque é insosso,
Sinão amargo.

Agora largo
As vellas soltas,
E vou dar voltas
Por outros mares.

Quando topares
Um bello aspeito,
Vê si o sujeito
Jambo é por fóra;

Si acaso mora
Cascas a dentro
E bem no centro
Caroco ruim.

REVISTA THEATRAL.

A apparição de um novo jornal que nas suas columnas reserva um pequeno espaço para falar sobre theatros, é sempre um motivo de alarma e alvoroço para o mundo theatrical: querem todos saber quem se encarrega

desse trabalho, lancam sortes ao acaso, afirmam, negam, e por fim ninguem se entende ou dão a paternidade a alguem que nem sonha intrometter-se em intrigas de bastidores. Com esfuso a tarefa é ardua, e só um desejo muito pronunciado de ver progredir a arte dramatica, poderá obrigar qualquer a lançar mão da pena para tratar de semelhante assunto: Se louva este.... é *parcialidade*; se censura aquella.... é *despreito*.

Sem embargo, porém, dessas contrariedades é do que dirão?... hei de sempre animar, louvar ou censurar áquelle que tal merecerem.

Muito bem conheço a posição excepcional do artista para não ser justiceiro. Incomodado ou não é fértil que esteja sempre pronto a dar prazer, estando, muitas vezes, acabrunhado de desgostos; sofrer a rudez da mór parte das pessoas com quem lida, e captar as boas graças do publico que tem direito de ser exigente por que paga.

A vida do artista é um rochedo de Sysipho, uma luta sempre constante, em que o trabalho renasce do mesmo trabalho, e a quem não valem os louros da véspera, se no dia seguinte se não esforça por merece-los novamente.

Quando fallo do artista, não me refiro áquelle que abraçam tal carretra só pelo desejo da ganancia, sem curar da gloria. Estes limitam-se a decorar os seus papeis, quando o fazem, rastejam sempre no po e nunca passam de machinas de repetir palavras, sem se quererem convencer de que a arte dramatica é uma sciencia e que como sciencia deve ser estudada, que a natureza começa o artista e que só o estudo o acaba, que deve ser o imitador da natureza e reproduzir, à vontade, todas as paixões; que tem, sempre que piza em scena, de apresentar tres expressões — a da paixão que o domina, a do caracter, e a da situação, e que só poderá vencer tamanhas dificuldades com um estudo muito aturado.

Não fallo tambem daquelle que tendo algumas disposições se enchem de vaidade apenas recebem meia duzia de palmas, quando muitas vezes acabam de estropear uma scena por meio de uma gesticulação desenfreada e uma declamação horrivel; e julgando ter tocado o zenith da sua arte não se lembram que a multidão sempre aplaude o que sahe fóra do natural, e que o verdadeiro artista só almeja os subfragios do pequeno numero de espectadores ilustrados.

Tudo depende do jogo de phisionomia; é o rosto, os olhos, é todo o corpo emfim que deve ter movimento e não os braços. O artista não deve ser prodigo de gestos, pois estes, as mais das vezes, prejudicam a graca da dieção. O abatimento da dor permite alguns, a reflexão profunda ou a dignidade, nenhum. Os olhos e a expressão do rosto exprimem melhor que os gestos, o desprezo, a indignação ou o furor concentrado.

Tem aparecido ultimamente uma tendência muito pronunciada para aquillo a que dão o nome de *escola moderna*, isto é, um enredo frio, sem paixões a jogar, e sustentado em dialogos. A meu ver tales composições servirão apenas para matar o tempo durante algumas horas, e só serão preferidas por mãos actores, que não sabendo representar a tragedia ou o

alto drama, agarram-se a esse gênero, que consideram a sua taboa de salvação, por não apresentar dificuldade alguma: pois qualquer que tenha um pouco de desembarço, educação, e dicção correcta, está perfeitamente habilitado a representar os taes dramas da escola moderna. Os grandes artistas europeus, Shakspeare, Garrick, Kemble, Kean, Lekain, Talma, Preville, Mole, Baron, Mile, Mars, Rachel e ultimamente Frederick Lemaitre e Ligier como fundaram as suas reputações? Representando a tragedia e o alto drama. Basta porém de reflexões e tracemos da revista.

Comecemos pelo theatre de S. Pedro, por ser subvencionado, e o primeiro desta corte.

Sexta-feira 3 fez o Sr. João Caetano a sua reentrada em scena com o drama intitulado *O Prestigiador* que já havia sido representado no Gymnasio com o titulo *O Pelotiqueiro*. A composição é excellente e cheia de bellos e bem combinados lances: n'ella mostrou o autor perfeito conhecimento da arte de escrever para o theatre. Fallemos da execução.

A Sra. D. Ludovina (*Condessa de Varennes*) trabalhou com grande mestria, n'creceu parte das horas da noite, e foi com justiça muito applaudida.

A Sra. D. Leonor Orsati *Joanna Vidal* no prologo mostrou ter estudado muito o seu papel, representou bem, e conseguiu commover os espectadores; porém nos actos seguintes, no papel de *Helena de Varennes* decaiu alguma causa. E' preciso que a Sra. D. Leonor busque corrigir-se de um grande defeito: corta todas as palavras pela penultima syllaba, faz uma pequena pausa, e pronuncia depois a ultima carregando sobre ella. E' um defeito terrivel que torna insuportavel a sua declamação.

O Sr. Florindo *Darmenier* representou com naturalidade e conservou-se na altura do seu papel.

O Sr. Simeão *Conde de Varennes* caracterisou-se bem, mostrou dignidade, porém estava deslocado no papel. Não pretendo com isto negar o seu merecimento; conserve-se nos seus papeis como *Feio no corpo, Probidade, Tecelão* etc... e ha de ser sempre applaudido, porque n'elles esta acima de todos os que tem vindo ao Brasil.

O Sr. Marinho *Vol-au-vent* representou bem, porque não exagerou, nem adulterou o sentido do papel de que se encarregou.

No desempenho do papel de *Beaujolais* representado em Pariz, pelo insigne actor Paulin Meunier, sustentou o Sr. João Caetano a sua reputação de primeiro actor brasileiro.

No segundo acto, reproduzindo fielmente o typo de charlatão francez, que teve occasiao de ver na Europa, tacou a perfeição, pois na scena ella consiste em imitar a natureza.

No terceiro acto representou com a maior naturalidade, e no final, quando arranca a filha dos braços da condessa de Varennes, e diz a Darmenier *Está satisfeito com a infamia que me fez praticar?* arrancou freneticos e merecidos aplausos. O quarto acto por si só equivale a um drama: em todo elle e mais que tudo quando reconhece a filha, no arrependimento que mostra pelos seus erros passados, no grito de espanto

Yours faithfully

e terror quando comprehende a razão porque Darmentières se apresenta em sua casa ás dez horas da noite, em todo o seu dialogo com elle, nas soberbas transições do furor para a ironia, reproduziu estes sentimentos com tanta verdade e força que obrigou o espectador a identificar-se com elle, a sentir as diferentes emoções que o embatiam, e esperar anioso pelo desfecho; emsí, bastaria a execução deste acto para dar-lhe o nome de *grande actor*, se como tal ha muito, já não fosse conhecido. No quinto acto conservou-se na altura do precedente, e no seu *adeos* derradeiro arrancou lagrimas a quasi todos os espectadores. O papel de *Beaujolais* é mais um florão para a sua coroa de gloria; a noite de 3 de Maio de 1861 ficará registrada nos annaes do nosso theatro.

Findo o drama chamaram-o á scena, offereceram-lhe diversas coroas de prata e louros, recitaram-lhe poesias e jancaram o palco com flores. Era uma demonstração do sabido apreço que dá o publico ao nosso primeiro actor, uma das glórias do Brasil, da saudade que sentia pela sua ausencia, mas era tambem a justa remuneracão dos seus constantes esforços em prol dessa arte que o seu nome tem illustrado no Brasil, e que muito ganhou com a sua viagem á Europa.

Já o scenario foi completamente reformado e feito por um novo systema com todos os melhoramentos que a longa experiençia da velha Europa tem reconhecido necessarios. Já estão lançadas as bases de uma escola e Jury dramatico, e consta que se progride com ardor na construcção do pequeno theatro de ensino, o qual brevemente será posto á disposição daquelles que se quizerem dedicar a tão difícil carreira; finalmente tem partido do Sr. João Caetano todos os melhoramentos que tem sofrido o nosso theatro: todos os outros não tem feito mais do que imitá-lo ou seguir-l-o.

Passaremos ao Gymnasio.

A Sra. D. Clelia *Condessa de Varennes* poderá ser boa actriz, mas neste papel esteve insupportavel. No prologo entra com um vestido branco que parece ter sahido naquelle momento das mãos da engomadeira, e no entanto é uma louca que, escapando á vigilancia das suas creadas, foge e anda sem destino pelos campos. O vestido com que se apresenta no segundo acto é digno de ser visto; amarelo e preto.

O Sr. Heller, *Darmentieres*, seguiu as pegadas da Sra. Clelia. Duas cousas suas agradaram-me sumamente; a sua voz de assovio, e a maneira desembaraçada e sem hesilação porque entra ás escuras, em casa de *Beaujolais*.

O Sr. Joaquim Augusto, *Beaujolais*, envidou todos os esforços, fez quanto estava nas suas forças, queimou o seu ultimo cartucho, mas não reproduziu a verdade, nem o podia fazer; primeiro, porque não conhecia o lypo; segundo, porque o seu physico não o ajuda; além de ter pouco ouvido, é fanhoso e a sua voz não se presta a todas inflexões precisas; além disso em alguns lugares enganou-se na comprehenção do papel. No terceiro acto é humilde de mais para um homem que se apresenta com documentos falsificados, exigindo uma menina que lhe não pertence, e que quer fazer acreditar que a justiça está do seu lado. No quarto acto, no

reconhecimento da filha, e no dialogo final com *Darmontières* não mostra a ternura nem o vigor necessarios, e por fim atira-se pela Janella sem dizer aqua vai!... Qual é o homem, mesmo acrobata, que tendo de saltar de qualquer altura, não calcula primeiro o lugar em que deve cahir para se não offendor?... No quinto acto, quando a filha, propondo-lhe um passeio, recusa ir para o lado do prado, e pede que seja para o lado da montanha, responde-lhe nestes termos: *Sim, d'alli ve-se mais longe*, porem esta phrase deve ser dita com pezar, por ver que a filha lhe tem menos amor do que à condessa, e não com alegria como o faz... comendo o Sr. Joaquim Angusto teve momentos felizes e mostrou ter-se esforçado por agradar.

O Sr. Vasques conduziu o papel para o lado de que poderia tirar maior partido; porem procedendo assim adulterou o sentido do original, e esqueceu-se.

A Sra. D. Adelalde e Pedro Joaquim representaram conciençiosa e perfeitamente, e a elles cabem as honras da noite. Mas no prologo, quer no correr do drama, a Sra. D. Adelalde mostrou ser a mesma actriz das *Recordações da Mocidade* e muitos outros papeis que são exclusivamente seus.

O Sr. Gracis caracterisou-se bem.

A traducao feita por uma habil pena tem defeitos e erros, fallaremos somente dos erros.

Vol-un vent por Salta-mucom, *Pere Blanquette* por *tio Macario*, *Greta* por *Pedrasco*, são cousas inadmissiveis.

No segundo acto, na scena de *Darmontières* com *Beaujolais*, diz-lhe aquelle: *Tete por esta carta egypcia que te chamas Jaques Vidal* responde-lhe *Beaujolais*, *No Egypto, Beaujolais, aqui em França, Jaques Vidal*. Não é isso o que diz o original. *En egyptien, Jaques Vidal, en frança, Beaujolais*, isto é, *Na lingua egypcia Jaques Vidal; em francez, Beaujolais*.

Enquanto o traductor quando diz: *Esto* carta prognostica um futuro tão brillante a esse Jaques Vidal, que se não precisasse de dinheiro, eu não hesitaria em adiantar-te, etc... A traducao é que—Se *ele* precisasse de dinheiro eu não hesitaria em adiantar-lhe etc. No terceiro acto, na scena de *Beaujolais* com *Helena*, diz-lhe essa: *Ah! sempre é isto! C'est toujours cela!* Nessa situacão, o segundo o sentido do dialogo, a unica traducao possível é... *Ah! já é alguma cousa!* Quanto à traducao feita para o theatro de S. Pedro, se não é isempta de defeitos, reproduziu fielmente o sentido do original... mas, basta por hoje, e ponto final.

João Lello.

ANTES E DEPOIS.

NOVELA.

I.

Alberto e eu amamos a conversação e a chuva, e quando a segunda acolita compassadamente as nossas vidracas, não é raro ver-nos entregues aos caprichos da primeira em uma saleta, pequena e azul, onde o divan, a meza d'estudo, e as estantes dos livros queridos fazem-se mutua e serena companheira. O quarto d'Alberto é assim: alegre como um prado, alcatiscado de flores, quando no mez de Julho o sol lhe entorna em casa a sua luz brilhante e o seu calor, quando a viracão da tarde lhe traz aos ouvidos os ruidos da rua, quando o movimento de todos o vem tirar da apatia em que o lança o seu espírito triste. Outros dias ha — sem sol, sem viracão e sem ruido — em que a linda saleta é triste, triste como uma casa que vamos abandonar e que guarda nas suas paredes e nos seus moveis, recordações dos tempos felizes. E triste assim a saleta d'Alberto, quando o céo está coberto de nuvens cér de cinza, quando os carros passam rápidos ir um ruido abafado. Parece que o azul das paredes se torna mais pesado, e cheio de confidencias.

E' n'um d'esses dias que nos reunimos ambos e deixamos correr ligeira a conversação ao som da chuva, à luz do espírito e ao fogo da imaginacão. Havia semanas, meses, que estávamos separados; mas reuni-nos um dia, um dia de chuva, e a conversação íntima e confidencial seguiu o seu caminho.

Era a tarde, depois do jantar, que fizemos juntos, que Alberto se estendeu horizontalmente no divan, e me convidara a sentar-me com aquelle dictado indico: mas vale estar sentado do que de pé, mais vale estar deitado do que sentado.

Sentei-me n'aquella cadeira, longa, commoda, molle, que conhecem todos os amigos de Alberto. Eu amo as boas cadeiras, porque uma vez sentado, logo que o corpo tenha achado lugares para as suas redondezas, o espírito, como que se sente mais desembaracado e mais livre, e galopa vertiginosamente nos campos infinitos da phantasia. O homem que faz uma boa cadeira, pratica uma boa accão. Não me chamem preguiçoso, porque sempre me pareceu mais conveniente e mais glorioso nada fazer, do que fazer muito sem fazer cousa alguma.

Alberto é um rapaz de vinte e quatro annos, moreno, de suissas encantadoras, d'um olhar vivo e inconstante, d'um coração de cera e d'uma alma de mulher. Por minha vontade, eu vos faria um retrato

completo do meu amigo : mas depois que li em Alphonse Karr, que os romancistas, s'esforçarão sempre embalde em descrever as suas personagens : mas nunca as farão conhecidas, porque não conseguirão com a pena o que outros artistas, através das feições, esse *fluído* de vida, que anima a figura. E Alphonse Karr tem razão em que pese aos de opiniões contrárias.

Assim pois sabei somente que o meu Alberto é isso, e reúne a uma fortuna independente, o amor aos cavalos e às elegâncias que a nossa civilização nos oferece, e com um pouco mais cuidado no traje e menos juizo na cabeça, elle poderia passar por essa alguma cousa a que chamam *dandy*. Nunca o quiz ser, embora nada lhe faltasse dos materiais precisos ; mas o que antes que Roger de Beauvoir o dissesse, ja elle tinha compreendido que « um dandy é uma criatura cuja intelligença está no nível d'uma sela ingleza » [a comparação do segundo termo da proposição, seria bastante para afeitar-o da carreira, se já não baliassem, essa aflição que elle havia tomado ao estudo em vida de seus pais, e essa perspicacia superior que se acquire nos livros e na observação das cousas deste mundo .

Contentai-vos com essas ligeiras informações sobre Alberto, e procurai saber no decurso desta história, prestando-me atenção, factos que o caracterisam, accões que o pintam melhor do que eu. Assim ficará completo o retrato e a minha consciência satisfeita.

Estavamos ambos em face um do outro : Alberto deitado, aspirando as sumas de um *chibouque*, com esse recolhimento que especialisa os amadores do tabaco, com essa expressão de beatitude que so tenho encontrado n'elle.

A chuva continuava a cair e o silêncio nos opprimia a ambos, mas corriam no ar tantas cousas a diser-se e a ouvir-se, que, uma vez quebrado o silêncio, a conversação iria muito longe. Foi Alberto o primeiro que falou, movido por uma razão poderosa : e que o fumo se havia acabado poucos instantes antes, e o sumador cinza da fornalha extinta.

O criado trouxe luz e renovou o fumo no *chibouque* : Alberto me perguntou com a cara mais séria deste mundo se realmente as mulheres eram de facto o que se diz d'ellas.

Foi muito de propósito e caso pensado que eu não vos falei em mulher quando vos apresentei o meu amigo : porque nunca poderia conseguir, por mais que escrevesse e que faltasse, dar-vos a perceber sequer a maneira original por que elle pensa a semelhante respeito.

Alberto, quando mais moço, inventou para seu uso exclusivo uma criatura ideal, de que não ha na terra o modelo, e que elle gravou n'alma como tipo da mulher que deveria amar. A mulher, como elle imaginou é impossível : seria preciso tocar-se na organização do ser, e como esse acto implicaria uma nova criação, o meu amigo pôde diser adeus à mulher que se ama com esse sentimento intenso que se qualificou de « primeiro e ultimo » na vida. Assim Alberto nunca *amou* ; tem vivido apenas curioso das mulheres, em vez de amoroso, resignando-se à

louca esperança de encontrar um dia ou outro a mulher de seus sonhos.

— Que loucura, meu amigo Alberto! Aceitai o mundo, os homens e as mulheres como ellos realmente são, e não procures o impossível. Montaigne, que intendeu um pouco deste melhor dos mundos, onde tu e eu vivemos a honra de viver, aconsellia-nos a accetar a sociedade, como ella se nos apresenta. Segue o aviso desse bom velho, o intriga-te sem receio aos encantos de amar alguma dama que te tenha comovido; segue o teu caminho: não pares detido pelas sordas da davida — e ama.

Foi assim mais ou menos que eu respondi a Alberto, que continuava a fumar placida e tranquilamente com a cabeça envolvida em nuvens de fumaça.

O silencio não podia durar por muito tempo, que Alberto, dado o primeiro impulso à conversaçao, não a deixaria empatifidecer, principalmente quando aquella cabeça revolvia em seu seio pensamentos e idéas sobre mulheres. Outro qualquer não deixaria passar desapercebida a occasião, porque a mulher hade ser sempre o assumpto menos conhecido e menos estudado. Não ha meio termo, escreve Chamfort — ou conhecê-las ou amal-as. O melhor caminho para conhecê-las, será talvez amal-as; mas Alberto assim não entendia, e para amal-as procurava conhecê-las primeiro. Triste sistema e ainda mais triste resultado! Arriscava-se a correr atraç de sombras, — em busca sempre de uma mulher, que não existia senão em algum romance de cavalleria.

Mas o que sobretudo em Alberto a affastava um pouco do caminho comum, do coração feminino, era a espirito da analyse, que elle aplicava às menores accões, aos mais ligeiros movimentos e pilrases, einda mais essa sagacidade de que era dotado, de ter a alma nas feições do rosto, e o coração no brilho dos olhos.

Em amor é preciso enganar-nos um pouco a nós mesmos, se queremos que ello tenha duração. O primeiro desengano, é o primeiro passo para renunciar-nos a elle. — Alberto procedia de um modo contrario, e veréis no capítulo seguinte, como o meu amigo inda mesmo no seio do amor, e desfolhando as suas flores mais brancas e perfumosas, procurava levar a luz da analyse, ao coração do amante. — Ovi-o.

(Continua).

F. de Vasconcellos.



A FILHA DO MARINHEIRO

A senhora de la Preslay não era feliz, porque tendo o procedimento mais cortez para com seu marido, o barão a desprezava completamente, e que a ferio a principio na sua ternura, depois tambem nos seus interesses:

a vida do dessipação e o jogo, ao qual elle se entregava, comprometiam a cada instante sua fortuna, deixando a mercê de uma mulher frívola ou de uma carta fatal seu futuro, e o de Marcelló, seu filho unico, então no collegio, por isso abou ella, não sómente como uma distração; porem ainda como uma felicidade, para sua casa, desherdada de alegria e de ternura, a vinda deste inocente ser que lhe tinha concedido a Providencia.

Grande numero de annos decorreram, sem que nenhum acontecimento viesse mudar este estado de c. usas; o barão continuava sua vida frívola, Marcelló, seus estudos e Clotilde, cujo pai não tinha aparecido, crescia sob os olhos de sua benfeitora, que se tinha habituado a olhal-a como sua filha, e dando-lhe toda a educação que era-lhe dado receber em semelhante circunstancia; porem um dia tudo mudou de face, e o Sr. de la Preslay, com os olhos arrasados de lagrimas, veio anunciar a sua mulher que toda a sua fortuna estava perdida, e que não lhos restava por unico recurso senão uma pequena herdade na Normandia para onde era preciso partir imediatamente.

A baroneza não derigio recriminação alguma a seu culpado esposo, e ajudada de Clotilde, da idade de 16 annos então, fez os preparativos necessarios atim de deixar para sempre Paris. O Sr. de la Preslay e Marcelló as seguiram, resignando-se ambos ao exilo; um pelo remorso; o outro por orgulho; a ruina de sua familia não lhe permitia mais, dizia este ultimo, ter domínio a dignidade que seu nome e seu titulo lhes davam o direito de ocupar. Pouco tempo depois da instalação da familia la Preslay em seu domicilio, o pai de Clotilde chegou de suas longas e longínquas viagens com a bolca bem garnecida; acompanhado de seu irmão, tambem marinheiro, que com elle tinha partido, e enrequecido da mesma sorte, vinha reclamar sua filha. A baroneza, com o coração despedacado de dor, os olhos cheios de lagrimas que proonrava inutilmente, queria-lhe entregar Clotilde, mas esta recusou deixar sua benfeitora, e, não obstante a colera do marinheiro, que ameaçava desherdá-la, preferio a miseria com aquella a quem devia mais que a vida, a opulencia com aquello que não se deu a conhecer senão como um senhor irritado e exigente.

Os dous irmãos, furiosos, juraram então se vingar dessa recusa, cazando-se cada um a sua vontade e deixando toda sua fortuna as suas novas companheiras; porem longo de se assustar per esta ameaça, a pobre Clotilde, depois de lhes ter pedido perdão de joelhos por lhes haver desobedecido assim, presislo em sua recusa; e mostrou n'isto uma coragem admiravel porque a infeliz menina ja conhecia verdadeiramente a dor: a Sra. de la Preslay, exasperada polo sofrimento, tornava-se cada dia mais injusta e exigente para com ella: o barão a tratava duramente, e Marcelló com toda a familiaridade protectora que se concedo a uma criada gentil, pois que agora ja a pobre menina não occupava outro lugar entre elles.

Enquanto ella sofreria assim, seu pai o seu tio, que tinham comprado um bello dominio na vizinhança da pobre casa, viviam como abastados,

desprezando com soberba, não somente a família la Preslay, mas ainda a Irísle Clotilde, que tinha inutilmente tentado vcl-os para enternecel-los, pois que as ordens as mais severas tinham sido dadas para impedir-a de penetrar até juntos dellos.

Tu virás a nossa caça para sempre ou nunca, lhe tinha dito seu pai.

E ella tinha compreendido que esta ordem era sem replica.

Uma noite, o vento soprava com força, a chuva caia em rajadas fazendo gemer sob suas pancadas as altas janelas da sala onde, sentados diante de um bom fogo, douz homens trigueiros, de talhe quadrado, formas athleticas, conversavam em face de muitas garrafas postas sobre uma meza, as quais quasi todas vazias, mostravam que a conversacão tinha já sido longa e animada.

E eu te affirmo, disse de repente um d'elles dando com a mão uma forte pancada sobre a meza, de modo a fazersaltar todas as garrafas, que es um desmaizado, e quo se eu fosse, como tu, o pai de tua filha ha muito tempo ja a teria aqui.

E depois ? disse laconicamente o outro marinheiro escarrando sobre os licoes, e virando outro copaso.

Depois ! depois !... pois bem ! ella estaria aqui, e nós não nos acharíamos mais sempre sós como velhos ratos no fundo do porão.

Apenas essas palavras foram pronunciadas, passos rápidos se fizeram ouvir, e a porta abrindo-se bruscamente, Clotilde, com os vestidos sujos de lama, os cabellos alagados de chuva, precipitou-se aos joelhos de seu pai, exclamando :

— Eis-me aqui !... soccorrei os, e eu sou vossa para sempre! .. O marinheiro, surpreendido por esta apparicão que acreditou um momento sobre natural, recuou a principio estupefacto; depois, reconhecendo sua filha, levantou-a, e, indeciso entre a ternura e a frieza, a fez sentar a seu lado, e lhe perguntou docemente o que queria d'elle.

— Eu quero que salveis meus benfeiteiros, que estão perdidos senão os ajudares, disse ella deixando romper seus solocos, vos o deveis, meu pai, não somente por mim, mas sobretudo por aquella que tanto amaste, e que do alto céo, sua morada, vos implora por minha voz.

E faltando assim, a nobre moça elevava sobre seu pai seus bellos olhos cheios de lagrimas.

O homem do povo é naturalmente bom, e nesse o amor paternal é um dos primeiros sentimentos desenvolvido pela natureza. Tanto o honesto marinheiro se sentio vencido por este olhar e por esse pedido, que tomando sua filha entre os braços, a apertou ternamente sobre o coração, promettendo-lhe obedecer em tudo, se ella quizesse se obrigar a não deixal-o mais.

(Continua.)

D. M. J. H. Fidal.

O AMOR.

PAGINAS DE UM ALBUM. (*)

Tirai do mundo a mulher e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas. — Realidade, ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da actividade interior, a causa, o fim e o resumo de todos os afectos humanos.

A. HERCULANO.

O amor é um dos mais nobres sentimentos que florescem no amago dos corações; e o germinar fecundo de sublimadas virtudes; é o quadro encantador onde se desenham os mais bellos epízodios da vida, chamma celeste, que purifica os ternos peitos, delicioso alimento das almas inocentes, fonte perenna de infinitos bens e de infinitos males.

O amor, nasce sempre com um rubor, com um sorriso, com um volver de olhos, com um «não sei que» tão expressivo em sua medida, como o mais eloquente pensamento.

O primeiro amor pertence mais ao céo, que à terra - tem mais de divino, que de humano. É puro, como a flor que desabroxa na campina: doce, como um favo de mel das abelhas do Hymetto; ou como um suspiro que foge do coração: terno como o sorriso que brinca nos lábios da inocencia, ou como as caricias de duas pombinhas que se aproximam, se afagam e se beijam... sublime como os lindos sonhos que doiram a imaginacão do poeta: sagrado finalmente, como um pensamento de Deus!...

O amor, pode derivar-se da amizade como esta deriva-se da sympathia, sendo porém mais sublime que aquella, e mais constante que esta.

O amor, é extravagante, por natureza; exigente, por capricho; temerario, por irrelaxão; arcintoso, por despeito; orgulhoso por vaidade; tyranno por vingança: as vezes, mau sem intenção; culpado, sendo inocente! Em tudo, deseja ser obedecido, e a ninguém obedece; de recta leis, e a elles não se sujeita: avaro de gozos, delles jamais se farta!... O seu Dens, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas afseções, as suas alegrias, as suas tristezas, tudo encerra-se dentro do coração, que responde com um palpitar, o palpitar do seu, com um gemido, o gemer do seu; com um suspiro o suspirar do seu!

O amor, é sempre egoista e insaciavel, não se contenta com pequenas convesões: só na posse do objecto amado, é que existe o complemento da sua felicidade.

O amor, surge em toda a parte: ora risonho, como a imagem da esperanca, ou como a face da innocencia, ora triste, como o espectro do

(*) Pedimos desculpa à illustrada redacção do *Correio Paulistano*, e ao Illm. Sr. Reis pela reproduccão deste artigo. Apesar de inimigos captaes das — copias — temos muito prazer em offerecer a nossos leitores trabalhos tão mimosos como este.

desespero, ou como a sombra dos ciprestes que se debruçam sobre os tumulos: ora ameaçador como a espada de Damocles: raioso como a Hyena que escapou da jaula; terrivel, como o raio, que riscando o espaço, derrama a destruição e a morte, de envolta com os aísta afflito, e o pranto do desespero!

Este sentimento do coração humano, a que damos o doce nome de «amor» cuja fonte é a amizade, foi completamente desconhecido na antiguidade (como afirmam varios escriptores,) e deve o seu aperfeiçoamento moral, ao christianismo, que purificando as tendencias do coração, o espiritualisou, tornando assim uma paixão christã que recebe a sagrada sancção junto ao altar da Divindade.

O amor à semelhança do microscópio, exagera sempre ou a grandeza de sua felicidade, ou a intensidade dos seus males: Caprichoso, metamorphoséa a fealdade em belleza! Umás vezes engrinalda-se com as flores da ventura; outras vezes cobre-se com o manto do desespero, e affoga-se em um mar de lagrimas!

O amor, não teme as dificuldades, não receia os obstaculos; não mede as distancias, não vacilla ante o perigo; pelo contrario como que o apetece, como que o procura. Não lhe apraz cantar victoria sem lutar, e portanto elle torna-se cada vez mais forte e por isso mais intrepido, cada vez mais sincero, e por isso mais sublime! E assim que «Leandro» ao ver scintillar os raios da luz signal dado pela sua adorada «Héro,» só por vêla precipita-se no Hellesponto, e depois de lutar longo tempo contra as furias do elemento enraivecido, o atravessa a nado, rompendo afinal, suas carnes de encontro ás aguçadas pontas dos rochedos; ficando seu corpo insepulto sobre as áreas da praia!....

O amor, (diz o eloquente Massillon) nos occupa, nos domina, nos embriaga; encontramol-o por toda a parte, tudo nos representa a sua imagem, tudo desperta em nós injustos desejos; o mundo, a solidão, a esperança, a ausencia, os objectos os mais indiferentes, as occupações as mais serias, os mysterios terríveis o recordam.

O amor, é uma necessidade do espirito humano, é a mola real das nossas accões, é um tributo a que estão sujeitos todos os corações. Na phrase de Lamartine «o homem é de tal modo, criado para o amor, que não se reconhece homem, senão do dia em que tem consciencia de amar completamente. Até então, procura, inquieta-se, agita-se, erra em seus pensamentos. Desde este momento para, descansa, está no essencial de seu destino. »

O passaro ama o verde ramo onde construe o seu ninho, a flor ama a brisa que lhe furtá beijos, o cysne ama a limpida fonte em que se banha, o nauta ama o bello céo da sua patria, a natureza inteira é uma harpa melodiosa entoando hymnos de amor que resoam pelas abobadas celestes, hindo expirar junto ao throno da Divindade! (Continua.)

H. M. dos Reis.

A ESPERANÇA.

FOLHA SÓBRIA

A esperança é o lenitivo da alma!... sem ella o homem morreria de desgostos e pesares no inicio dessa procissão tormentosa a que se chama vida, a esperança consola e reanima o coração ao descer de toda a felicidade. Ela é o iman que nos atrai a vida quando temos esgotado o caix de fôlego desejarmos despojar-nos do manjado dos prazeres para dormirmos o tranquillo sonno da morte!...

O soldado, pobre ente sobre a terra que só sabe gemer e carregar o peso do inadecuo de um destino cruel e mau, e que sujeitando-se aos preconceitos mais frios e ingratos da sociedade o obriga a uma eterna obediencia e a uma vida sempre triste e miseravel,inda assim é feliz, é orgulhoso porque tem esse doce mel que embriaga a existencia, elle tem esperança em seu futuro... e sens dias são felizes... e elle é contente... por outro o fimo negro da fatalha veio a perder as ultimas forças, o semblante doce da paixão que lho socri o escravo della, apercebe essa neiga esperanca que o reanima e que o leva de dentro os povos da terra!...

A esperanca é a crema forte que faz virtuoso e bom, que converte o coração envenenado do assassino que lhe de sangue velho e crua esperanca de um arrependimento prouípio e suave... .

Quando ausentes da terra acude forç desabrochada a flor de nossa existencia, e separados d'aquele mar, que nos ensinou a dar os primeiros passos, que nos cobriu com seus doces beijos, quando separados de nossos irmãos, e que num lugar solitario contemplamos a pereza do oute oco, a gôde de outras flores, o vido de outro mar e o som de outras cantigas, nosso coração se engolfa de uma alegria e dura saudade, e em nossas palpebras para uma lagrima triste e saudosa. Nossa alma e memorema e intuicão os sonhos de outrora, os bracos da infancia, a innoçencia de um outre tempo, nos soffremos muito; muito, porém entre estes pensamentos agitados, por outro estes ansiosos d'alma nem um sentimento ferro e suave, como a gôde orvalho que se desliza sobre a folhada violeta e a faz reviver, esse mel faz o coração palpitâr de alegria, nossa alma se desprendendo do manto da tristeza e da dor, e se eleva onbalada pela doce rede da felicidade, infundimento nos enchenos de satisfaçao, e a esperanca forte, suave e neiga, como o som agradavel de uma harpa cortando ao longo o silencio da noite, vem se depositar em nosso coração, ja murcho pela miseria!... e pela dor!...

A virgem casta e pura que sente arder em seu peito esse fogo sublime do amor e que ve irem-se fundo sens sonhos dormidos, distante do homem que a fez soffrer muito, se com esse sentimento, é firme e inabalavel; qual a rocha que recebe as ondas furiosas do mar e que soberba e firme se conserva serena, assim a donzella recontretrada com o seu amor, re-

cebe os combates de uma sociedade falsa e illusoria, repelle esses elogios mentirosos e constantes, e com a esperança unica companheira crê na volta do amante! . . .

Uma mãe que debruçada sobre o leito de dor de seu filhinho, ouve seus ternos suspiros, que o vê, coitadinho, gemer mui triste, se os olhos já moribundos, e sua alma prestes a voar aos céos, ella sente o frio suor de seu filho banhar-lhe a fronte, porém com a esperança nos labios, no coração e no pensamento, espera ver abrir os labios do semi-morto, e seus dias tornarem-se n'um quadro de ventura para ella: essa mãe, não desanima, espera, e espera feliz . . . porque esse raio da omnipotência de Deus vem aquecer seu coração ja frio . . .

A esperança é o sentimento mais doce do coração, . . . Sem ella o que seria da humanidade?

A esperança, e como o doce cicatriz da brisa que vem embalar e florescer as tristes folhas do lyrio do valle! . . .

F. Montenegro.

ESTATUA DA VIDA

Estatua inerte, insensivel, calma
Mimoso corpo, não conhece a vida,
Pallida estrella que brilhar não sabe,
Perola santa, para os céos perdida.

Jardim sem flores, sem perfume secco
Lodosa argilla, despresivel pó,
Orgulho inutil, sentimento morto
Gelado peito, não conserva dó.

Formosa e linda, alabastrina Venus
E muda e fria, nem um riso tem,
Alma de marmor, sem fé, sacrilega
Aos céos prendel-a nem um sorho vem.

Altar sem culto, sem amor, sem idолос
Religião sem crentes, muda está
Sacrario augusto, esperança morta
Nem um suspiro o coração lhe da.

Vaso esculpido de valor sublime
Que doce orvalho não colheo do ceo
Bello horisonte, mas sem luz, sem brilho
Sempre escondido por funereo véo.

Adormecido, sepulchral archanjo,
Celeste aroma — Nem a Deos orou,
Apenas folhas — desbetada rosa,
Sem ter amor seu coração ficou.

PHISICA.

BREVE ESTUDO SOBRE O ECHO.

b

Chama-se echo o resultado da reflexão do som quando encontra um obstáculo grande e distante.

O ponto em que o som se produz é o *centro phonético* (do grego *phonē*, voz), e o ponto em que elle se reflecte é o *centro phonocómpico* (do grego *campio reflectū*).

A velocidade do echo é igual à do som directo e a intensidade do som não depende senão do tamanho percorrido.

O tempo que decorre desde a producção do som até a sua repetição é de 2 segundos, se o obstáculo estiver a 340 metros, ou 153 braças do centro phonético; isto é, é necessário 1 segundo para a ida e 1 para a volta.

Se o obstáculo estiver a uma distância menor de 17 metros ou 8 braças, o tempo que mediará entre o som directo e o som reflectido será menor do que o de 1 segundo e não será possível distinguir os um do outro, por se confundirem. Se a distância for exactamente de 17 metros, ouvir-se-há somente a última syllaba e o echo será *monosyllabico*. Lendo distância entre os dois centros, 2, 3 ou mais vezes 17 metros, o echo será *bisyllabico*, *trisyllabico*, etc.

Os lugares os mais favoráveis para a producção de um echo, são: as cavernas, as passagens longas e tortuosas, as grutas, os muros, os rochedos, as neves de uma catedral. Pode também produzir-se contra um muro de pedra e mesmo contra as neves. Por isso que ouvimos muitas vezes, depois de um tiro de canhão, um ecoando semelhante ao de trovão, proveniente da reflexão do som sobre as neves; porque nota-se esse phénomeno somente quando elles existem.

Nas grutas e cavernas as ondas sonoras não podendo penetrar, são reenviadas por elles.

Normal observa-se a formação de echos perfeitos sobre as velas de um navio afastado, quando elles estão bem estendidas.

Em uma sala ou quarto parece não haver echo, é engano, elle forma-se, mas, como tem lugar em um recinto fechado, de pequena extensão, não pode ser notado porque, como já dissemos, confunde-se com o som primitivo. Contudo, se a sala ou quarto estiver vazio, vê-se que o som fica sensivelmente reforçado.

Os Architectos costumam formar échos artificiaes em edificios como: theatros, igrejas etc., dando ás abobadas certas formas determinadas.

Chamam-se *échos multiples* aquelles em que os obstaculos sendo collocados convenientemente, o som reflecte-se 2, 3, 4 ou mais vezes.

O som reflecte-se segundo as mesmas dhas leis da luz e do colorico, muito conhecidos.

O écho propaga-se a maiores distancias durante a noite do que durante o dia; isso tem lugar por 2 causas: 1.^a porque o ar atmosferico, é mais denso à noite do que de dia; 2.^a, porque conforme Mu. de Humboldt, o calor do sol produzindo uma designallade de temperatura determina uma porção de correntes ascendentes e descendentes, que rompem as ondas sonoras.

Entre os échos mais notaveis, tanto naturaes como artificiaes, contam-se os seguintes:

O écho de Nancy que repete distinctamente um verso alexandrino inteiro.

No lago de Killarney ha um que transmite a ultima parte de uma aria, tocada em piston.

O écho de Woodstock na Inglaterra que repete ate 17 syllabas durante o dia e 20 durante a noite.

O do castello de Simoneta, proximo a Milao, que transmite um som ate 40 vezes.

A 3 leguas de Verdun existem duas grandes torres affastadas entre si de 27 braças e dispostas de tal modo, que produzindo-se um som na linha que as une, esse som repete-se 12 ou 13 vezes, enfraquecendo-se gradualmente.

No Conservatorio das artes e oficios em Paris, existe uma sala quadrada, de aboboda, na qual observa-se um phenomeno notavel: duas pessoas collocadas nos 2 angulos oppostos, podem entreter uma conversaçao em voz baixa, sem que seja ouvida pelas pessoas que estiverem no intervallo que as separa.

Porem, de todos os échos, o mais extraordinario era sem duvida o do castello de Rosneath, a 6 leguas de Glasgow, que repetia uma aria simples, perfeitamente; quando o 1.^o écho terminava, um 2.^o o repetia, depois um 3.^o, e assim por diante ate extinguir-se completamente o som.

H. Fausto.

REVISTA THEATRAL.

Pobre em novidades theatrais foi esta semana, e pouco tenho que dizer.

Uma das principaes curiosidades foi o beneficio do cégo Morando, que teve lugar em S. Januário no dia 14 com o drama *Pedro*. Apezar da beleza d'essa composição, fechada com a interessante e espirituosa scena comica do Sr. Magalhães — *O calotero em calcas pardas* — e da engracada comedia — *Zuacos* — que tantos aplausos tem merecido do nosso publico, triste e descontente estava o beneficiado, a quem se antolhava a perspectiva de magrissima receita, sufficiente apenas para os gastos de illuminacao, musica, cartazes, etc. etc. Estavam as cousas neste ponto, e dava o beneficiado fractos a imaginacão para ver de que maneira podria sair amosamente d'este apuro : era um problema de difficil resolução !... Finalmente, depois de longo scismar, dà um salto da cadeira exclamando : *Eureka ! Eureka ! ahei, ahei !* e a seu rosto, há pouco tão carregado, assomam signaes de alegria e satisfaçao.

Qual segue á noite o dia, a luz ás trevas

Em seguida faz-se conduzir á typographia, e lá declara querer accrescentar um appendice ao annuncio do seu espetáculo. *Outra faria ou scena romana, talvez !*, perguntam-lhe *Araujo*... *Declarare que a officiade da vanguarda portuguesa Barão de Lazarim irá assistir ao meu beneficiio*. Fez-se o annuncio e o resultado correspondeu à sua espetáculo, dono-lhe quasi uma enchente, mas se foi feliz a lembrança, foi de certo de mau gosto, emfim.

Audace fortuna juvent

No dia 16 fizeram na mesmo theatro o artista Pescatti e sua familia. Abreia da peçaria que desenvolveu, das interessantes séries que apresentava, a concorrencia foi quase nenhuma. Recentes ainda foram as peças de Love, e o publico recebeu levado segredos o que, mas n'esse caso não estao ser desonra, mas sim consciencioso, perito na sua arte, e que carregador de fama, faria-se merecedor da protecção do publico.

O Gymnasio ramalhense, Artos, fez a composição de problematico merecimento e de qual nada direi por já ser muito conhecida.

O theatro de São Pedro não apresentou cousa alguma nova. Annunciou-se o beneficio do Sr. Simões com *Traditio e hontor*, mitilacão da comedia francesa — *Les crochets du pere Martin* — uma scena comica, e a comedia *Traditio e hontor*, mas foi transferido por molestia do mesmo Sr., portanto o ultimo numero pode ei-dar conta do seu desempenho.

João Lobo.

ANTES E DEPOIS

NOVELLA

Continuação

IV

Balzac, continuou Alberto, escreveu uma phrase dolorosa sobre as melhores de provincias; assim ella é tão incompleta como desanimadora. E a seguinte: Em Paris existem muitas especies de mulheres—ha a mulher do consul e a embaixadora, a duqueza e a mulher do financiero, a mulher do ministro, que é ministro, e do ministro que ja o não é; ha a mulher *comme il faut* da margem direita, e a da margem esquerda do Sena; mas em provincia não ha sendão uma mulher, e essa pobre mulher é a mulher de provincia!

Balzac exclui a mulher, que por natureza, aspira a uma esphera mais larga, e como que sente em si e se preza nas conveniencias estreladas e nos laços apertados da sociedade provinciana. Antonieta era uma destas ultimas mulheres. Distingüia-se-lhe nas maneiras, na linguagem, na leitura de seus livros, a mulher que está deslocada do mundo que lhe é proprio. O seu constrangimento era o resultado de habitos adquiridos sem meio d'outra gente, ou desses dotes, que realcam a formosura d'uma mulher, mas que se alcançam depois de longa pratica da sociedade elegante e civilisada.

Pela primeira vez, auxiliado por uma carta de recommendação, eu entrei na chacara do pai de Antonieta. Era tarde; o arvoredo murmurava ao sopro do vento; a noite annunciava-se fria; ella passeava só com sua mãe. Fui recebido na auzenzia de seu pai com aquella cordialidade, e um não sei que de curiosidade, com que em geral são recehidos todos os rapazes da corte. Antonieta, teve para mim as maneiras mais distintas, serviu-se da sua linguagem mais escolhida e descobri nella um certo orgulho, de quem se sente bastante grande em si para dispensar o mundo, e que o regeita nas pessoas, que a vão ver, mostrando-lhes uma superioridade affectada e sustentada.

ANTES E DEPOIS

— *Continuado*

II.

— Meu amigo, dizia Alberto, o amor é, na minha muito humilde opinião, o sentimento, a paixão que mais escapa a analise se a observação. A variedade de seus phenomenos, a diversidade de maneiras de que elle se serve para mostrá-lo, as originalidades, que elle apresenta tornam-no um objecto seductor para todos aqueles, que procuram ver mais do que a superfície das coisas, e estudar os effeitos na natureza das causas. — Mas as dificuldades para o observador crescem ao mesmo tempo com a variedade de factos e de ideias, de que o assumpto se fornece. O que acabo de dizer-lhe é o que faz o desespero de todos os desgracados, que nasceram com uma dose tal d'espírito de análise, que depois de terem-se acostumado a analyzar tudo, acabam por perder as suas proprias impressões e por discutir comigo mesmo o valor de suas emoções; — do que devia ser quando muito um estudo puramente analítico, estes fazem um objecto de pesquisas physiologicas, e citam Beaumarchais e Cabarras, quando Lamartine seria bastante. Não sei, meu amigo, se chegará algum dia a este triste resultado, que observei e comprovei em outros, mas o que te posso afirmar é que esta malha fina (por assim dizer o tecido) de tudo dissociar me tem privado de todos os meus direitos, e de todo o que eu possuo, e que é o que me faz sentir-me sempre covarde, e sem os alumbres do outro, qualquer qualificação de esforço que faça para dar a entender certa classe de razões. Nem mais consigo fazer grandes desgracias, nem grandes felicidades. — Isso, quando fui eu quem o venciado, por certas leituras e depois de certas narrativas, que interveio com o direito de não esperarem o que que seja de agradável, e a condenarem em nome de prejuízos, cuja ação não os abalaram, e que nenhuma de injustiças que não soffreram, porque ainda não tinham o mundo, deixaram-se assaltar por esses terrores, que não eram temores senão nos livros, que decoraram, ou nas sociiedades phantasticas, que as suas cabeças em delírio sonharam uma noite ou outra... Não: não sou eu

deveritavam mais no que viram, do que viram aquillo, que acreditavam tiveram a alegria do amor, figurando-o numa criança gozando de um poder mais forte do que a vida, que por aqua vez sentiu a pureza da presença das crianças. Nem suspirava que os salões das altas classes, dirigiu-se a d. João Mário.

— Nem a maior dança, como julgas, porque quando se tem certa maturidade, isto das parades fessa ordem, o passado serve da atração ao futuro.

— E na juventude, que se começa? — A te entro, sorri-se muito, mas o amor não sorri tanto — Meu amigo, nunca te fiz saber de um dos acontecimentos, que me consumiram alguns anos, de que sinto fala, e que vieram confirmar-me a opinião de que o amor nem sempre consegue triunfar de todos — E ainda uma página de anúncio, que te vou ler.

Continua

S. de Vassouras



AMOR.

REVISAS DE UM ALBUM

Continua

— Quem ramente existiram, tolhendo os vinhos possíveis da Eneida, Sibille, Tasso, Dante e Camões, os diâmas sublimos de Rabelais, Voltaire, o Sófisismo, os exemplos vanguardistas de Vitorino, os mágicos Quatrainians, o Gantete, os quinhentos mágicos de Vitorino, os Jesuâncios, Raphael e Aristides, os esplendores primitivos de São Francisco, e D. Pedro I.

— O amor, é a fonte sagrada onde o poeta vai beber as suas beiras imperfeitas, e a voz do céo que anunzia em seus ouvidos os mais doces alegres, o sopro que o convida a falar fazendo-o sair em sua voz que revolvia as árvores, na relva que matava os campos, na flor que encantava o prado, nos cantos que as aves soltam, no riso que desprende a auroa, os mais recentes mistérios da criação — traduzidos em linguagem mais

Além disso, é comum que surjam os mais belos sentimentos de sua alma, em meio à sua vida de encana e de empulhação.

3.1.2.3. Isso que ilustra o pensamento do comunista, quando se fala em humanismo, é o amor ao homem, respeitando-lhe o seu destino, que é o social, onde esse amor envolve todos os indivíduos, mais locais, as comunidades encantadoras, os círculos mais íntimos, as descrições mais sutis, que sempre reúnem-se como um só grupo, formando um ver-

... é o original, desfe o pintor copia as formas mais belas e
fisionomias de rostos mais peculiares e sedutoras, as posições mais ternas
e suaves de volume, cujos quadros se apresentam repletos de vida e per-
fumados de um ar venoso que envolve a atmosfera de seu ambiente mural; e se mol-
tam com as raias de sombra das paixões, impressada
sobre elas, intensificando a beleza e o encanto.

sentimento, que poorda não o singelo, não é por assim dizer, replicar a mais íntima e incógnita tezinhue da vida?

Quando o amor se apodera do coração do homem, forca-se todo capaz das maiores ações, assim como dos maiores crimes. — Ele é, na实ve então sonante para si, mas também para oente querido, com quem reparte as doces das suas afeções, e que o seguir por toda parte, como a sombra segue o corpo.

Já não lhe são indiferentes ao ouvido, o som ruinoso da castaia, que rompendo por entre imensas pedras, se precipita do alto, formando a vissimo frêvores de estufa, que se extinguem e se renovam com a tristeza do pensamento. Ia descobrir uma doce melancolia nos raios da luna que se atua no crystal da fonte; ia sentir delícias ao respirar o delicado perfume do jasmim que se curva na madrugada esplêndido do lago. Ia curte-se com interesse, para encher a humosa fantasia que o mar encantou com desprêzo sobre a fina área da praia! E a folhinha que cedentinha no ar, o passarinho que descanha seus ternos amores à sombra do verredo, a borboleta que estremece nos arcos com suas asas de ouro em voo velho, o rolinha que gemo com saudade da amante... são para elle vozes de entevo e de lembrança, que vão misturar-se, confundir-se com os doces arroubos do seu coração!

Então transbordando o vóz do seu peito em ondas de melancolia poesia, suscitos lamentos modulam os cissinos ritmos de amores, cantinhos que se traduz em alguns pobres versos, que são apenas o resultado dessa embriaguez do espírito, desse ardor febricitante que mais sabemos sentir do que dizer, porque os lamentos não acham expressões para falar-lhe a pena, recusa-se a obedecer-nos. — « Escreve assim o vicio o que tem a nas folhas sonoras sobre nossas cabeças? (dizia Rafael). O mar escreve o que não de suas praias? Nada do que está escrito é certo. O que há de mais certo no coração do homem, jamais delle sabe. O amarimento e de carne, de fogo a nota. Entre o que se sente e o que se experimenta, há a mesma distância que entre a alma e as vinte e quatro lettras do alfabeto. Isto é, o infinito! Como representar n'uma traça de canha a harmonia das espheras? » Realmente que é assim. São os que vede compreender o que se passa no íntimo de outro coração.

Com

M. M. da R.



A TÍLIA DO MACHADO

Continuado.

Clotilde prometeu, e depois de ter recebido também o recado e as cartas de sua filha, continuou nos dous marquiseis, como havia sido dito, a narrativa da Presa, e a opinião do modo mais tocante os interesses e desejos de sua herdeira, por sua vez, voltou a educação e a formação da herdeira, que tinha encantado, depois disso, a todos, e, sobretudo, ao sr. de la Presa, o paixão pelo qual tornou sua formação e educação uma penitência, confessou que não obstante suas promessas de casamento o barão tinha procurado aconselhar a sua filha a não se casar com o herdeiro, e que, embora esse fosse o seu desejo, os parentes de Clotilde, interessados em casar para intimar que se casasse com outro herdeiro, uma somma de 40.000 francos não fosse suficiente para vencê-lo, e os habitantes expulsos.

— «Mas fui meu pai, seu rico avô, quem me dissesteis: dai este dinheiro que vos dei, que é de meu avô, que sera herdeiro, e eu ficarei sempre junio de vos sem me casar nunca», disse a generosa menina, depois de ter acabado sua narrativa.

— «Aqui, em sua força, no seu credito, passou os herdeiros em forma de herdeiro, e deu-lhe um doce bolo. *

— «O que vos querem trazendo, menina, disse-lhe o marquise de la Presa, e que é que se vende, mas que não sei, e fui mandado para dizer que vos posso trazer ficar vidente? mandou que apressasse. Daí aí que, vendo os herdeiros e rapazes da nação de mais, fiz eu, nessa sembla, o meu dinheiro. »

— «Aqui, menina, Clotilde tornou-se vermelha, e com uma voz que não podia ser suada:

— «Aqui, fui eu, disse elle, que fui dada a vós, e encarei com o que vos contei, que virei a ser a herdeira, a sua herdeira! disse elle, e que, se eu tivesse de casar com o herdeiro, andaria melhor do que pensas. »

E os dois marquiseis viraram seus copos.

Agora, deitada, ficava tranquila, volta para baixo, e se silenciosa, como um animal acordado, mas as suas lágrimas.

Este dia amanheceu, de manhã cedo, o marquise se tinha apresentado a casa de la Presa, e lhe tinha bruscamente oferecido Clotilde com casamento para seu filhote, 300.000 francos de dote, a casa de la Presa, que há muito tempo olhava Clotilde como sua filha, aceitou com alegria, sabendo que se achava presente a enteada, sentiu ao principio o rubor de vergo, que subiu ao rosto temblando-se de unir o herdeiro do seu nome a filha do marquise; porém a necessidade fez curvar o orgulho, e, como a baroneza, elle deu seu consentimento de muito boa

vontade a só Marcello cultivava o casamento, mas seu pai, tendo ganhado o seu consentimento, o casamento ficou decidido.

Então, o honesto marinheiro, mais dispendendo do que queria, e com o pensamento que sua filha iria ser baroneza, partiu logo com o barão para arrumar todos os negócios em Paris, depois de terem marcado o dia, da quinzena seguinte, para irem assinar o contrato do casamento de seus filhos; saíndo de casa, encontraram Clotilde que esperava o momento da partida do seu.

Tudo vai bem, pequena, lhe disse elle alegremente, e tu ficarás mais contente comigo de que esperas; em seguida, depois de ter feito um gesto de adeus seguido o Sr. de la Preslay, se afastou rapidamente.

Clotilde, com o coração alegre e a alma feliz, vinha graciosa para junto da Sra. de la Preslay, quando passou pelas sombras do pequeno salão onde a baroneza estava habitualmente seu nome, que elle ouvia pronunciar por Marcello, a vez estremecer e parar como se tivesse sido fulminada de uma paralysia completa.

Clotilde!... Clotilde!... dizia elle com desdém; mas Clotilde é uma criada, e eu não a quero esposar noua esposa me, não custa o seu dinheiro.

A pobre menina advinhou tudo: então, uma nuvem passou sobre seus olhos, uma montanha de gelo sobre seu coração, e, talhada, montanhosa, ella ouvia sem as entender, as supplicas da mãe desolada, e as orgulhosas recusas do filho, então comprehendeu que aquele era vencido, e com o temor de ser surprehendida, teve bastante força para ganhar seu quarto, onde cabio ajoelhada diante da imagem de Deus de amor imortalado sobre a cruz, para depor a seus pes suas dores.

A lucta que a infeliz menina sustentou contra seu coração foi terrível sem duvida, porque ella amava Marcello, a pobre moça!... Mas a dignidade o sobre orgulho de si, a elevara sobre seu amor, e quando voltou para junto de sua bemfeitora, seu partido estava irrevogavelmente tomado.

A Sra. de la Preslay estava só e anunciou jocialmente a Clotilde o que se tinha decidido, esta, inclinou-se com respeito.

— Será feito o que vós e meu pai decidiram, senhora, disse ella friamente.

A Sra. de la Preslay a olhou surprehendida.

— Eu acreditava tornar-te mais contente comunicando-te o que me causa tanto prazer, disse docemente; porque agora tu serás verdadeiramente minha filha, Clotilde.

Ouvindo essas palavras, partidas do coração, a pobre moça teve grande dificuldade em conservar sua mascara de gelo, porem triumphou.

Marcello, que julgava fazer a filha do marinheiro uma honra da qual ella devia ficar orgulhosa, lepor seu turno cruelmente ferido por esta indef-

força; no princípio que lhece opondo-lhe fúria igual e mos paciencia e o despeito confundiu; e quando chegou o dia em que o contrato devia ser assinado, elle sentiu que o amor tinha sucedido ao despezo que tinha de ser um protesto por esta admirável moça.

(Continua).

D. M. S. N. Teixeira.

PENSAMENTOS

A MULHER.

A mulher é a fraqueza feita força.

E o prisma em que se reflecte a magestade da criação.

E um anjo enviado do céu com plenos poderes de dar a autoridade do céu em definitivo sobre a terra.

Bracarense.

No capital da sociedade, no baile a luz que esconde, seilar a sombra.

P. Eleuterio.

O AMOR.

O amor é a sombra das almas.

E um sentimento que resulta da harmonia entre duas almas que verdadeiramente se comprehendem.

E o único sentimento capaz de embalar os espíritos da existência.

Bracarense.

E o prólogo de um desejo; e de dois corpos se comunicarem depois de duas almas se haverem comprehendido.

P. Eleuterio.

O. CIUME.

O ciume é o calvário do amor.

E' o veneno que actua sobre o coração mais fraco; e que deve sua existencia à suscetibilidade de uma razão pouco esclarecida.

E' uma lima com que o amor desgasta o coração sensível.

F. Eleuterio.

E' o crysol do amor.

Bracarense.

O. CORAÇÃO.

O coração é a cabeça das mulheres.

E' o porto mais seguro em que se abrigam as nossas aféições.

E' o alvo das paixões : desgracado daquelle em que uma vez.

Bracarense.

E' o berço e o ninho de todas as nossas emoções.

F. Eleuterio.

A. CONSCENCIA.

A consciencia é o derradeiro pudor que se perde.

E' o raio luminoso que esclarece o naufrágio de uma alma em erro.

E' o anjo consolador das falsas imputações.

F. Eleuterio.

E' um juiz infallivel: não ha felicidade em oposição às suas sentenças.

Bracarense.

Ver-te e amar-te.

Eu vi-te tão bella, tão cheia de encantos,

O que louco seria deixando de amar-te.

Tais dotes e gracas, mulher, serão tantas

Que amei-te ao mirar-te

Embora tu fosses do céo um adorno

Como essas estrellas, que o céo poucas tem,

Embora habitasse de Deus juntas as turmas

Te amara tambem !

Embora tu fosses desfuntas tempos
comunhantes comigo, teve eu de desfazendo
tu velha e saudosa memória de mim.

Universidade de São Paulo - SP

Que varões estupidos ironam-nos,
Sermos por vira de mulher adorada
Com subido prazer.

Em que tu passas estreita insígnia
Empoeta tu rosto arrestando divino
Amar-te é sempre — que amar-te fervente
Tu amar-te é sempre — que amar-te fervente

Então, aí, é que a gente se encontra.
Das feras humanas do mal, gente fura.
Sempre que tal regras, essas regras amarras

WICHITA CITY DIRECTOR

Thomas Compton.

THE FEDERAL TRADE COMMISSION

1º Acto. — Teve lugar no theatre de S. Pedro o beneficio do Sr. Simão José da Cunha, que amanheceu com a causa cura, apresentando-se de 1000 contos de Réis. — Foi visto se os espectadores saíram, e quando se achou que não havia mais ninguém.

ESTUDOS POLITICAS, 2018, VOL. 15, N.º 3, 303-322

Minha empresta documentação apresenta-se assim demanda ao pai de Cachos, segundo o encilho das quantias que emprestara: o velho recusa pagar. Porém, Mafala leva a tarefa fadada. Não se trata livrar seu filho de coidado, nem também para poupar a sua mother Genoveva tão grande desgosto, entrega quanto possuir, obriga o filho a partir a bordo do

Neptuno que se fazia de vella para Australia, declara que elle proprio perdera os seus bens em arriscadas especulações, e para prover aos meios de sua subsistencia, de novo lanca mão do seu antigo ofício de barqueiro.

Correm os mezes, os annos sem ha etem notícias, ate que a final chega o Neptuno que andara quasi perdido, e que a coragem e dedicação de Carlos devia o ter-se salvado. Com o navio foi tambem salvo o carregamento, que era toda a fortuna de uma grande casa commercial, a qual, em signal de reconhecimento, da-lhe sociedade, ficando Carlos rico e habilitado para reparar os seus erros passados. Jose Fernandes recebe tambem o premio da sua *philanthropia*, pois casando com uma moça linda como uma *camelia*, teve a *cauelha*, para evitai quainter questio acerca das suas transacções passadas, de meter toda a sua fortuna no banco de Londres, e para maior segurança em nome de sua mulher. Esta, para agradecer-lhe a amanhãs libeza, balea linda plumagem e vai destrular entre os bastidores de algum theatro, não se a sua liberdade, como tambem a fortuna do acuado Jose Fernandes. Eis o assumpto do drama : faltarei agora da execução.

A Sra. D. Ludovina «Genoveza» não trepidou em pintar o resto, caracterizou-se perfeitamente, e representou com tanta naturalidade e perfeição que fez o público lastimar não ser muito maior o seu papel para ter o gosto do admirar-a por tuzis tempo. No grito de desespero quando sabe da partida do filho, no seu encantro com elle, no dialogo com o marido querendo preparal-o para tornar o ve-o, não é humanamente possível fazêr-se mais: o coraço comprehende e sente, porém os labios não tem expressões que possam pintar tão soberbos lances. Nua, e este papel das quelles que estão leitos, e que hasta ao artista repetir as palavras com mais ou menos intelligencia; não: foi uma creacão, foi o seu talento que o fez o que elle é e de todo o coração felicitou-a por tão bella creacão.

O Sr. Simões Christodoro em todos os coros do drama trabalhou muito bem; no segundo acto esteve e admiravel: a incredulidade que mostra quando Jose Fernandes lhe diz que seu filho lhe é devedor de uma avultada quantia, o desespero e vergonha que o incomoda em ver que este se humilha deshonrado falsificando uma firma, são bem desenhados, e finalmente quando lhe apresenta o castigo de Jose Fernandes, e na despedida, quando a fulta lhe da o abraço derradeiro, como envergonhado de tal fraude, e o pai irado contra o filho, é o pai que, castigando-o, em um supremo abraço lhe denota que, se o põe como juz, o seu coração de pai se despedeça por essa cruel separação.

O Sr. Gusmão e Jose Fernandes dispensou do letargo em que fazia, e representou como ha muito não representa: a elle, ao Sr. Simões, e à Sra. D. Ludovina pertencem as horas da noite.

O Sr. Lisboa Seabra esteve bom: a Sra. D. Leonor Amelha disse o seu papel com bastante intelligencia; porém o Sr. Galvão Carlos não desempenhou o seu: tomou a nuvem por Juno, julgou representar o *Samuel dos Dois renegados* quando representava o *Carlos do Trabalho e honra*.

Nos tempos de eu, em alguns drames da escola antiga a declamação é bem elaborada, com poesia, mas raramente em uma comédia. Lembre-se que a *Dotôr Zé da Pelegrina* causou-me grande dificuldade de leitura, e se o Sr. Góis não tivesse coragem, e tivesse um amigo, iria dizer em sua casa com alguns amigos, certamente, como fizeram declamando:

A serra cintada *Um como os outros* está escrita como gracioso e espírito, porém a história em aquarela não foi bem sustentada, e não agradou. Desse modo, o autor transportou a ação para o Rio de Janeiro e procurou dar um toque romântico.

A comédia *Brasiliano* é, vidente, tem alguns contrasensos, porém agradável porque foi bem desempenhada. O Sr. Simões fez o que se podia fazer com um papel tão insignificante. O Sr. Barbosa representou muito bem, não exagerou coisa alguma, como faz algumas vezes, como ainda o fez na *Blumenau*, encenação da comédia *Pra causa de um algoritmo*. Isto se porque, quando este é um bom ator.

Forge-Paths.

ANTES E DEPOIS

NOVELA

Continuação

III.

Como sabes, não ha muito tempo, que vivi algumas vezes n'uma cidade de província. Se nada tivesse de que falar-te, eu te falaria de uma cidade de província; mas contenta-te, por hoje, com saber que as provincianas leem conseguido obter casas de vidro, como dizia não sei que moralista de não sei que paiz, para que cada qual não faltasse e não praticasse senão o que pudesse falar e praticar em público. Na cidade onde onde estive levaram elles ate ao extremo o entretenimento de julgarem de todas as maneiras as accões alheias; mas havia nessa cidade uma familia, que, sobre todas as outras, era o alvo de todas as miras, o assumpto predilecto para as conversações enfadonhas de província, que nenhum interesse podem inspirar senão aos do lugar. Ainda hoje mesmo, meu caro, estou por saber o que havia de singular naquella familia para assim chamar, de uma maneira tão inconveniente, a attenção dos palradores. Uma vez ou outra não liveram a attenção de deixar a maledicencia na presença de um estrangeiro, como era eu; e apezar de tudo quanto lhes ouvi, não achei motivo algum que determinasse a aquelles senhores uma resolução tão prompta de tudo analysarem, e do mais insignificante passo tirarem graves conjecturas, que se deshonravam alguém com certeza era a quem as fazia.

Essa familia habitava em uma rua que se affastava do ponto mais ruidoso e do mais largo movimento, que era o lugar do desembarque. Compunha-se ella de uma senhora idosa e de um senhor não menos idoso, respeitaveis pais de uma encantadora menina de 16 a 20 annos, alta, esbelta, flexivel, loura e de olhos de um azul humido, rasgados e grandes. Em meio daquella circumscripta sociedade provinciana, sempre me pareceu aquella moça a encarnação do que havia de mais espiritual em todos os seus conterraneos.

O retrato não é favorecido, antes não está bem parecido. Antonieta, era esse o seu nome, fazia, ella só, o costeio das conversações de meia duzia de rapazes, que lá ha, cuja idade fluctua approximadamente entre 20 e 25 annos.

Estes rapazes, dos quaes me parece se pode encontrar um exemplar em cada cidade ou villa de província, nada faziam, nada esperavam, a sem fortuna certa, que fosse conhecida ao menos, elles realizavam o difficultoso problema de se encontrarem todas as noites e todas as manhãs no mesmo assumpto, e sobre o mesmo objecto, sem nunca sentirem o menor aborrecimento, e achando cada vez mais, uma nova face sob que encarar Antoniela e sua família. Houve mesmo uma semana, meu amigo, em que o espírito de maledicencia desdobrou tão ao largo as suas azas fulvas, que as autoridades do lugar, acordadas como de sobresalto, levantaram-se de pôr um termo a semelhante ordem de cousas. Baldado intento! A família continuou a servir, como tinha servido até então, de melhor prato, para aquelles ociosos, e a um leve ruído, que se fizera no lugar sobre tal negocio, sucedeu a calma; e o pequeno jornal, que se incumbira de ilustrar aquelle bom povo, calou-se igualmente, como todos os mais que tentaram favorecer a família, indagando da vida desses rapazes, e proporcionando-lhes um meio de vida. As influencias mostraram-se, e no fim de contas todos se abraçaram e desejaram-se mutua e cordialmente saúde e dinheiro.

Mas o que principalmente incomodava sobremaneira aquellas cabeças ocias era não saberem ao certo o estado de fortuna do pai de Antoniela, e a maneira por que elle conseguiu, ajuntando cubedões, que todos lhe atribuíssem, a elle, que ninguem via ou constava empregar-se em alguma cousa, o que era uma verdadeira e pura calunia, porque ao depois hve occasião de saber, e de ver que o pai de Antoniela passava as manhãs no commercio, as tardes no seio da sua afazeres domésticos de homem, que tem um jardim e uma grande chacara, e as noites no seu galinete, onde rascunhava papel ate tarde.

Facilitado pela curiosidade de saber quem tanto ocupava a cidade, dirigi muitas vezes os meus passeios por perto da habitação da moça, e a unica cousa que conseguia era el-a passeando por entre as arvores, ou sentada em algum banco de pedra lendo livros, que daria o melhor do meu sangue, para saber-lhes o titulo e o autor, porque dahi eu saberia, por meio de deducoes e de comparacões, acabar o caminho de entrar no seu seio, no character e na maneira de viver daquella moça, e ao depois da familia, cujos hábitos e ideias se manifestariam claramente por meio de um raciocínio bem desenvolvido, por meio da comparacão de muitos termos, dos quaes só tinha em meu poder dous dos mais insignificantes: Antoniela le, ou Antoniela passeia por entre as arvores.

J. V. da Conceição.

(Continua).

O AMOR.

PAGINAS DE UM ALBUM.

Continuação.

Quem soletra nas verdes folhinhas que engrinaldam o velho tronco, um segredo da natureza, uma maravilha da criação, um poder da Divindade? Quem é esse pobre louco que se expõe ao ridículo de uma sociedade estupida, contemplando em extase os derradeiros raios do sol que se se occultam atravez das elevadas montanhas?

Quem é esse que faz os peitos palpitar de jubilo, descrevendo os suspiros da brisa por entre a folhagem, o murmúrio do rio que deslisa por cima de lózentas pedrinhas, a melga canção dos passaros que se embalam nos ramos da laranjeira, a alegria dos prados, o brilliantismo das nuvens, o perfumar das flores, a pureza da athemophera, quando desponta na amplidão do céo a risonha estrela da manhã? E' o anjo da harmonia, é o poeta!

Quem possue a chave d'ouro, com a qual se abre o cofre de santas gracas, o sacerdócio de tantas bellesas, a ambula de tantas perfeições, o templo de tantas sublimidades?

E' ainda o poeta! E quem é a nimpha encantadora, a musa céleste, o espírito divino, o archanjo da poesia, que lhe inspira, tão admiraveis sentimentos, tão meigas phrazes, tão doces palpites, tão amoroso entusiasmo? Interrogae e elle vos dirá com a face radiante de prazer, com os olhos voltados para o céo, o riso nos labios e a mão poeada junto ao coração — « o « amor! » E onde vai elle depositar os transportes da sua alma, os vóos da sua fantasia, a bellesa dos seus pensamentos, os raios da sua paixão? « No peito da mulher!... »

Salve! Ensaçação celeste da Divindade! Magestoso Jordão onde recebemos a purificação de nossos erros! Ignea columna, que nos aponta a verdadeira estrada da perfeição! Nova escada de Jacob, por onde nossos afectos sobem à eternidade, conduzidos nas ázas dos anjos! Salve!

A mother a quem dedicamos os mais puros afectos de nossa alma, à quem consagrâmos as vigílias das nossas noites, a quem devemos os nossos gozos e os nossos sofrimentos, é sempre bella como uma Venus pagã, tem sempre as formas de uma estatua grega, tem sempre as feições das virgens de Rafael, tem sempre a fidelidade de Sara, a formosura de Haydea, o amor de Rachel, a melancolia de René e a innocencia de Virginia como a primitiva Eva, traz a graca no seu porte, o céo nos seus olhos, e a dignidade do amor em todos os seus movimentos. Um manto de primores cinge o contorno de seu corpo nimbos, o brilho das estrelas

não ofuscam o brilho dos seus olhos negros, e nem seus cabellos invejam a ondulação dos ramos da palmeira, ao perpassar das auras matinais; as rosas da mocidade vicejam em sua face e num sorriso tão bello, como o sorriso d'aprila, fulgem seus dentes quaos mimosas pérolas!

— Si falha a sua voz tem mais docura e meiguice que os ternos accentos de uma frauta vibrada ao longe por apaixonados lábios. — Si caminha, debaixo dos seus pés de Andaluzia rebentam mil flores; si assenta-se as gracas a oleam; si ergue os olhos os corações se inflammam; se sorri, alegra-se a natureza; o mesmo sol parece demorar o seu curso para contempla-la!... Mas emudece e chora... então tudo é tristeza! desaparecem as bellezas, as aves cessam seus doces cantos, as flores inclinam-se e perdem os seus perfumes, os astros occultam-se entre as nuvens, por toda parte reina o silencio da desolação, interrompido de quando em quando, pelos tristes lamentos da brisa que deposita suas magoas no coração das flores, ou pelo gotejar das lagrimas que o céo derrama e que deslizam pela aveludada superficie das folhas!...

É que o amor se tuncumbe de colorir com suas fachias tintas, o quadro encantador de nossas sedutororas illusões; é que o amor evadido foro o nosso ser, entorpecendo a nossa razão, apoderando-se dos nossos sentidos, desprende as azas da imaginacão, que sentindo-se livre levanta o voo e divaga pelas ethereas regiões da fantasia!

Essa paixão impura, que por ahi profana com o doce nome de amor, essa verdadeira aberração dos mais elevados sentimentos do coração humano, que tem por principio a imortalidade e por fim a sociedade dos prazeres que resultam do sensualismo; e, e sempre será indigna de semelhante nome! O amor tem por base a pureza dos costumes, a delicadeza dos pensamentos, a santidad das intenções. Como a violeta que se esconde entre as folhas, elle oculta-se nos véus do pudor. Não se patentea com o descarramento, do vicio, não põe em concorrencia o seu merecimento, não se prostetue como essas mulheres da Babilonia, que mercadejavam sua pudicia, nas praças publicas, aos que transitavam e à luz do sol!

Quanto a nos julgamos a prostituição moral, muito mais perniciosa que aquella que se patentea por actos—Este sentimento deshonesto, que se alimenta com a baixesa e com a degradação do espirito, snavisado pelo tinte do ouro, jamais achou asyllo no coração do poeta, que tem uma missão mais augusta a cumprir sobre a terra! O amor do poeta é imenso como o ideal que elle comprehende, e tanto como o seu nome que nunca perece! O verdadeiro amor (diz um escriptor), é相似 ao enxerto, que da substancia de dous troncos diversos forma um só pela sua estreitissima união.

Abramos algumas paginas do Poema campestre de Saint-Pierre, vamos caminhando por um trilho semeado de lyrios e rosas, ouvir o amoroso colloquio que "Paulo" entretem com a sua formosa "Virginia", sentados a fresca sombra das verdes palmeiras, e ao som longinquio das

ondas que beijam a superficie da praia, e vêm misturar-se com o descanso mansas dos passarinhos que alegres saltam por cima das pedras da fonte.

(Continua.)

M. M. dos Reis.

A FILHA DO MARINHEIRO

(Conclusão.)

— No dia marcado, o Sr. de la Preslay, a Baroneza, Marcello, Clotilde e o marinheiro estavam reunidos no salão onde o tabellão lia os artigos do contrato.

— Eis-ahi o dote de minha filha, acabava de dizer este ultimo entregando a Baroneza os titulos livres de suas propriedades, quando de repente a porta foi aberta para dar entrada a um moco vestido em traje de camponez.

— Sou eu, disse elle sorrindo, João Raymundo, vosso vizinho.

— E o que nos quereis? perguntou orgulhosamente o Barão.

— Nada com vosco, disse o rendeiro; porem tenho que falar com a Senhora, e o Senhor.

E com um gesto mostrou a Baroneza e o marinheiro.

— Eu venho, acrescentou elle, lhe pedir sua filha Clotilde em casamento.

Ouvindo estas palavras, todos ficaram estupefactos, menos Clotilde que desmaiou ligeiramente.

— E quem te deu o direito de pretender minha filha? perguntou bruscamente o marinheiro.

— Eu, meu pai, disse nobremente Clotilde estendendo a mão ao rendeiro; ha muito tempo João Raymundo tem uma grande ternura por mim; eu o amo tambem, (e sua voz tremeu ligeiramente pronunciando essas palavras) e fui ainda eu que lhe disse que escolhesse este momento para vir-vos pedir minha mão.

— E por que não fallaste mais cedo, infeliz menina? exclamou a Baroneza deixando correr suas lagrimas.

— Porque eu queria vos entregar vossa fortuna antes de vos tirar vosso filho, respondeu a nobre moça com um doce sorriso; e como João Raymundo me esposa sem dole continuou ella alegremente, vamos-nos tornar vossos rendeiros, tudo irá melhor assim.

— E com' disso testamento Marcello, quem vos substituirá em meu comércio?

— Uma moça de vossa classe, senhor Barão, disse ella deixando escapar um malicioso sorriso; depois, voltando-se, estendeu-lhe a mão com clusão; e a ternura de uma irmã dedicada, Marcello, disse ella docemente.

— Vamos! vamos! exclamou o marinheiro rindo-se ás gargalhadas para occultar sua emocioção. Iudo está talvez mais bem arranjado assim, pequena, porque uma Baroneza e um marinheiro não navegam muito reunidos, e talvez um dia corasses de mim, e penso que uma rendeira e um marinheiro, harmonizam-se melhor; toca pois, João Raymundo, disse elle estendendo sua larga mão ao jovem marinheiro; eu te dou minha filha, mas mudo uma ordem a manobra, porque ainda ha dinheiro no saco, e « sem date » não me vai!

As cousas foram arranjadas assim como o queria Clotilde; a familia de la Prestay voltou a Paris logo depois do casamento, e o marinheiro convidou todo o paiz para as nupcias de sua filha com João Raymundo, nupcias que se fazem hoje.

Depois que o camponez acabou de contar-me esta historia, todo o povo alegre se levantou para por-se a caminho, a curiosidade me impellindo associei-me a elle, e vendo Clotilde, em toda sua nobre simplicidade, sob os vestidos de rendeira que ella tinha querido tomar entrando em sua nova vida, me lembrou este diciado árabe:

— Havia outrora um *atomo* que se queixava de ser abandonado na terra, no fim de alguns annos, elle tornou-se um diamante.

D. M. S. N. F. Fatal

VOLCÕES DA LUA.

Uma questão interessante, e que tem quebrado a cabeça de muitos astrónomos, é o decidir-se a existencia de volcões na lua, e se ella pode ou não ser habitada.

A lua, como sabemos, é um satellite da terra, que apresenta em sua face inúmeras cavidades e montanhas, mais elevadas que as nossas; entre essas elevações distinguimos algumas interioramente isoladas, tendo na parte superior cavidades de formas ellipticas.

Ora, para fazermos uma ideia clara a respeito destas montanhas circulares, comparando-as com as crateras extintas que existem na superfície da terra, devemos reflectir que entre os volcões terrestres, e as

montanhas lunares, ha diferença muito palpavel: é que estas ultimas tem dimensões transversaes muito maiores que aquella dos vulcões, e actualmente é muito difícil o admitir-se que as crateras de vulcões lunares possam existir com diametros tão consideraveis: assim pensa um astronomo nosso contemporaneo.

De mais, o celebre Humboldt claramente tem nos descripto, e ensinado muita coisa sobre o diametro dessas crateras de erupções ignivomas terrestres, o que não se pode applicar para a lua: assim essas montanhas que dizerem vulcanicas, devem ser lidas como analogas a certas eminencias circulares, e mais consideraveis que existem na superficie da terra, e que os geologos denominam, crateras de sublevamento.

Pelas sombras das montanhas lunares projectadas sobre sua superficie, muitos astronomas tem podido calcular a altitude destas montanhas, apesar desse satelite nos mostrar sempre sua face tranquilla; contudo nessas montanhas de penes rápidos, formatura conica, com o auxilio dos telescopios gigantescos, tem-se visto na lua terrenos vulcanicos, tais como se observa no Etna, Vezuvio, etc.

Herschel (o filho) tem distinguido sobre algumas regioes lunares indícios incontestaveis de dejeccões vulcanicas. A cratera denominada Bernouilli tem uma profundez de 6.000 metros.

Herschel (o pai) notou certas mudanças na face de nosso satellite, e imediatamente attribuiu esta mudança causada pelo trabalho de seus habitantes; o astronomo Schroeter apoiou esta opinião: e isto não nos deve causar admiração, porque aqui ha annos decorridos, havendo um eclipse do sol visivel para o sul da Europa, no momento em que a escuridão apareceu, viu-se um buraco na lua, atraeve do qual via-se o sol.

O hespanhol D. Ulloa atraido pelo brilliantismo que ofereciam certos pontos da lua, imaginou ver o firmamento atraeve de nosso satellite. Que vista tão boa não tinha este sujeito !

Durante o eclipse total de 1842 que foi visivel para o meio-dia da França, e que este anno repele a 18 do mesmo mes, no momento em que os astronomas dispunham-se para observar a coroa lumirosa, um pheno-meno imprevisto roubou suas attenções: certas protuberancias violaceas, mostram-se sobre os contornos do disco lunar.

Em 7 de Setembro de 1858 o mesmo pheno-meno teve lugar em Paraguá, no Brasil, segundo li no *Monde Illustré*; ora as sciencias astronomicas que a passos gigantescos tem progredido, nada tem podido responder sobre estas protuberancias que aparecem nos eclipses.

Quem sabe se são vulcões ?

A 3 de Marco de 1794, M. Wilhins viu uma luz sobre a parte não esclarecida da lua, semelhante a uma pequena estrella, e em outro lugar de distancia de 30 leguas de M. Wilhins, o mesmo pheno-meno foi visto, no mesmo dia e hora, notando-se que os espectadores não serviam-se de instrumentos opticos: pois saibam os leitores que era naquella mesma parte da lua onde outr'ora Herschel a 20 de Abril de 1787 tinha

visto em volcão ardente?" por conseguinte nessa occasião estava realizada uma prova decisiva do volcões lunares.

Muitos astrônomos, laes como Laplace, atribuem os acrolitos lançados dos volcões da lua; mas é agora paletear outras razões contrárias a estas.

As manchas da lua resultam da composição pouco homogênea das partes constituintes deste planeta secundário, por conseguinte é provável a não existência de volcões ativos, em razão mesmo da maior parte da superfície da lua estar erizada de montanhas circulares, tendo crateras de dimensões espantosas, salvo se é admissível a hypothese de um fogo central na lua.

Buffon diz que as substâncias vejetais e animais sepultadas no seio da terra, os carvões, as pyrites humectadas pela agua se inflamam dellas mesmas, os betumes são também as causas de incendiarem-se os volcões que têm suas origens nas camadas salitrosas inferiores, sobre o terreno primitivo. O ar, segundo Buffon, é necessário para que o volcão mantenha-se em estado de ignição.

Werner coloca a residencia dos volcões não longe da superfície da terra.

Lamétheric tendo por muito tempo analisado a questão das causas, e sede dos volcões, diz que as substâncias orgânicas, as turbas, enxofres, pyrites, fósseis e carvões, são as causas dos fogos vulcânicos; e um sem número de experiências tem demonstrado que as aguas do mar e aguas doces contribuem para este phänomeno, por conseguinte coloca a sede vulcânica em todos os terrenos, principalmente no solo primitivo e de transição.

M. Breislak discutindo a opinião de seus predecessores, da modificações a muita causa, atendendo a natureza local dos volcões, nos da uma analyse satisfactoria, dando a intervenção de correntes electricas que desenvolve nas ceupódes, a existencia da agua, e substâncias mineraes, que nesses laboratorios subterrâneos desenvolvem o gaz hidrogenio, mas como dar-se isto na lua se ali não existe atmosphera? e nem agua? como conceber-se a existencia de um fogo sublunar?

Franklin.

Continua.



As contas do meu sofrer.

SOMMAR.

Por vezes tenho tentado
Sommar todos meus tormentos,
Mas não posso, pois me nascem
Milhões delles em momentos.

As parcelas ja são tantas
Que me fazem confusão ;
Repito, sommar não posso
Tormentos do coração.

Nem também sommar desejo
O meu ter, meus cabedais,
Porque sou pobre, confesso,
Nem serei rico, jamais !

Mas se é certo que o que tem
Não se diz um indigente,
Diz-me a somma que sou rico
Na desgraça assaz potente.

DIMINUIR.

Se tento diminuir
Com trabalho o meu sofrer,
Meu trabalho não tem fructo,
Porque cede a mór poder.

Despranca nem um vislumbre
Ao menos, siquér, me luz....
Embora, scffra-se o pezo
De cruel enorme cruz !...

Eu bem sei qu' este sofrer
Me abrevia o passamento,
Que a vida me diminue,
Minhas forças, meu alento.
Mas se é certo que é dito
Quem tem menos a sofrer,
Confesso, que sou feliz
Pois que breve heide morrer.

MULTIPLICAR.

Deste meu viver d'espinhos,
De martyrios sem cessar,
Regrescer só vejo penas,
Espinhas multiplicar.

E' verdade, elles recrescem
Aos mil e mil em momentos,
Avivando dentro d'alma,
Cada qual velhos tormentos.
Quaes folhas da sensitiva,
Que se recentem d'um toque ;
Meus tormentos se recentem
D'um pezar ao novo choque.
Mas se é certo a provação
Ser o dote d'infelizes,
Soffrerei ató que o tronco
Se despegue das raizes.

REPARTIR.

Repartir, não posso, em santo,
Riquezas, porque sou pobre,
Quem não tem, não pode dar,
Embora vontade sobre.
Quem apenas só possue
De tormentos abastança,
Não reparte o seu thezouro,
Muito mais sendo d' heranca.
Porque o sofrer que no berço
Mão oculta nos deu,
Mais vale que o vil metal,
Que mão vil talvez cunhou.
Mas, se é certo que quem sofre
É grande no seu penar . . .
Então me digo soberbo,
Sou rico, não quero dar.

PROVA REAL.

A prova real, exacta
Das contas do meu sofrer.
Tire-a-ja, dà-me zero,
Que diz nada, diz morrer.

B. da S. Magalhães.

REVISTA THEATRAL.

Gymnasio. — Quarta-feira 22 teve lugar o beneficio do portciero com o drama *Demônio Familiar* e a comedia *Dominus tecum*. Sendo conhecido o drama, fallarei apenas da comedia, que me fez lembrar da fabula de Esono *Mous parturrens*, prometia muito, e afinal . . . nada! E bem escripta, espirituosa ate certo ponto, porém o final é inteiramente ridiculo: a Sra. D. Clotilde, querendo talvez pôr-se em harmonia com o desfecho da comedia, carregou tanto sobre os *aa*, tornou-os tão agudos que chegou a ferir os ouvidos dos espectadores que tiveram a infelicidade de escutá-los.

Annunciou-se o *Furacão*, e quando esperavamos um cataclisma geral, degenerou em *Dama das Camelias*. Nenhuma concurrencia.

S. Januário. — Sexta-feira 31 representou-se o drama *Dama de Rione*, em beneficio de Sr. Medeiros. A Sra. D. Jesuina, De-Giovanni e Martins trabalharam bem; o Sr. Sales Guimaraes cantou muito; deve exhibir-se neste desfeito. O Sr. Peixoto Guimaraes deve pedir que lhe ensinem a pisar em scena . . . é uma lastima! . . . quando louco de amor, e resolvido a ralar-se, pergunta à condessa se o não ama, pareceu-me que lhe dizia: « *Como vai de saude?... tem passado bem?... ora estou,* »

Os mais artistas estão abaixo de toda a critica.
O scenario é magnifico . . . salas velhas.

Não posso passar em silêncio um facto que se deu na ultima representação da *Kelly*. Fendo o drama, levantou-se uma senhora que estava em um dos camarotes de boca e offertou uma coroa à Sra. D. Jesuina, a qual fingiu não ter visto o brinde que lhe era oferecido: levantou-se então um cavalheiro que estava no mesmo camarote, e, apresentando-lhe a coroa, chegou a chamal-a pelo seu nome: mesmo procedimento da Sra. D. Jesuina, que, apesar de advertida pelo Sr. Magalhães que com ella estava em scena, não se moveu. Vendo isto, foi este recebê-la e entregar-lh-a. E um procedimento inteiramente contrário aos preceitos da civilidade e boa educação, principalmente em um artista, que deve ter toda a consideração para com o publico. Fossem quaes fossem os motivos que a levaram a proceder de uma maneira tão *inqualificavel*, a sua accão foi geralmente censurada, e o publico bem lhe mostrou o seu desagrado, começando uma pateada que, felizmente, foi suffocada. E boni não continuar.

A scena cómica, *O Sr. Bento dos Pontinhos*, composição do Sr. Magalhães, é chistosa, e agradou ao publico, que chamou o autor à scena.

Theatro de S. Pedro. — Mão fado preside a esta empresa. Quando julgamos abandonado o systema do *tudo serve*, ali vem desenganar-nos o desleixo e a incuria da mór parte dos seus empregados. Para que paga a empresa pingues ordenados a um director de scena e a um administrador? Será sómente para os comerem em santo ocio, e louvando a Deus, ou para zelarem os interesses da empresa, vigiando que esteja tudo em ordem é com aceio, para que o publico não tenha de que se queixar? Se é para isto, o seu procedimento é diametralmente opposto. A ultima representação do *Sansão* foi uma vergonha, uma nodoa depois das representações do *Prestigiador* e *Trabalho e honra*. O trainel de montanha que serve para as mutações do primeiro acto estava todo rôto o deixando ver o interior, subiram bastidores agarrados aos pannos das mutações, pegaram as bambolinhas ao desmoronamento, e muitas outras cousas que seria enfadonho repetir, e que exuberantemente provam o desleixo que ali reina. Eis porque pesa o desconceito sobre o theatro de S. Pedro, eis porque desagradam as melhores composições. Não sendo espectáculo em que entre o Sr. João Caelano, com raras excepções, todos os mais vão à scena Deus sabe como!.... A meu ver, devia o empresario chamar a estes empregados *tão zelosos*, e em signal de reconhecimento duplicar-lhes os ordenados.

O mesmo succede na sala do publico. Por que só se vêem taes assuadas e gritos na sala do theatro de S. Pedro?... Pela falta de energia da autoridade que preside aos seus espectáculos. Como homem particular, respeito e prezó as bellas qualidades do juiz que ali preside, mas como autoridade está inteiramente deslocado. Para o theatro de S. Pedro é necessário um juiz energico, que cohiba e reprema as assuadas e abusos que ali se praticam, que mantenha o decoro que deve ser guardado. Não se diga que isso procede dos espectadores que o frequentam, não.... porque sabendo-se que qualquer acto que ultrapasse os limites

da dedencia é severamente punido, ninguém se atreverá a praticá-lo; portanto, enquanto a autoridade não se revestir da precisa energia e não se fizer respeitar, hei de clamar contra ella, e dar publicidade aos abusos praticados à sua vista, abusos de que só ella é culpada, porque: Quem cai, censente.

Theatro Lyrico. — Reuniram-se alguns artistas dispersos e escapatos ao grande naufrágio da *Medusa lyrica*, e deram-nos o *Ernani*. Por emquanto nada se pode asseverar a não ser que se esforçaram todos por agradar, e que se entre elles não avulta nome algum apregoado pelas cem tubas da fama, a isto supre a boa vontade e a frescura das vozes. Attendendo as poucas forças da associação, o desempenho excedeu à expectativa, e o público, aplaudindo-os, fez-lhes completa justiça.

Jorge Lillo.

PROBLEMAS.

Valendo as figuras 10 pontos na jogo do 31, como se hade prefaizer aquella sonha com tres reis, sem ser preciso az?

Com um numero par, dous impares e duas letras alphabeticas, ter-se-há um objecto que possa traser capa, mais ou menos rica?

B. S. M.

Em additamento aos *pensamentos* que publicámos no nosso passado numero, adicionar-nos mais um que se não tem tanto de poético como aqueles, tem certamente muito mais de real e positivo.

CONSCIENCIA.

Palavra em que todos falam e que ninguém conhece; cera molle que se amordaça todos os feitos; boneco de engombo que dança a vontade de seu dono; mercadoria que sempre se vende segundo o preço que lhe é posto.

A. P.

Promete mandar mais algum?

Fomos imossejados pelo Sr. Francisco Correa Vasques com um exemplar da sua espirituosa e interessante scena comica — *As pitadas do velho Cosme* —. Não imilimos opinião nenhuma acerca d'esse trabalho que recomendado pelo aplauso geral com que foi recebido e pela imprensa diaria, não precisa encomios da nossa pena para mais o conceituar.

A minha visita durou apenas alguns minutos; conversamos sobre as generalidades, que são o objecto dadas as conversações d' aquella natureza, e ao deixar-me encontrei com o pai d' Antonieta. A visita recomenzaria com as mesmas circunstâncias e nas mesmas condições, se mo não tivesse apressado em partir, impressionado como ficara pela atitude e pela presença d' aquela moça, e inclinado ao mesmo tempo a meditar sobre aquella visita e aquella família, que acabavam de quebrar a monotonia da minha existência provinciana.

Repeti por algumas vezes os meus passeios á chacara, e as minhas visitas ao interior d' aquella família, porém nada mudara nas relações nossas. Continuava Antonieta a tratar-me com a mesma indiferença superior, que constitue uma especie de orgulho, que conhecendo antecipadamente as misérias da sociedade, evita-a, collocando-se superior a elle por atraencia de a considerar.

Mas n' aquelle recolhimento, em que Antonieta se envolvera não havia somente a percepção dos labores e das grandes dificuldades, com que se lutava na existencia, havia mais ainda: um signal fugitivo de arrependimento, um quer que fosse, que fazia pensar no seu passado. A tristeza, que a cobria com o seu véu, podia ser simultaneamente o resultado d' uma falta nobre e dignamente expiada, segundo as razões d' uma sociedade, que não vê na mulher senão um objecto de vaidade, de solidão e também a disposição d' alma, em que nos deixa o desengano de não havermos encontrado o mundo como o havíamos sonhado, nas nossas horas descuidadas da mortalidade.

J. Vasconcellos.

(Continua).

○ **A M O R..**
PAGINAS DE UM ALBUM.

Conclusão.

Quando me sinto cansado, a tua vista me descansa; (diz elle, Paulo refletindo em seus olhos a innocencia de seu amor) quando me sinto cansado a tua vista me descansa; quando do alto do monte eu te avisto no fundo do valle pareces-me no meio dos vergeis um lindo botão de rosa; se vais caminhando, a perdi que corre ao encontro dos seus perdigotos, não tem mais garbo e nem caminha com tanta ligeiresa; ainda que eu te perca de vista entre as arvores, não me é preciso ver-te para descobrir-te; um não sei que, que não posso exprimir fica para mim no ar.

por onde passas, sobre a relva onde te assentas; quando eu me chego para ti, arrebatas todos os meus sentidos; o azul do céo, é menos formoso que o azul dos teus olhos, e o canto das bengaliñas, menos suave que o som da tua voz; se eu te toco com a ponta do dedo, todo o meu corpo estremece de gosto.

Diz-me qual foi o encanto com que me enfeiticaste? Foi com o seu saber? Mas, nossas mães sabem mais que nós; foi com os teus carinhos? porém elas abraçam-me mais vezes que tu.—Creio que foi com a tua bondade.—Toma, minha querida, aceita este ramo florido de limoeiro, que eu apanhei no bosque; pol-o-bas à noite junto do teu leito. Chupa este favo de mel, eu para ti é que o trouxe do alto daquelle rochedo. Porem antes disso, encosta-te a este peito, nesse descanso, que eu tambem descancarei.

Então, Virginia, derrama no coração do seu querido Paulo estas palavras singelas, mas encantadoras, que revelam a candura de sua alma. Oh! meu irmão! (assim se chamavam) os raios do sol pela manhã no alto destes rochedos não me alegram tanto como a tua presença. Muito eu amo a minha mãe, muito amo á tua, mas, quando te chamam—seu filho—então amo-as muito mais! Os carinhos que elas te fazem, me saem mais sensiveis que os que dellas recebo. Tu perguntas porque me amam: mães, todas as criaturas creadas juntas amam-se reciprocamente, olha para os nossos passarinhos, creados no mesmo ninho, amam-se como nós, e como nós sempre andam juntos. Ouve como mutuamente se chamam de uma para outra arvore; do mesmo modo quando o éco me traz aos ouvidos as arias que tocas na tua flauta no alto da montanha, e que eu repito a letra dellas no fundo do valle.

E tu los os dias, oro a Deus por minha mãe, pela tua, por ti, pelos nossos servos; porém quando pronuncio o teu nome, parece-me que o meu fervor ainta augmenta. Não saes com que instancia peço a Deus que te não succeda mal algum! Porque has de tu ir tão longe e tão alto buscar-me flores e fructos? Como estas cançado! Estás alagado em suor!

E com seu lencinho branco enchugava-lhe a testa e as faces, e lhe dava alguns beijos.

Oh! delicioso sentimento do coração humano! Suavissimo néctar preparado pelos anjos! palavra meiga e encantadora, que adoça os labios o preferil-a! Arca sagrada onde se asilam os mais elevados sentimentos que conduzem o homem a fazel-o penetrar no templo da gloria! Amor! Que os fracos te temam e os maos te proscrevam! Tu és o grande sacerdote deste mundo, o revelador da imortalidade, o fogu do altar; e sem o teu clarão o homem não suspeitaria o infinito!

Felizes dos que vos acolhem, vos veneram e vos comprehendem!

Amor ! Embalde blasfemam contra ti ! embalde te odeiam ! Embalde te caluniam !

Eu te saúdo, porque és a fonte preciosa donde emana a felicidade do homem; felicidade abençoada pela religião do Crucificado, que estendendo os braços sobre uma cruz e do alto do Golgotha, fitando os olhos na humanidade, deixou escapar dos seus divinos lábios este pensamento sagrado: este hymno immortal, esta exclamação sublime: — AMAEVOS (UNS 408 OUTROS !).

H. M. dos Pocis.

VOLCÕES DA LUA.

(Conclusão.)

Herschel em suas transacções philosophicas de 1792 nos refere que estando a lua inteiramente eclipsada observara em Outubro de 1790 a cerca de 150 pontos vermelhos, e luminosos da lua, e atribuiu isto a volcões activos, mais o distinto, e imortal Arago disse: « Eu posso afirmar que o illustre astronomo pasou por uma illusão, veja em duas palavras a explicação desta singularidade. As diversas partes do nosso satellite não reflectem igualmente, e muitas pessoas sabem quanto certos pontos da lua, brilham mais que os outros, nos eclipses da lua, os raios do sol chocando a nosso satellite por um efeito de refracção e pela continuação do efeito de absorção que devem provar, ao passar pela atmosphera terrestre, não poderão produzir estes supostos volcões ? »

Ora, quem attentamente tem observado a lua, e seus pontos luminosos, outra sim tem estudado que a intensidade da luz sinesenta não é a mesma em todas regiões de nosso satellite assim deve pensar com Arago, e Sleng que tambem é da mesma opinião.

As manchas da lua jamais somem-se como acontece com as do sol, em seu corpo não existe alguma cousa que indique a presença da atmosphera, ora, se existisse atmosphera quando a lua passasse perto de um astro devia perturbar seus raios luminosos, como acontece com o planeta Marte.

A existencia de mares ou liquido em sua superfície tambem é inadmis-

sivel, ora se na lua existisse agua esto seriamento que evaporaria-se e faria nuvens e nós cá na terra com os telescopio observaríamos estas manchas variaveis, demais M. Biot muito bem demonstra a impossibilidade de tal atmosphera; logo não pode a lua ser habitada por animaes similhante aos de nosso globo, salvo se Kircher no seu *terrestrial magnet* que fez as regiões ethereas demonstrar o contrario e dar enfim a solução de alguns problemas curiosos, taes como se a agua que existe na lua é propria para o baptismo, ou se o vinho que fabrica-se no planeta Jupiter é proprio para para o sacrificio da missa, etc.

Ha duas especies de montanhas lunares, compõe-se a primeira de montanhas distintas por elevarem subitamente no meio de uma planicie, redondas, e curiosas por extremo, uma dellas denominada Pico tem 9.000 pes de altura: a segunda especie são as cordilheiras semelhantes às nossas, uma d'estas chamadas Apeninos parece não haver formado a principio senão uma: os Apeninos lunares chegam a ter 18.000 pes acima da base e em outra cordilheira da lua ha picos que chegam a ter 25.000 pes de altura; ha finalmente 22 montanhas cujas alturas excedem ao Monte Branco na Europa.

A occasião melhor para se oboervar estas eminencias é nos quartos, ou nos oitantes.

Os astronomas usando hoja do sistema de projecção orthographica já levantaram uma carta do Satelite da terra.

A lua finalmente vem a ser 49 vezes mais pequena que a terra seu diametro anda pela quarta parte do do nosso globo; a distancia media da lua á terra é de 96.723 leguas de 4 Rilometros, sua luz é 300 mil vezes menor que a do sol. Enquanto que a terra gira uma vez ao redor do sol ella gira 12 vezes em torno da terra: sendo sua revolução sideral de 27 dias 7 horas, 43 minutos revolução sincronica de 290, 12 horas, 44 minutos, revolução anomalística de 270, 13 horas, 18 minutos, sua longitude media da epoca $118^{\circ} 12'$, longitude do perigeo $366^{\circ} 10'$, longitude do nó ascendente $13^{\circ} 54'$, a inclinacão de sua orbita vem a ser de $5^{\circ} 8'$, movimento medio em longitude, em um dia medio de $13^{\circ} 10'$ anda em 1 minuto 14 leguas, cada um de seus dias, e cada uma de suas noites tem 336 horas.

Muitas estrelas que cá da terra não vemos, lá na lua devem ser viviveis, uma noite na lua deve ser assombrada dos quadros os mais bellos, e seductores, inumeras as outras que não vemos da terra lá devem não se intellar pela ausencia do ar atmosferico, a terra vista da lua deve ser um astro gigantesco com um diametro appareante a cerca de 2° , soffrendo phases, oferecendo em sua face manchas que apparecem, e desaparecem; e se cá da terra o phemoneno de um eclipse do sol nos causa certo horror, que diríamos se lá da lua visse-mos este velho globo andando 300 leguas por hora, fosse tapar a face do astro que com sua luz tudo vivifica, e abrilibanta !!! O sol eclipsado pela terra !!!

Se no momento que na terra opera-se um eclipse tudo torna-se lúbrico, a coroa luminosa nos arrebata, como não devem o pensamento humano extasiar-se se xcando das plagas terrestres, vai em seu alívio que posar cansado sobre as regiões lumíares para considerar a terra infernista no sol, e a lua, um phénomeno mais demorado: uma coroa luminosa mais tranquilla, e soberba! se não admirarmos a mão do Supremo Arquiteto, somos forçados pela razão arremontar outra vez nesse vônusado para terra, e ahí confessar-mos a Omnipotencia, e Dalladura do Eterno.

Franklin

FOLHAS SOLTAS

VIDEOS

O deslizar doce das horas de felicidades recama las pelo suave perfume das flores de uma existencia placida e alegre, o esvoaçar meigo da bafeante brisa ciciando as folhas da mangueira, o descambiar magestoso do sol para o ocaso, o gorgear terno das aves preludiando as vícosas cores da primavera, o cahir somolento das cascalas reproduzindo esse sem magestoso e bello; emfim esse encantador e sublime painel da natureza que se desenrola a nossos olhos nos apresenta a ideia grandiosa a imagem sublime de Deus !!.

Deus!... o autor do Universo!... o motor da matéria!...

Bens... o recinto do amor, da virtude, a fonte dos bens e da gloria!...

E como não acreditar-se nesse se nossa alma robustecida de fé e esperança move o coração a crê-lo? Como não acreditar nesse, se nosso coração o sente, se nossos olhos distinguem os seus benefícios?!

Para qualquer parte que lancemos os olhos admiramos a sua
grandeza!

Quando o espírito do homem está prestes a desligar-se do corpo e sua alma a exhalar o ultimo suspiro, e que elle contempla esse abysmo em que breve hale lancar-se, e vê por entre o véu da morte, a vida tão suspirada a sorrir-lhe os encantos do mundo que não mais gozará e sente ir pouco a pouco apagando a luz de sua existencia, seu coração ainda palpita e elle erguendo seus moribundos olhos para o céo pronuncia uma prece de amor, seus pensamentos se elevam á Deus, e em

sua alma renasce uma esperança doce e enebriante como o doce acorde dos hymnos dos anjos!... e elle alegre feliz admira a bondade do Senhor!...

A mãe que abraçada ao grupo dos filhinhos mendiga esfarrapada de porta em porta o pão para sustentá-los e o leito para amamentá-los, aperta-los contra o seio e os ensina unindo as suas mãosinhas a rezar a Deus, e a fé se deposita em seu coração!!!...

Encostado ao muro da prisão contemplando a belleza do Universo, e os prazeres da vida, o condemnado no exílio chora a patria e a família, e só tem esperança em Deus!...

O pobre que trabalha noite e dia para matar a fome de sua família nelle espera o fructo de seu suor.

O naufrago que lançado n'uma taboa vê a morte diante dos olhos e a vida pouco distante com a coragem sobr' natural eleva sua alma a Deus e procura socegado alcançar a praia!

Como é magestoso o canto da natureza saudando a Omnipotencia de Deus!..

Como é feliz o homem que se contemplando, admira a sublimidade de Creador!..,

Essas flores exhalando seus doces perfumes, esses passaros formando em seus cantos, essa orchestra de amor e de gloria traduzem a linguagem sublime delle!...

Esse spectaculo medonho e soberbo que se apresenta a nossos olhos quando a natureza se enfrece, essas mil cores que nos deslumbram a vista: nos mostra a sua grandeza!...

E haverá um homem que revestindo-se em si e contemplando esse mundo de magestade se torne a ateu?... ah! não, não creio.

A alma nos sonhos poeticos, o espirito ao perpassar de suaves pensamentos e o coração no amplexo dos doces prazeres, e nos paroxismo da dor, se curva submisso e agradecido à gloria e poder de Deus!...

Meu coração ama a Deus!...,

Minha alma adora a Deus!..,

Meu espirito venera a Deus!..,

Deus poderoso e bom!...

Montenegro

A FLOR

Com razão se compararam as flores com o amor, que uma mulher de olhares ternos nos inspira.

Na flor estão symbolicamente e occultos o presente e o passado, hontem e hoje.

Hontem, o dia das illusões, que nos enchiam de goso; e hoje o dia tempestuoso que nos lembra o prazer passado.

Hoje veemos ostentar-se linda n'um jardim a mimosa flor matisada de
diversissimas cores, exhalando perfumes que nos embriagam; e aman-
hã a contemplamos desfolhada, sem corolla e sem perfumes.

Eis o quadro da vida. Tudo passa deixando apesar si apenas uma
triste recordação.

A historia de uma flor é uma obra de muitos volumes escripta pelo
tempo.

A historia de uma mulher não é mais que uma fiel cópia da historia
deessa flor.

A mulher ama mais que tudo as flores, procurando as mais bellas para
aspirar seus doces aromas.

A flor é a amiga intima da mulher a quem confia ella os seus amores,
prazeres e amarurias.

Quantos suspiros d'amor escapam nos purpurrinos labios da mulher
para se aninharem no formoso calice das flores!

Quantas vezes a namorada denzella murmurá junto à corolla de uma
flor o nome de seu amante! quantas outras lhe pergunta por elle e
quantas lagrimas desprendidas de seus olhos não humedecem as suas
pétalas!...

A flor não viveria sem a mulher, porque ninguem mais lhe prodi-
garia cuidados, porque ninguem sabe cultivá-la como a mulher; e
esta poderia acaso passar sem as flores, unicas amigas a quem confia
seus suspiros, lagrimas e penas!...

A mulher e a flor são duas amigas intimas e inseparaveis, mais do
que isso, duas irmãs. A mulher é flor de primoroso matiz, como ella
chama d'espíndulas e como ella passageira...

Para o homem a flor encerra em si outros pensamentos. A flor é ri-
val que elle sempre contempla com respeito, sem se atrever a tocar-a.

A flor, para o homem, é um objecto sagrado porque sabe que é a
favorita da mulher, a contempla com inveja, porque sabe que sua
amante a ama e porque sabe tambem que é a confidente dos suspiros
que quizera aspirar e das palavras que desejará ouvir.

O homem pergunta à flor pelo amor da mulher, buscando entre suas
pétalas uma recordação que adora, estremece ao ver uma lagrima, igno-
rando si nasceu dos olhos de sua amante ou si é gota crystalina do orva-
lho da manha.

A mulher ama a flor e o homem respeitosamente a admira.

A historia de uma flor comprehender-se em duas significativas pala-
vras—*hontem* e *hoje*, ou passado e presente.

Hontem a flor ostentava-se orgulhosa exhalando suaves perfumes; *hoje*
triste, desfolhada, roja pelo chão, joguete do vento que a leva de um a
outro canto, sem calix, sem perfume e sem cór.

Eis o quadro da vida.

REVISTA THEATRAL.

S. Pedro. Sabbado 8 representou-se o muito conhecido drama a *Gargalhada*, e a comedia o *Tecelão*, e domingo 9 as comedias *D. Cesar de Bazan*, e *Tribulaçao e Ventura*. O Sr. João Caetano, como sempre, esteve admiravel no papel de *Andre*. As Sras. D. Leonor, *Adelina* e D. Ricciolini *Sra. Lagrange* trabalharam bem. A Sra. D. Maria Amalia, *Magdalena*, não representou mal, porém esteve muito agarrada ao ponto, o que, em abono da verdade, poucas vezes lhe sucede. O Sr. Martinho, *Leopoldo*, continua como sempre: tem representado este papel mais de duzentas vezes e ainda não o tem de cor!!!... Suspensão aos labios do ponto, falla fora de tempo, troca todas as palavras, e esfroupa de tal maneira o bello idioma de Camões e João de Barros que, depois de ter passado pelos seus labios, torna-se uma cousa que não tem nome entre os dialectos conhecidos, uma cousa que só se poderá designar com o nome de *linguagem de Martinho*.

Este senhor tem uma habilidade rara: recebe um papel, e na noite do espectaculo, quem o escreveu, seja autor ou traductor, desconhece o seu trabalho; ainda mais, representa-o quatro, cinco, e mais vezes consecutivas... e em cada noite é um novo papel, uma linguagem nova!!! E habilidade de mais!

A comedia o *Tecelão* continua a agradar e é quasi geralmente bem desempenhada. Ha duas cousas, porém, que me não agradam: apresentar-se a Sra. D. Antonina ricamente vestida no primeiro acto, sendo filha de um militar pobre; e não fallar o Sr. Galvão senão por meio de uma enfadonha cantoria.

Na comedia *D. Cesar de Bazan* desempenharam todos os seus papéis menos a Sra. D. Maria Amalia que, com quanto se caracterisasse bem, do papel da marqueza de *Montefor* fez uma velha ridicula e caricata, uma velha de farca, esquecendo-se que é uma fidalga de antiga linhagem, e cujo único defeito é ser feia. Nunca pensei que se pudesse descer tanto em uma noite.

Gymnasio. Foi a scena o *Furacão* melodrama que, além de não ter merecimento algum, foi pessimamente desempenhado. O enredo é simples e já muito conhecido.

Mathens, rendeiro do conde de Luceval, recebe em casa uma pobre orphã chamada Jenny, educa-a como sua filha, e attendendo às suas virtudes tenciona casal-a com seu filho Eloy; porém o conde de Luceval tendo visto a rapariga, namora-se della, faz protesto de tal-a por sua amante, e para seduzi-l-a envia-lhe, como medianeiro neste negocio, um creado seu por nome Germano, maroto dos quatro costados, o qual em nome do conde lhe offerece mundos e fundos. A menina regeita aqueles offerecimentos, porém um terrivel furacão assola o paiz, devasta a colheta do velho Matheus, e um raio incendia-lhe a herdade, reduzindo-o à miseria. Jenny, vendo de um lado tamanho infortunio, e do outro

as inquietudes de Germano que fazia luzir a seus olhos a esperança de poder socorrer o seu bemfeitor, desvairada e sem pezar as consequências de tal accão, segue-o ao castello do conde, porém apenas alli chega reflectindo com mais calma, vê diante de si aberto um abysmo em que esta a desponhar-se a sua honra, e quer voltar para a companhia dos seus. O conde de Luceval, examinando alguns papeis deixados por seu pai, conhece que Jenny é sua irmã, trata-a com todo o carinho, dá-lhe dinheiro para socorrer os seus bemfeitores, promette fazer por elles quanto estiver ao seu alcance, e manda leval-a á herdade na sua carregagem. Sucedem, porém, que Eloy, estando tambem no castello onde forá implorar socorros, presencia a maneira assável porque o conde tratá a sua noiva, e enganado pelas apparencias, volta desesperado á herdade, onde accusa Jenny de ser a amante do conde de Luceval. Neste interin chega o conde, declara-lhe em particular que aquella menina é sua irmã, e com esta declaração fica Jenny rehabilitada; renasce a alegria em todos os semblantes, Eloy pede-lhe perdão de ter duvidado de sua virtude, casa com ella, e voltam as cousas ao antigo estado. Eis o enredo, passemos á execução.

A Sra. D. Adelaide, *Jenny*, a ingenua da peça, apezar de um *sepponha* por *supponha* e outras cousas que lhe escaparam, falla que é um letrado; argumenta philosophia com o conde, e apresenta ideias muito acima da inculta intelligencia de uma aldeãa. Seja a culpa do autor ou do traductor, o carácter é mal desenhado. Porque razão, sendo uma aldeã, apresenta-se no primeiro acto com vesti o e meias de seda?... onde foi uma aldeã buscar aquelle rico véo de blonde? porque razão se apresenta com aquelle comprido vestido preto dos nossos dias? Que desembaraço era aquelle em casa do conde?... onde estavam o acanhamento e a timidez proprias de uma menina que se vê a sós e sem defesa em casa de um homem que não conhece, e que, a seu respeito, nutre más intenções? Descobrii inteiramente a Sra. D. Adelaide. O papel foi mal comprehendido e mal executado. Bem quizera eu dizer o contrario, porém eu não sou eu, sou a revista.

O Sr. Pedro Joaquim, *conde de Luceval*, e Graça, *Matheus*, trabalharam bem, e salvaram a peça se alguma cousa a pudesse salvar.

O Sr. Vasques, *Eloy*, não andou mal; porém onde foi buscar aquella enorme barretina e aquella farda?... seria para provocar a hilaridade ou seria rubrica da peça?... Se é, calo-me; o actor não é culpado dos desmandos do autor.

O Sr. Heller, *Germano*, disse todas as palavras com o mesmo tom, engolio todos os pontos, e vírgulas, e de um papel engracado e espírito-noso conseguiu fazer um papel enfadonho e aborrecido.

A maneira por que foi mettido em scena o *Furacão* denota completa ausencia de um ensaiador. Como é que depois de um furacão, incendio, desmoronamento e quanta calamidade se lembrou o autor de amontoar, aparecem as aldeãs penteadinhas, asseadas e sem a mais

leve mancha no vestuário, como se acabassem de paramontar-se para uma festa?... o que eram aquelles trainéis amarelo-escuros que no primeiro acto, estavam ao fundo da scena?... seriam montanhas?... talvez. Por que razão se apresentam no ultimo acto aquelles residores de arvores sem folhas, quando o furacão derrubou *até a grande noqueira em que se balançavam os avós do velho Mathieu?*... por que razão aparece no meio da scena aquella arvore solitaria, com todas as suas folhas, e que de mais a mais não apareceu no primeiro acto que apresenta o mesmo lugar algumas horas antes?... Nascem e crescem nessaas poucas horas?... Por que razão veem-se no primeiro acto cairrem os ramos das arvores cortados pelo raio, ficando as arvores sempre inteiras?... por que razão?... mas já basta... *Pau sepultado*: o Furacão está neste caso.... já se acha enterrado no vasto cemiterio do porão. A terra lhe seja leve! Tem dado enchentes... de bancos.

S. Januário. — Sabbado foram á scena as comedias *Cosimo* e *Porta falsa*, ambas muito conhecidas. No *Cosimo* a Sra. D. Jesuina trabalhou bem, o Sr. Guilherme, *Cosimo*, não esteve mão, porém o príncipe (o Sr. Guimarães) esteve abaixo de toda a crítica.

A *Porta falsa*, que tanto agradou no Gymnasio, é geralmente mal representada, com excepção do Sr. Magalhães. O Sr. Pereira, querendo fazer-se velho, cobre o rosto com uma espessa camada de gesso...

O Sr. Salles Guimarães, sem dô dos pobres espectadores, atira-lhes à face com um *cum effeito* capaz de fazer recuar os mais audazes. A Sra. D. Magdalena, querendo limitar o seu nobre entusiasmo, entezando o pescoço, diz com toda a seriedade: *é contrario, seccurrer, partero, curretor* e outras cousinhas do mesmo genero. O Sr. Guilherme tem, no ultimo acto, um dito que deve ser cortado, ou pelo menos modificado... deve saber qual é pelo effeito que produz e pela maneira frisante por que o pronuncia. O scenario é cada vez melhor... salas velhas e esfarrapadas... mobilia idem... ha porém nessa peça uma cousa que está acima de todos os elogios. O thema principal da comedia é uma porta falsa encoberta por um grande espelho do tamanho da porta, de sorte que o espelho move-se com ella. Pois sabem que espelho apresentaram para encobrir uma porta de uns quinze palmos de altura?... *um espelho de dous palmos quadrados!!!*... E é na corte que se vêem cousas taes!...

O Sr. Martins fez alterações no *Escacha-peçueiro*... a scena cómica é demasiado livre.

A scena cómica do Sr. Magalhães, *O Sr. Bento dos Pontinhos*, continua a agradar, e é sempre com justiça applaudida. É uma das mais espirituosas scenas cómicas que tem aparecido nos nossos theatros. Parabens ao autor.

A ultima hora. — Percorrendo o Corredor Mercantil de 10 do corrente, deparei com uma catilinaria de um novo barão de Munkausen, que, embuçado com a capa de Epaminondas, qual novo D. Quichote,

me bradava com voz rouquenha: « Alto lá... chegue a bolos, já que se atreveu a tocar no theatro S. Januário! » De certo não desceria a responder ao suposto Epaminondas, pois bem lhe conheci o disfarce, se a palavra *calunia* não tivesse sido pronunciada.

Guia-lo sempre pelo pharol da verdade, nunca fui parcial para este, nem hostilisei aquelle, digo-a nua e crua, e a melhor prova é que, nesse mesmo numero da *Revista*, elogiei a Sra. D. Jesuina, e, convicto da minha imparcialidade, não trepidei em censural-a no que mereceu.

Diz o Sr. Epaminondas que a posição em que é achava a Sra. D. Jesuina não lhe permittia ver que lhe era oferecida uma coroa, que o Sr. Magalhaes não a prevenio, que *esse senhor não interromperia a representação para preventil-a, podendo elle, como fez, ir recebel-a para dars-lhe em occasião opportuna*, que a Sra. D. Jesuina recebeu-a com especial agrado, e que pelas minhas expressões: « *E' um procedimento contrário aos preceitos da civilidade e boa educação* » fui o primeiro a merecer a censura.

Vejamos se tem razão.

A Sra. D. Jesuina estava do lado opposto e de frente para o camarote donde lhe caia o offertamento, portanto não podia deixar de vel-o, e é fora de to la a duvida que o Sr. Magalhaes prevenio-a; alem disto, se não podia esse senhor interromper a representação *nem para preventil-a*, podia ácaso interrompel-a para ir receber uma coroa que não lhe era destinada? Não!... é que o Sr. Magalhaes quiz, de alguma maneira, atenuar a desagradável impressão de tal acontecimento. E' falso que a Sra. D. Jesuina a recebeu com especial agrado: esta senhora nem sequer dignou-se fazer com a cabeça um signal de agradecimento, e se a não collocou sobre a mesa é porque semelhante accão, depois do que se acabava de passar, ultrapassaria as raias da conveniencia; portanto não merece a censura alguma pelo que disse, pois que de certo não é civil quem recebe um brinde e o não agradece.

Um ultimo argumento. Se não fosse verdade o que acabo de expor, e sim o que expõe o Sr. Epaminondas, ter-se-hia o publico pronunciado, como o fez, contra a Sra. D. Jesuina? Certamente que não. Os subterfugios que procurou o Sr. Epaminondas são tão mal arranjados que ainda mais corroboram a minha primeira asserção, e delles collige-se que, *talvez por um momento de irreflexão*, teve lugar esse acontecimento, que, a todo custo quer negar por não sei muito afroso. Emfim... Quem conhece o seu erro e se arrepende, merece indulgência.

Forge Lito.

A declinação do 1.º problema do numero passado, é a seguinte:

Poderá ter-se 31, representando os tres reis — Luiz XVII — Fernando VII e D. João VI.

Do 2.º Seja o numero 50 — 50 em letra romana — L — os numeros impares — I e V — as duas letras alphabeticas — RO —

ANTES E DEPOIS

NOVELA

Continuação

V

Apresso-me, continuou Alberto, em chegar à accão, ao nô do drama. Encontramo-nos, Antonieta e eu, em um baile, em casa de uma sua antiga parente, que tinha para mostrar os seus antigos sessenta annos, emoldurados em um vestido de seda amarella, com ramações brancas e de duas ordens de folhos na barra: era uma recordação, feliz ou não, da sua mocidade, que florescera em 1822. Eu via-a, no seu salão, fazendo as honras de sua casa, com aquella urbanidade toda graciosa, que obriga mais do que ao reconhecimento, quando é exercida por uma mulher moça, e que se torna suminamente ridícula quando a ella se junta a affectação e a velhice da tia de Antonieta. Esse termo — tia — escapou-me da pena; e o verdadeiro se julgarem pelas relações do sangue, a pessoa a quem a dirijo, mas pelas relações moraes entre a jovem e melancólica senhora e a dona da casa, elle não pode em rigor ser applicado. As tias são em geral a peca principal na machina de uma família; peca tanto mais importante quanto menos vista é. Atam-se e desatam-se os negócios de uma sobrinha; e ao imprevisto de um acontecimento, ao apparecimento repentino de uma circunstância, ao inesperado de uma resolução, acha-se ligada uma tia, que ninguém descobre, mas que existe; que governa, mas que não reiña. Não acontecia o mesmo com Antonieta; sua tia sabia apenas que tinha a mais formosa sobrinha e a mais rica herdeira do lugar; esperava tranquillamente, como um acto do destino, o seu casamento, que lhe proporcionaria a oportunidade de mostrar ainda uma vez o seu vestido de ramações, que nesse momento provocava o espirito e o riso dos seus convidados. — Data do primeiro reinado. — O vestido ou a proprietaria do vestido? — O padrão atesta quão informe era ainda o gosto público na mocidade daquelle vestido; as modistas estavam ainda por inventar. — As marquezas do seculo XVIII deveram usar, senão daquelle padrão, ao menos daquellas cores vivas e antipathicas; assim, aquelle vestido é uma recordação histórica, mas tristeza pelo estudo. — Estas observações maliciosas faziam-se a um canto do salão entre uma duzia de rapazes, como os ha em todos os bailes, que deixariam de falar para dansar, se já não tivessem deixado de dansar para falar.

Antoinette estava sentida tão perto do lugar onde a maledicencia, maledicencia fina e viciada, mas sempre maledicencia, se desdobrava com matadura impiedosa, e evitava a conversaçao, humilhada e silenciosa, não ousando levantar-se, para que não houvesse mais um pretexto para os palhaçotes.

Elle observava-a com doce e com curiosidade ao mesmo tempo; conhecia a agonia em que o seu orgulho lutava com a sua vaidade; marcaria, com uma exactidão notável, os graus por que ia subindo a sua indignação, até chegar a manifestação.

Tinha o rosto corado, a fronte enrugada, e despedia dos olhos um olhar indeterminante sobre o salão, e ao mesmo tempo cheio de uma oleira que a edacação obragara a calar, como se não ouvisse o que se dizia, ou queria ser um suplício.

O vestido das ramagens de sua tia far-lhe-hia sofrer tanto? Será verdade que é um martyre para uma mulher offendê-la, ainda mesmo indirectamente, na sua vaidade? Não haveria naquela cidade, naquelle reino, entre todos aquelles homens moços, um rosto que não lhe fosse repulso, um olhar que correspondesse ao seu, um homem, cujos movimentos e cujas parases fossem analysadas por ella? Impossivel.

— Aquelle vestido implica esta pergunta, já estabelecida por Gavarni: «Qual é o rasto e onde começa a caricatura?» — Os vestidos velhos de uma mulher moça guardam ainda alguma graca, alguma forma, alguma consa de quem o usou, mas o vestido velho de uma mulher velha é uma multidão que se não explica, é um objecto sem valor moral, no primeiro caso a admiracão é possivel, no segundo, um momento de antennao já é um rasgo de heroísmo. — Entre aquella senhora amarela como o seu vestido, e aquelle vestido velho como aquella senhora, há relações intimas de connexão, que o proprio Balzac não explicaria. — Completam-se num a envo, são partes integrantes de um mesmo todo, explicam-se mutuamente. Já o disseram: ainda haveremos de voltar ao estudo das sciencias sociais. — A orchestra começara uma valsa que Antoinette me havia prometido. Fui ter com ella, e depois de havermos dado umas duas voltas, estabeleceu-se entre nos o seguinte diálogo:

— Esse valte não marcha para V. Ela ouvia-nos feliz... tenho-a visto tão precepcionada, tão triste como nos dias ordinarios. Parece que para as senhoras um baile não oferece tanto prazer senão quanto elas nenhuma querem dar.

— O baile não dá alegrias a quem não as tem, nem dissipa a tristeza sentindo-as que tem. — Outras de escoçes em uma valsa que há pessoas que só sabem dizer: «Pessoas de coracao e que não querem...»

— Oh que ralo... — disse eu rindo.

— Que não querem ou que não podem ser consoladas. Querer e poder neste caso são synônimos.

— V. Ex. dá-me licença que seja franco ?

Antonietta riu-se como que prevendo o que tinha a dizer-lhe.

— A sua preocupação constante, o seu trato frio e indiferente, a gravidade da sua conversação e os seus julgamentos sobre a sociedade affligem-me e assustam-me sobre a sua felicidade, minha senhora.

— Permita-me agora que seja franco por minha vez ?

Inclinei-me.

— Eu sofro por mim e sofro pelo homem que me ama e que eu amo : sofro duas vezes. Bem vê que a minha tristeza é legítima : se estivesse alegre, teria remorsos ao depois. O contentamento é para aquelles senhores que fazem espirito. Temel-o, minha família e eu, recebido em nossa casa como um amigo ; o senhor já conquistou as simpatias de minha mãe e a amizade íntima de meu pai ; começa agora a conquistar as minhas confidencias ; pedir-lhe segredo seria ofender a sua discrição, assim . . .

— Mas promette-me ao menos narrar-me a sua historia ?

Antonietta desatou a rir. Sua lá passara diante de seus olhos . . . em uma volta de valsa !

(Continua).

F. Vassouras



IDEA SOBRE UM LIVRO.

(SOMBRIAS E SONHOS DO DR. TEIXEIRA DE MELO.)

I.

Nem sou eu o primeiro a fallar do autor das *SOMBRIAS E SONHOS*, o Sr. Teixeira de Melo, nem o ultimo a render-lhe o incentivo merecido. Muitos são os que dele se têm ocupado; mas poucos os que têm publicado o que a respeito pensam : e, destes poucos, muito pouco se tem colhido, porque do que se tem manifestado, vê-se claramente que quasi nada se tem dito.

A não ser uma pequena narracão de alguns defeitos do autor a que ora me refiro, defeitos que se a boa critica não os elegia ou aplaude, ao menos não faz delles cavallo de batalha, apresentando-os como o fruto de suas applicadas investigações, nada mais falso lido do que um ou outro frio e laconico elogio.

Praze, porém, ao céo que aquelles que ainda teoham que dizer, a respeito das sombras e sombras, não sejam tão severos e resuados, como os que falam de procedimentos, ou se o fizerem, não vandem os olhos, ao dizerem: « Os nomes e os títulos da critica literaria manda que se pare, se veja, se repare e se aprecie; em fim, o mérito do autor que se queira. »

Já val tempo em que, sobreindo os dertos de soberania no juizo que se deverá dar a qualquer producção literaria ou scientifica: hoje o autor é julgado pelo que se acha a proporção ao maior ou menor numero de leitores que em torno se juntam, ou de principios que na obra se desenrolam, e de tal modo maior é a menor somma de conhecimentos e cultura que se vê no autor que se tem em vista analyse. E é por isso que pessoas de cultura e de mérito que se dão a estas simplices composições consideram a sua obra com indiferença. »

E preciso concretar-nos que estamos em uma época toda de melhoramentos e perfeccions, e que o progresso e o civilisacão tem encontrado o seu campo principal na juventude, que está viva de esperar dia mais se aperfeiçoando nos critros do bom gosto, e desenvolvendo-se nas rejas de bons sentidos, que nessa sorte todo aquele que tiver no mundo a presentar-lhe uma desfachanta rhythmica, oratoria, ou um qualquer parêncexo, para mais tara da que repetir-lhe aquillo que este já sabia, não se importa de se lhe apontar ao dedo. »

Entendemos, é o sistema que vai guiando a nossa mocidade nas suas operações analyticas. O autor que lhe caiu nas mãos é julgado, não pelo que tem dito, mas pelo que tem de não, e esse não é muitas vezes aquello que desculpa Horacio: « *Quandoque bonus...* »

Não quero que não se aponte defeitos em um escriptor, não, julgo ate esse um meio de corrigir o; mas não posso levar à paciencia a que deixa nas apreçoabilidades aquelles topicos donde resalta o bello, e donde muitas vezes se vê o sublime. »

Voltaire, a aguia de Luis XIV, esse espírito mordaz e penetrante que, contra um rei de charco, instava por entre a populaçao, que cega o venerável, para quem Latomie não passava de um mediado fabulista, dizia atacando os autores: « *Câmpes cala sempre em laes disparates* » para dizer que os seus escritos eram ridículos, ter pelo Vasco falar com Ulysse e Penélope, e dizer a francesa admirar o por que Câmpes narrava os feitos dos episódios, copiava arte que lhe parecia divina, disse: « *Pour ce que monsieur enfin que l'autre est plein de grandes beuilles, plusieurs fois, depuis ces ans il fait les delices de une nation spiri-* »

tuosa, se é uma qualquier critica sobre uma obra qualquer, tem-se e deve dizer de seu autor: « *Câmpes, porém, quando do segundo não se faz uma obra clara no proprio.* »

Se uma obra merece o trabalho de uma analyse, não tenha esta só-

mente por fim apresentar defeitos no autor; nem tudo se também de justa e intelligentemente não occultar o que há de útil e agradável no desenvolvimento da leitura que comprehende para que verdadeiramente não perca o tempo o leitor que se dispõe ouvir a...

Quando Azevedo (M. A. A.) analysa o *Jacques Rolla* de Alfredo de Musset, o *Aldo*, o *Rimado de Jorge Sand*; quando dirigindo-se para as plagas do norte ali estuda a *Arabia* e a *Índia*, e vai depois a *Portugal* distinguir a *phase heroica* da *phase negra*, isto é, os vultos de *Ferreira* e *Camões* do *de Bocage*, o *engenho durmindo na perdida*, e como Marlowe — *suicida do corpo e alma*, não haverem se não encobriu com tal leitura, e quem não aprenda mesmo de semelhantes analyses.

Lêdo lord Byron por Mme Louise de Bellac, e vede se em cada uma de suas páginas, não vedes o mesmo Byron falando... E entre tanto uma analyse das obras do libertino inglez.

E assim que um trabalho crítico tem merecimento, é escolhendo-se o que há de bom, porque esse é um meio de trair os defeitos, e não apontando-se o que somente é máo, porque desse modo leva-se a crença de que nada há de bom.

Não me arvoro literato; não tenho os foros para tal fim necessários, que, sei, importam tempo e estudo; e por isso não analysarei a obra de que falei-vos no princípio; destino-a antes para mais bábeis penas. Sómente apontarei alguns trechos, com algumas observações, que são pareceram verdadeiras, os quais têm escapado a apreciação daqueles que têm analysado as *SOMBRAIS* e *SONHOS*...

(Continua.)

Eustáquio da Silva

O SR. ANDRÉ.

I.

Em uma chacara no campo de S. Christovão, vivia em 1842, uma nobre e honrada familia da província de Minas, composta dos chefes e de uma interessante menina de 15 annos de idade. D. Brites era o modelo das virtudes e das gracas da infancia; era um anjo com toda a sua loucainha e candidez.

Na cidade de Ouro-Preto, nascera sobre aquelles frias serranias essa mimosa Bôrsinha, que aos raios do sol esplendido do Guanabara,

desprezelhava-se vivendo uns dias de tranquila felicidade que lhe antebhava o futuro.

A família daquela minhoca possuia uma considerável fortuna, e de an-

temão se podia avistar o grande número de pretendentes á sua mão para esposa. D. Brites, invicta e alegre, sorria-se maliciosamente todas as

vezes que a Dona Paula lhe apresentava a proposta de um novo can-

didato.

— Andam cedo, minhoca ! dizia ella, e correndo ligeiramente la pe-
diria sempre nova teletta, e o bivo do velho sempre condescendente
despedia polidamente os namorados das graças e perfeições de sua filha,
despidos politicamente os namorados de seu bello e aruado dor !

Entre os pretendentes, o mais a festejada era D. Fernando, o pai de
Figueira, que era o mais novo da comendador Fernando, o pai de
D. Brites, não sentava nem pensava n'outra cousa senão naquella união
que lhe auguraria repetidamente o comércio.

D. Brites estava em tanto das ofidelhas enternecidas do Sr. André,
como das mais doces e veementes protestos dos *icos da moda*; porém, se
estas desanimavam os corações de servirem de brinco à uma caprichosa e
traversa menina, aquelle seguia com duplice tenacidade nas suas in-
tendes.

Na conciliação dos homens de comércio uma força de tão grande con-
tudo, em que não lhes augurava o náujo, assim como nos cálculos de
astronomia, uma força de gravitação no desenvolvimento desse — o.

II.

Existe também uma lei constante e invariável na organização geral do
mundo, que depois dos grandes efeitos, seguem-se poderosas reacções :
assim, entre uns meses, que se sorria nas declaracões do Sr. André, e
das possíveis homenagens dos *icos*, chegou um dia em que os sorrisos
fugiaram-lhe das labios, e corasas faces, e sentio sob o fina gaze de seu
vestido o cerco baler-lhe, como buca o sentira ate então !

Poucos dias antes, lhe havia sido apresentado em um *soirée* que deu o
comendador Fernando, um elegante manube, cujo nome era geral-
mente respeitado, e de um advogado batil e talentoso. O Dr. Augusto, sem possuir uma grande fortuna, vivia satisfeito e feliz da
pequena fortuna que recebera de seus pais, em uma pequena e ro-
mântica casa da rua da Figueira, onde entregue continuamente aos
estudos, conquistara sólidos conhecimentos.

Vendo a miniosa filha do comendador Fernando, admirando na-
quelle teste o trânsito das belezas celestes, o jovem advogado
compreendendo chegada a hora de pagar o seu tributo ao travesso me-
nino vendado !

Depois de uma volta de alguns momentos, em que sentia o coração
daquelle anjinho palpitar de encontro ao seu, até então virgem de

amor, o moço comprehendendo que dali em diante sua vida seria um ermo, se aquella angelica menina rejeitasse os afectos ardentes que sentia provar seu peito. Porem mal! Sess corações voaram na mesma direcção, arrastados pelo mesmo fúndo, e no fim do corredor o moço estava radiante de felicidade: a jovem Brites, pela primeira vez pensativa, o Sr. André, fúmoso como um dragão, pelo presente que aquella tristeza roubava-lhe a esperança do dote!

(Continua.)

JOÃO DE BARROS.

O *João de Barros* é um passaro muito vulgar na província de Minas, e que revela por si só que Deus estabeleceu no universo uma admirável harmonia.

A grande habilidade que o Castor apresenta na edificação das suas moradas, em formar esses diques que reparam as torrentes, é um facto que desafia a nossa curiosidade; porem, a pequena casa que o *João de Barros* construe nos galhos e raiagens de altivas arvores, a simetria que se observa em seu aposento, e o plano adaptado as suas comodidades, por si só basta, para excitar a mais tiva admiracão.

O *João de Barros* é um passaro regular, do tamanho de um Birro, geralmente da cor de oliveira; o canto alegre e com certa particularidade que não se pôde descrever; este passaro é singular edifica sua morada, como dissemos, nos galhos das arvores, disposta da maneira seguinte: a casa tem uma só porta, que dá para uma pequena sala, na qual há outra porta, que dá para um quartinho, convém notar, que a disposição da sala, em sua forma geométrica, em relação ao quartinho, apresenta a forma de um spiral, forma que serve de obstáculo para que os Tucanos ahi não penetrem seus compridos bicos, e não crasem os filhos a seus filhinhos.

O *João de Barros* edifica suas casas desta maneira: primeiramente, o macho, e a femea amassam com os pés na beira dos regatos, rios, ou pantanos, o barro, misturado com capim, ou outros detritus vegetais que encontram à superficie desses lugares; depois de amassado levam-o ate alongar destinado à construcção dos aposentos; depositado ali começa um a estende-lo na superficie do galho da arvore, e a aplaná-lo com o bico; é o assoalho da casa.

Depois disto levantam as paredes laterais, conservando sempre o lugar da porta: chegadas as paredes à altura de meio palmo vão fechando o tecto; dando por tudo o diametro da altura do edificio cerca de um palmo: concluído o tecto, formam a parede que divide a sala do quartinho.

Vai passar pode cair de agua molha-se todo, e sentando-se nas paredes de sua casa, em a esborracha com suas asas, e começá depois a trabalhar. Muitas vezes tive oportunidade de observar o seguinte facto, que é cheio de curiosidade: a cabedal a quantidade de barro que o ouriço tinha conduzido, o archimero deitava em reservatório que tinha a dentro da outra la se protegendo, e quando o tempo se fez de ar quente, o tempo em um capricho de longa responda o outro passaro, e logo vinha este trazendo a barro.

Quando os passageiros as mais das vezes e alternando um condiz o barco e para o cais.

Na vante de que lhe nos surpreende, e desafia a nosso curiosidade.

Quando o fenômeno sugirir que o local de furto apresenta o de edificar a porta de sua casa, para acenhar ponto do horizonte, menos sujeito a intrusões, e quando, tempos depois, se encontra um muro de casa, e os mesmos intrusos lobiam outra direção no horizonte, estes passarões novamente ajoelhando, outras moradas.

Os camponeiros de Minas costumam a indicar de que lado do horizonte será mais chuvoso no ano que decorre, fazem observando para que lado do horizonte o *João da Barros*, edificou a porta de sua Brejadeira.

Assim, pois, neste anno de 1861 as portas estão para S. O. nas casas que vêm da vila de Aveiro, e se execta que as tempestades nenhers
vêm das terras da de N. L., porque a parte de S. está munida de portas,
e a parte de N. L. não tem portas.

É judeu. Deve ter adorado uma singularidade conjugal, se não do casal, ao menos de um deles. Bem-sucedido.

Alento, que é o que quer, um balaio de cipó festejado, e o esposo
corre, roubando seu balaio, e sua cipó festejada de serra.

É não só um espetáculo de humor, mas também de amor, e digno de se estudando todos os momentos que se vêem, a maior harmonia que existe entre todos os atores.

GRANITE 400-500

Resumo da Reunião de Fim de Ano - 1998

Franklin

AMOR.

Marilia, meus olhos viram uma flor tão pura, e tão bella que a sun com
atrevia-se a emular a de tuas faces! Era uma flor colhida nos jardins da
aurora perfumando o vento, que roçando-lhe o calos seio vinha roubar
lhe um beijo de ternura!

Era uma flor das que vicam nos vergeis desse pequeno tyranno, que
achando-se no peito de algum insensato, como um alvo para elas atre-
messia os seus farpões! E contemplei-a... ella era o resumo de todos
os encantos que se podem ver nos céos e na terra! Não a conhecerás tu? —
Vai, Marilia, mirar-te na lisa superficie de um lago, ou coloca os teus
ouvidos no meu peito, e escuta esse nome que o meu coração profere!

Cada pulsão, uma letra, cada arquejo, uma syllaba, e o seu amor,
uma palavra! Amor! palavra doce quando pende dos labios da donzella;
amor!... insondavel mysterio quando o profere apaixonado poeta;
amor!... louco delirio do mancebo desvairado; amor!... ardentes
chammas de incendido volcão!

Por ti, se escuta no escondido ninho, o lento pipillar das aves; por ti,
elevando-se o homem em profundo meditar ao creador reconhece o seu
Deos, e procura observar as suas leis; por ti, apraz a donzella os deleites
da vida, quando filtras em sua alma tem magico poder!

E' pois, Marilia, n'este momento que o amor nos oferece os encantos
dos gozos divinos, e nos faz olvidar os seus apreciaveis deleitos. E' neste
momento, doce, como a expressão da virgem, profundo, como o pensa-
mento do poeta, extreme, como o do mancebo delirante, ardente, como
os desejos dest'alma.

Oh! Marilia, eu te amo, como nunca se amou.

B. * * *

AO SOL.

RETRATO.

Que fazes — possante — no ar dominando
Teu fogo espalhando — por montes e vales? —
Revela quem deu-te tamanho poder:
Revela o teu ser — revela, não cales.

O mundo se agita a penas despontas,
Apenas apontas—ao longe fulgindo ;
Mil hymnos da terra ao céo se levantam
Das aves que cantam—aos nípios fugindo.

Do prado as florinhas esperam contentes
Teus beijos ardentes reflectos de amor,
A relva mimosa de orvalho banhada
Espéra curvada—teu doce calor.

Em toda a Natura renasce alegria
Apenas o dia—em teu carro se mostra
Até do deserto e selvagem seroz
Correndo veloz—contricto se prostra.

Que mago deleite, que doce langoor
Teu vivo calor—nos lança dos arcs
Nas horas da sésta, lá quando dominas
As verdes campinas—o leito dos mares!...

Então tu imperas da brisa aos bafejos
Mil loucos desejos—fazendo sonhar,
Porem—sobranceiro—ao mundo sorrindo
Tu vás proseguindo—no teu caminhar.

E quando completas teu gyro no espaço
E vás no regaço—do mar t'inclinando
Que santo mysterio! que doce magia
Que meiga poesia! vás tu espalhando!...

Do prado os cantores te mandam do seio
Em doce gorjeio canções sonorosas,
Nas azas da brisa te mandam as flores
Suaves odores—das petalas mimosas.

Oh Sol!... quem és tu, que já dessa altura
A todo a Natura—dás tanto explendor?...
E's rei do Universo do céo habilante
Ou facho brilhante—nas mãos do Señor?...

Ah !... diz-me o segredo de tua existencia
Revela a essencia—que encerras contigo
A' luz de teus raios em basta floresta
Nas horas da sesta— *conversa comigo.*

A. J. de Sousa.

Junho de 1864.

CHARADA.

Cinco, seis, um tenho em mim :
Se uma perna se me ajunta,
Uma tripeça é meu fim,
E em tal caso a quem pergunta,
Responderei bem, assi :

— Já não stou lá, stou aqui. 1

Quanto a nós todos deyeu
Nos ullimos transes Roma ? !
Porém da mim se esqueceu,
Nem de minhas irmãs toma
Nota, ou menção faz a historia,
Que aos companheiros dá gloria. 2

CONCEITO.

Lembro Lucio Junio Bruto,
O inimigo dos tyranos ;
Mil horrores executo,
E combino horrendos planos,
Porque obedecer não posso
A' regra do Padre-nosso.

J. J. Correia de Almeida

REVISTA THEATRAL.

S. Pedro. Teve lugar o beneficio da sociedade portugueza *Amante da Monarchia e Beneficente* com todo o spectaculo annunciado. O drama já todos o conhecem : é uma das mais belas perolas da corda srtistica do Sr. João Caetano. A poesia *Vasco da Gama* recitada pela Sra. D. Ludovina é bem escripta, e em toda ella transluz o entusiasmo pelas cousas da patria.

Sexta-feira 14 representou-se *A mãe e a filha* excellente drama de assumpto familiar, e quo é uma proveitosa lição para a mocidade inconsiderada. Em geral foi bem desempenhado.

Domingo 16 deu-se uma occurrence bastante desagradavel. Quando acabava o Sr. Simões de representar o *Manoel d'Abalada*, quiz um espectador desfeiteal-o batendo com os pés em signal de desapprovação. Tão injusta foi esta ação praticada contra nm artista de merecimento, e que, com toda a mestria, acabava de reproduzir e sustentar o typo e linguagem de nm saloio, que, cheio de indignação, levantaram-se os espectadores em masso e repitiram o insulto fazendo-o recahir sobre o agressor. Como artista não merecia o Sr. Simões a desfeita quo um mal intencionado tentou fazer-lhe, e deve estar satisfeito pela maneira decisiva por que se pronunciou o publico em seu favor.

Gymnasio. A unica novidade é a representação da comedia « *As proezas de Richelieu* » fazendo o papel do joven duque a Sra. D. Adelajide que, não excedeua mas igualou as Sras. D. Veluti e Eugenia Camara que já com bastante aceitação, fizeram este papel. Não sou dos que hostilizam por sistema, ou por motivos particulares ; a verdade é sempre o meu norte, e confesso que o Richelieu de hoje fez-me esquecer um pouco a Jenny de hontem. Os mais artistas trabalharam regularmente

S. Januario. *Diana de Rione e Porta-falsa*—Já fallei de ambas e por isso aguardo cousa nova.

Forge Lillo.

Ao Sr. Epaminondas. Quando S. S. avançou a dizer que eu faltara a verdade, respondi-lhe provando a veracidade das minhas palavras ; porem agora que S. S., já não refutando o que eu disse, mostra com expressões que não me compete qualificar, desejos de uma questão pelos jornaes, dir-lhe-hei que não accepto a luva *por estar suja*, e que não lhe responderei, ainda quando em novas correspondencias a isso me desafie, pois que o publico sensato já decidiu quem havia mentido.

ANTES E DEPOIS

NOVELA.

(Continuação.)

VI.

Antoniela amava e em segredo ; occultava a sua aflição ás pessoas, que a cercavam ; como todos os espíritos poéticos comprazia-se no isolamento, cultivando na solidão o sentimento mais puro, que nos é dado nutrir. Ela narrou-me uma tarde, passeando por entre aquelles saudosos arvoredos de sua casa, a historia dos seus amores. Foi isso pouco depois do baile, em que a sua indiscripção me revelara o segredo de sua existencia. O crepúsculo cahia sobre a terra ; as virações frescas da tarde, impregnadas dos perfumes das flores agitava as arvores ; as orlas do horizonte tingiam-se das cores variegadas do iris ; corria tanta saudade e tanta poezia naquelle hora tão melancólica, e a narração d'Antoniela estava tão adaptada á hora, que nunca esquecerei os curtos momentos, que ali passámos.

Entre o sentimento puro e candido que lhe brotara do coração como uma veia d'água, d'uma fonte, e o sentimento que a sociedade convencionou chamar—amor—e que é o resultado de sentimentos estranhos a essa aflição, havia a profunda dislincção que separa tudo, que nasce de uma alma habituada á contemplação serena da natureza, e o que vem da alma, afadigada nos asperos desencontros sociaes. Uma mulher da capital rir-se-hia do amor d'Antoniela ; Antoniela não comprehenderia o amor d'uma mulher da capital. O amor daquelle implicava a caridade christã : um moço que não conhecera pai nem mãe ; nem amigos o lisongeavam, nem inimigos o exaltavam com a calunia ; sem protecção e sem esperanças que não fossem nas suas proprias forças ; entregue a si mesmo face a face com a sociedade em que deveria conquistar um lugar, e onde tão difícil é o accesso ao mais humilde, esse moço tinha a sustentar uma luta de todos os dias, luta desconhecida e tenaz, onde havia cem probabilidades contra noventa e nove de se tornar um homem perdido ou um homem conceituado, rico e influente.

Essa luta, em que esse moço de vinte annos perdia as suas melhores illusões—as dos vinte annos!—no fundo obscuro e humido d'um es-

criptorio de commercio, é commun a todos aquelles que leem chegado a uma posição eminente, depois de terem atravessado as horas difíceis d'uma existencia ignorada.

Faz-se mister uma coragem sobrehumana para se encarar e aceitar a sangue frio as injustiças, as mal e uma saliencias sociaes, que chocam os espíritos timoratos ; é rigorosamente necessário uma perseverança, que não conheça um só instante de duvida ; faz-se um homem martyr, com a esperança de menos de obter o céo como recompensa ; e quando os sentimentos da inferioridade de posição, e ao amor proprio offendido com o espectaculo das distincções entre pobres e ricos, accresce uma certa altivez natural, então a dedicacão ao trabalho rude torna-se um heroismo de todas as horas ; e se ao cabo o triunpho vem coroar essa longa série de dias attribulados, elle já nos encontra sem forças, e o habito das privações torna-o inutil. Não comprehendendo os gozós do mundo, julgamos os outros igualmente dispensados de os procurarem : é isso o que justifica o egoismo de certos homens. Mas, quando em vez do triunpho, chega o desengano absoluto, sobreveem a duvida terrivel de termos errado o nosso caminho, então a devassidão é provavel, ou o suicidio se torna possivel. Para os que succumbem nessa lucta, de que não ha historiador, o esquecimento, que lhe prodigalismos encobre os espinhos, que feriram a alma dos que succumbiram, e que hão de ferir a alma dos que passarem por ella.

F. Vasconcellos.

(Continua.)

IMPRESSÕES SOBRE AFRICA OCCIDENTAL (1)

Ao correr da pena.

O receio de que estes nossos — *apontamentos* — aborrecessem ao leitor já cançado de ver tantas paginas confiadas à nossa penna, duas vezes nos impôz silencio e por consequencia a suspensão deste trabalho ; mas o dever nos apontou a dedicatoria e a pessoa a quem o havíamos dedicado. E simplesmente por esse motivo que o continuamos.

A. de Castilho.

(1) Vem da Revista Luso Brasileiro.—ns. 1, 2 e 5.

BATALHAS.

Se bem nos recorda, era este o ponto de que tratavamos.

Prosigamos, que bem vasta é a materia que elle nos offerece.

Quantos dos nossos leitores não estarão dizendo pela boca pequena que ou a ironia de que nos servimos é movida pelo despeito de alguma retirada pouco airosa que nos obrigassem a fazer ou que o que por ali se lê, estratado da correspondencia daquellas possessões, não são mais do que... Seja lá o que for; cada qual que responda por si: quanto a nós não fazemos mais do que repetir o que lá dizíamos—*poucas mil praças avassalam o reino do Congo*.

E se por ventura alguém suppôe insufficiente o que já dissemos para confirmar esta asserção, para o que é preciso ser um pouco exigente, vamos convencel-o agora, copiando do nosso canhenho alguns apontamentos e recordando alguns factos.

Valha-nos Deus, que andamos mal de cabeça: tomenos de novo a estrada real, e lembrando-nos o risco despresemos os atalhos.

Ha no Congo, oito leguas pouco mais su menos a distancia da 2.^a divisão de Quimalenso, uma sansala conhecida pelo—*Quixino*. — Marchavamos do Bembe em direcção aquella divisão, quando a guarda avançada nos deu parte de que grande numero de povo se avistava n'uma das entradas da sansala. O governador, que então commandava uma pequena força composta de 400 praças de infantaria e uma boca de fogo de calibre 6, ordenou que continuassemos a marcha esperando o seu ataque. A mór parte d'entre os officiaes, pedimos para que se fizesse um tiro de ballarasa do que o governador de principio não annuiu por isso que o nosso *potente inimigo* tem por habito fugir a unhas de cavallo mal supoem que o *ndoky ampuêne* (2) lhe irá fazer avaria e voltarem depois vingando-se na apupada se o tiro lhes não causa destroço. Tanto porem instâmos e não sei-se mesmo implorâmos, o certo é que aquelle mais por condescendencia ao que por convicção de utilidade, mandou fazer alto e assestar a peça em lugar conveniente.

Ou fosse acaso ou obra da Providencia o certo é que, apenas desparado o tiro vimos uma nuvem de poeira cobrir o terreno ocupado pelo gentio.

Avançando um *pelotão* conheceu-se que o tiro comquanto disparado com pontaria incerta, que a altura do capim não deixara fazer perfeita, produzira o desejado fim. Um corpo sem tronco, um outro extrabuxando e algum sangue no caininho que conduzia à sansala, substituiria o grande troço de *valentes* de ante mão preparados, quem sabe se para nos fazer debandar.

Em conclusão; no dia seguinte pelas oito horas da manhã, perante a nossa força prestava juramento de vassallagem perpetua o *poderosissimo* Soba do—*Quixino*.

Que animo forte! Que terrível inimigo!

Inda mais um exemplo.

(2) Feiticeiro grande—é como chamam as bocas de fogo.

Depois de queimada e devastada a sansala da *Quiuanguilla* de que já faliâmos, o povo dellas entusiasta do *mulavo* como o inglez do *Port Wine* entendeu não dever deixar à descripção o rico palmar que possuia junto às suas antigas habitações: para poderem pois, segundo supunham, aproveitar-se a seu salvo daquelle pequena parte de suas perdidas riquezas, foram estabelecer-se no cimo de um morro não longe do lugar que antigamente ocupavam. Quiz também o acaso que podessemos capturar um dos espiões delles, que com meia duzia de *quicuangas* vinha ao nosso acampamento, a pretexto de vendel-as, mas com o fim de poder diariamente informar o seu Soba do que entre nós se passava. Não foram precisos anginhos nem ameaças para o fazer confessar onde estavam os seus companheiros: um pequeno copo de aguardente e meia duzia de coraes operou o milagre.

Dediquemos aqui uma lagrima á memoria deste fiel vassallo que tão impiamente fusilâmos mais tarde no seu proprio povo, bem perto da sua gente.

No dia seguinte, eis-nos de novo em marcha para o lugar onde já anteriormente tinhamos encontrado por inimigos, respeitaveis palmeiras de melhores tempos. Chegados ao local em que a antiga sansala tinha sido edificada, disse-nos o guia que a nova sansala estava estabelecida n'um morro que nos ficava á esquerda e que calculo de 600 pés aproximadamente: em compensação da generosidade que tivera para com nosco, o intelligent guia entendeu dever pregar-nos este logro, alias bem desculpavel, receiando talvez desanimar-nos, se dissesse que em lugar de um, erão tres. Subimos o primeiro e só chegados acima, torrados pelo sol, exhaustos de canção e mortos de sede, nos conhecemos victimas da tal peça a que não achamos espirito nenhum: avistámos a nova sansala em projecto, é verdade, mas só lá podemos chegar deixando sobre o primeiro morro uma pequena peça de calibre 1 que levávamos, e descendo sentados porque nos foi impossivel descel-o de outra sorte.

Na baixa deste despinhadeiro havia uma densa malta: era por entre ella o caminho de que se serviam, porque alem do agradavel era curto: vinte homens com armas e munições, bastariam para nos desmar: mas qual! Dotados da mais reconhecida generosidade, deixaram-nos o campo livre e o que é mais, porcos, cabras e carneiros que deram á farta para toda a gente que levavam os que, inclusivo carregadores, no numero de 1.200 montava a 1.400 homens pouco mais ou menos.

Mais uma reconhecida prova de verdadeira coragem, e de singular denodo!

A' vista disto...

*Digam os sabios da escriptura.
Que segredos são estes da natura.*

Antes porem que o leitor nos venha lembrar de havermos sahido um pouco do nosso programma, e de já estarem aniosos por ver do novo o

Conguista pacífico, deixemol-os e mais as suas bravuras, para voltarmos á nossa descrição.

RELIGIÃO.

Já tratámos deste ponto; mas tanto sobre o joelho, que nos ficou o melhor no canhenho. Salte pois o leitor, se assim o entender, as páginas que medeiam entre os dois apontamentos, e conheçam a nossa falta: mas perdoem-a, servindo de circunstância attenuante a confissão espontânea que acabamos de fazer.

O Conguista com toda a tendência para a religião, é talvez o homem que liga a ella, maior numero de crenças supersciosas.

Crê em Deus: não comprehende o sacrifício da paixão; mas respeita o crucifixo. Crê o no céo; mas fal-o representar por estúpidos, infames, e indecentes ídolos que sob a forma humana imitam á ponta de faca (3). Crê em Deus, unico sim; mas dando-lhe cada povo o nome da sua tribo: assim, para o povo *Bamba* o seu Deus é o Deus *Bamba* e nas mais semelhantemente. Notámos em todas as sansalas porque passamos, um *manipanzo* maior ou menor em cada uma das entradas da matta, enterrado no chão: por mais que procurámos saber a explicação disto só obtinhamos por resposta — *E' bom*.

Em cada povoado ha uma cubata, que com quanto não desira das demais é conhecida pela casa de Deus (4), e na qual vão depor as suas offertas por este ou aquelle fim, fazer os seus pedidos e etc. Realmente a mais secunda intelligencia em vão procuraria pôr um leitor ao facto, pela descrição a mais collarida, desta interessante casa. De um lado, paneltas com líquidos, dinheiro de cobre que gira em *Loanda*, coraçs falsos, misangas, frutas, farinha e subas de milho, *mallungas* e que sei eu, tudo em desordem, e tudo ao pé da imagem de pau. O fim de tudo isto que nol-o diga quem souber: quanto a nós, fomos bem curiosos; mas de nada nos serviu curiosidade nem desejo.

Parece-nos poder afirmar que o Conguista crê na immortalidade da alma: pelos menos o *Cabinda* podemos afirmar que crê, pelo que vimos n'um enterro feito no Ambriz. Hia o caixão levado como entre nós pelos convidados pegando ás argolas; seguiam-o os amigos e as amigas, precedidos por um alto e corpulento *Cabinda* que por meio de um grande porta voz lhe dava recados para o outro mundo, taes como — recomendações deste para aquelle, desta para aquella, notícia do casamento daquelle outro e muita mais cousa neste genero.

(Con'tinua).

(3) Nome vulgar — *Manipanzo*.

(4) *Cubata* e á *Ngana Nzanbi*.

O SR. ANDRÉ.

(Conclusão.)

III.

O Dr. Augusto, depois da noite do *soirée* em casa do commendador Fernando, apenas regressava da corte, em lugar de entregar-se ao estudo como tinha por costume, voava ligeiramente para junto da sua bem-querida menina; eram felizes! — Amavam — ambos pelo primeira vez, e tanto mais desconhecido é um prazer qualquer,胎lo mais intenso elle é! Um poeta, seu duída contaria as horas silenciosas, que os dous amantes passeavam pelas solitárias devezas de S. Christovão, contaria as noites de luar prateando as ilhotas do oceano e os montes velando pela — *Prinzeza do valle* — adormecida no reguço do cruzeiro; mas a um rusculo prosador não vem uma restea dessa luz divina dourar por um instante a descorada prosa!

O Dr. Augusto obteve com satisfação de todos a mão da feliz e idolatrada menina, e até os seus próprios rivais mostravam-se satisfeitos ou fingiam-o estar, entrando nesse numero o Sr. André, que entretanto esperava ainda jogar a ultima carta, pois não podia se afazer à ideia de ver passar a bela fortuna do commendador para as mãos de um outro que não fossem as suas.

Tres ou quatro dias saltavam para a completa felicidade do jovem advogado, quanto uma noite recebeu pelo correio urbano (sublime insituição para os velhacos!) uma carta anonyma que prometia convencê-lo da infidelidade de sua bella e querida Brites, se, segundo seus avisos, elle se occultasse perto da chacara do commendador, apenas principiasse a raiar o dia!

Augusto anava extremosamente para que um só instante desse crédito a semelhante aleivosia; porém indignado esperou ancioso pela hora aprasada. Escondido atrás de uma sôbe, vio abrir-se cautelosamente a porta da chacara do commendador, e o Sr. André, como uma raposa matreira, esgueirar-se por ella sorrateiramente.

O moco comprehendeo então donde lhe vinha aquella carta, e em vez de perseguir o fugitivo, correu em direcção à casa de que se evadira; ao empurrão brusco e desatinado que deu, a porta gyrou sobre sens gonzos e o doutor encontrou no corredor uma escrava que servia constantemente à D. Brites.

Agarrai-a puxando para fóra do pátio, o pôr-lhe no peito um punhal, foi obra de um minuto. A morte é sempre horrivel venha ella embora nas duras palhas da masmorra, ou nas doces tenazes do sacrificio!

A escrava ajoelhou-se aos pés do mancebo, e confessou-lhe que seduzida pelas promessas e dadivas do Sr. André, consentira que elle passasse a noite no corredor da chacara.

O moço não quiz ouvir mais; largou a infeliz escrava e dirigio-se pelo caminho que seguiria o fugitivo. O Sr. André, vendo que não era perseguido pelo doutor, tinha-se escondido em uma moita de matos quasi no meio do campo, afim de observar dali o que se passasse: infelizmente pouco tempo esperou, porque foi testemunha da scena que se passou no portão da chacara, e só então comprehendeo que devia livrar-se da cólera do doutor, e ganhando imediatamente o largo, viu entretanto ser perseguido por elle.

O medo é capaz de fazer correr um paralytico, e o Sr. André que apenas tinha as pernas enguilhadas, mostrou que ainda serviam para muito; correu directamente para a praia, e vendo-se seguido pelo doutor, lançou-se em um pequeno bote que se achava preso á ponte, e com um esforço inaudito, conseguiu afastal-o da terra.

Ah! pobre e infeliz André! mal sabia elle que corria precipitadamente para a sua ruina! o bote em que se embarcara ha muito que se achava inutilisado, e apenas obedecendo ao impulso do remo, foi pouco a pouco se submergindo.

E o infeliz não sabia nadar!

O Dr. Augusto só então pôde comprehender o perigo que corria o Sr. André; aos seus gritos de socorro, abriram-se quasi todas as casas e alguns pescadores tentaram deitar as lanchas ao mar para procurar salvar o desgraçado!

Era um horrivel espectaculo! Quando o bote se achou quasi submersido, aquelle homem só então lembrou-se de Deus, olhou para o céo e lançou um grito desesperado e medonho, e para sempre desapareceu no oceano!

O Dr. Augusto seis dias depois possuia sua feliz e querida Brites, e para todos foi sempre um mysterio a verdadeira causa da morte do Sr. André!

ESTRELLAS

(ASTRONOMIA)

O genio scientifico marchando sempre para seu apogeo, apoiado na observação, tem remontado seu voo até as mais distantes camadas de estrellas, para investigar muitos phenomenos curiosos, dessa harmonia e ordem que reina no universo.

Com efeito, a observação das estrellas duplices, etc., é sempre uma cousa que nos arrebata a regiões do maravilhoso, não só pela mais viva curiosidade que nos desperta, como tambem o homem sente que o fragil voo de sua intelligencia procurando estudar esses muados que gravitam no espaço celeste, é como que esmagado; então o homem vendo provada a sua incuria, ao mesmo tempo reconhece o poder e sabedoria do Eterno geometra, o finalmente contemplando o bello quadro que o universo

apresenta quanto ás estrelas que vistas a olhos desarmados não são mais que uma só estrela, mas que vistas com o telescopio elas mostram 2, 3 e 4 pontos de diferentes intensidades de luz, e as leis de Newton ainda são applicadas a esses sistemas planetarios que rolam sobre nossas cabeças, sendo forcados a exclamar admirados este cantico do Psalmista

« *Cæli enarrant gloriam dei, et opera manerum ejus amuntia firmamentum.* »

Esta demonstrado que existem no espaço celeste estrelas tão proximas umas das outras que suas distâncias angulares abrangem a poucos segundos; M. Strervo tem registrado 3.057 estrelas duplices, e com 987 cujas distâncias angulares attingem a menos de 4" então seguindo-se Herschel, o estudo dos elementos que compõem os sistemas binarios dos astros, chegamos a uma conclusão que nas estrelas duplices, uma deve rodar ao redor da outra na grande ursa, constelação quo rasteja nas orlas de nosso horizonte do norte ha uma estrela que vista ao telescopio apresenta deus pontos brilhantes, e apoiado na observação Savari chegou a conhecer que um desses corpos obdecendo ás duas primeiras leis de Kepler, tem o movimento de rotação ao redor do outro.

Ao passo que o estudo das estrelas duplices e triplices foi tomando uma importância, reconheceu-se afinal que na constelação Hercules ha uma estrela que sua resolução atinge a 36 annos; na coroa boreal uma outra cuja revolução sobe a 67 annos e assim outras muitas que as taboas astronomicas registram.

Confessemos porém que o céo do norte tem sido o mais explorado em razão de um alto numero de observatórios e observadores, entretanto quo o céo austral que encerra estrelas duplices, nebulosas importantes não tem sido tão observado como precisava ser e por isso a sciencia pouco nos diz sobre o céo abrillantado pelo cruzeiro do sul.

Strervo registrou 120.000 estrelas das que pertencem á ordem das duplices, etc., etc., se o céo do sul fosse explorado a que numero não subiriam estas estrelas!

Mesmo no sistema das nebulosas ha nas proximidades do cruzeiro um grupo de nebulosas estrelas com uma nebula planeta no centro e cortejado de um grande numero de brilhantes corpos dispostos em ordem elliptica e talvez gosem de uma importância scicntifica os estudos desses corpos de diferentes intensidades de leis; mas quantas nebulosas destas não existirão ignoradas em nosso céo austral?

A sciencia tem demonstrado que nas estrelas duplices umas gravitam para ás outras assim como sucede com os diversos corpos que compõem o nosso sistema planetario; a observação tem demonstrado mais que as duas estrelas que formam uma duplice, em geral não apresentam a mesma intensidade de leis; ou que os raios de luz emanados de uns destes corpos apresentam cores diferentes, e a mais forte destas cores, é sempre vermelha ou cor de laranja, e os raios de luz mais fracos são sempre os que tiram a cor verde ou azul bem desenvolvida.

As estrelas que sendo um só ponto pela simples vista mas que nos

telescopios apresentam quatro pontos brilhantes são em pequeno numero. A curiosidade natural nos força a aventurar um juizo baseado no estudo de outros corpos, para estendermos a analogia dellas até a essas derradeiras camadas que limitam o espaço celeste, isto é se a idéa que fazemos da natureza das estrelas, é que elles são verdadeiros sóes, lóco de sistemas para nós incognitos; se elles esclarecem e vivificam a outros mundos, então a nossa razão é forçada a tirar a curiosa ilação que o movimento de revolução nas estrelas duplices, triplices, etc., é o phénomene mais maravilhoso e cheio de curiosidade que o universo traz estampado em sua face.

Apezar de que não podemos pela grande distancia em que existimos avaliar as massas dos diversos corpos que compõem as estrelas duplices, somos induzidos a crer que algumas entre elles têm analogia com o nosso sol, estas que estrelas devem exercer poderosas atrações umas sobre outras, e finalmente se cada estrela é cortejada por seus planetas, e que estes ainda devem ser circulados pelos seus competentes satélites. A ultima e curiosa conclusão que podemos tirar do estudo destes corpos, é que o phénomene do dia e da noite em superficies, em razão de ser complexo, será o facto mais maravilhoso.

A existencia de dous sóes sobre os horizontes de seus planetas, seus levantes e occasos em horas diferentes, os raios de luz que abrillantam suas superficies, com cores mui diferentes, e emfim uma variedade de crepúsculos, dias e noites.

O espirito humano enche-se de assombro e espanho, só em contemplar na existencia desses quadros que por analogia, estendemos até aos confins do universo.

E mais assombro ainda apodera-se do homem quando considera que a luz vinda desses corpos leva muitos annos para chegar à terra, e que podem elles terem desapparecido do universo, e nós cá na terra, ainda estudarmos seus movimentos.

Na verdade que a contemplação dos corpos celestes, o estudo de seus movimentos e mais factos importantes, é a cousa mais bella possível e se ha sciencia que demonstra o poder do Eterno, é a astronomia.



O SERTANEJO BRASILENSE

Vai, indiano indolente ;
Na ygôra docemente
Descendo o rio a cantar.
Eu não invejo tua sorte,
Meu companheiro do Norte,
Eu também sei poesar !

Tens as noites estrelladas,
Tens as águas prateadas,
Onde pescas ao luar;
Eu teho lá nos serões,
Ao sorris das estações,
Muito amor a m'embalas.

Na tua linda maqueira
Descansas a tarde inteira,
Fumando — dormes por fim —
Eu passo a noite ao relento
Suspirando como o vento
Entre as folhas do jasmim,

Tenho as minhas cantilenas
Por essas noites serenas
Que fallam ao coração!
Minha viola sentida,
Minha floresta querida
Doces tardes de verão.

Eu bem sei, tem mil encantos
Esses prazeres tão santos
Da choupana — do teu lar —
Onde o travesso filhinho
Joga e brinca innocentinho
Este beija ao se deitar.

Eu também tenho dulçores,
Tenho meus santos amores
Na floresta sou feliz.
Tenho os carinhos de um anjo,
Risos puros de um archanjo,
Venturas que se não diz.

Há misterios na floresta
Nas doces horas da sesta,
Da tarde no desmaiar! . . .
Segredos nas cachoeiras
Nas cores das cordilheiras,
Da fonte no deslizar.

Ha, meu Deus, tanta harmonia
Tão suave poesia,
Na terra do meu amor!
— India nos mattos perdida
Sorrindo, mesmo indormida,
Aos cantos do trovador.

Vai indiano indolente,
Na ygara docemente
Descendo o rio a cantar;
Eu não invejo tua sorte
Meu compauheirs do Norte,
Eu tambem sei poetar.

Alexandre de Souza.

REVISTA THEATRAL.

S. Pedro.—Subiram á scena em beneficio do Sr. Martinho o drama—*Os salteadores da Falperra*—a scena comica—*O pedestre amoroso*—e a comedia—*Um phosphoro eleitoral*.

Se, em 1.º de abril, levado por ardente desejo de pregar um logro ao publico, impingindo-lhe gato por lebre, se, de propósito, mandasse escrever alguma cosa que estivesse em tais condições, certamente não seria melhor servido do que lançando mão do espectáculo com que mimoseou os seus amigos.

O supposto drama é uma cosa que não tem principio nem fim, em que não ha uma só idéa aproveitável, em que não existe um só principio de moral: pelo contrario; está recheado de absurdos, de contra-sensos, quasi chega a endesar o crime, o roubo e o homicidio.

Este, porque sua mãe sofre necessidades, assassina, rouba, faz-se chefe de uma quadrilha de salteadores, e em recompensa de tão bellos feitos, recebe um perdão, e desposa uma menina honesta em detrimento de seu irmão que também a amava, e que sempre trilhou a vereda da honra.

Aquella aconselha ao marido que roube, e este, sob pretexto de fazer a vontade a sua mulher, rouba os seus benfeiteiros reduzindo-os á mizeria.

E que phrasado!! O papel do Sr. Martinho está cheio de expressões altamente immoraes, de phrasas indignas de serem proferidas diante de pessoas de educação, de phrasas que envergonham até a quem as ouve. No meu entender, nenhum actor que fosse artista lançaria mão de semelhante composição para seu beneficio, mas *variant sententiae*!

Não se ensade o autor por me ouvir fallar desta mancira; mesmo por conhecê-l-o, por já ter visto outras composições suas, sou severo para com elle. Que culpa tenho eu de, envergonhado da minha precipitação, ver-me obrigado a esconder o ramo que levava para galardoar o seu trabalho? Nenhuma.

A scena comica—*O pedestre amoroso*—já não é para os nossos dias, e se agradou quando pela primeira vez foi à scena, foi porque o actor Costa tinha graça natural, e acompanhado de violão cantava uma modinha em voga nessa época e não se apresentava como o fez o Sr. Martinho com uma viola sem cordas.

A comedia—*Um phosphoro eleitoral*—cifra-se em uma reunião de povo que desde que começa até que acaba, grita a uma voz:—*E' phosphoro!*—*Não é phosphoro!!!*—acompanhando a sua algazarra de uma solfa de *fá bordão* tocada nos seus respectivos costados; e se a Sra. D. Ricciolini não tivesse a feliz lembrança de caracterizar-se reproduzindo um tipo muito conhecido nesta corte, acabaria o espectáculo com outra solfa de *fá tacão* tocada pelos respectivos espectadores.

Gymnasio.—*Proezas de Richelieu*—e—*Demonio familiar*. Já falei de ambas.

S. Januário.—Subiu à scena neste theatro no domingo 24 a comedia—*Um frances na Hespanha*—em que debutou a Sra. D. Bernardina Ulma Pinheiro de Moraes. Agradou n'g rai, e conse-sarei que é uma das poucas peças que tenho visto naquelle theatro, som deslocações. A Sra. D. Jesuina, reproduziu com graça a interessante *Rosina*; o Sr. Martins, no papel de *Reniflard*, o Sr. Magalhães no de *D. Inigo*, o Sr. Pereira no de *Benito*, e o Sr. Guilherme no de *D. Ramon* trabalharam muito bem, apresentando fielmente os typos e costumes. Nos *rompantes de Hespanhol*, e nos modos de *bandido*, agradaram os Srs. Magalhães e Pereira. A debutante tem bonita presença, porém nada ainda se pode dizer, visto o susto e acanhamento de quem pela primeira vez piza em scena.

Na segunda-feira repetiu-se a mesma comedia, seguida da primeira representação da scena cómica—*O Sr. Bento dos Anzões Carapuça*—composição do Sr. Martins; tem seus quês; mas é chistosa.

Aconselharei ao Sr. Guilherme a que não falle com as suas namoradas de chapeo armado na cabeça: podem não gostar.

O Sr. Peixoto Guimarães, na comedia—*Dous genios iguaes não fazem liga*—agarrou-se aos punhos da camisa por uma forma intolerável. A mania de estar sempre de azas abertas, com as mãos na cintura, é ridícula e pouco *comme il faut*.

A Sra. D. C. milla andou na comedia, como Pilatos no credo:—não disse mesmo o papel, por que o não sabia.

Forge Lillo.

Terminando hoje as assignaturas dos cavallieiros que receberam os primeiros numeros da — Revista Luso Brasileira —, rogamos a esses Senhores assignantes o obsequio de mandarem fazer a devolu declaracão n'este escriptorio, até terça feira proxima. Aquelles que não prevenirem, serão considerados como assignantes no 2º. trimestre.

ANTES E DEPOIS

NOVELA.

(Continuação.)

VII.

A linguagem humana é impotente para traduzir detalhadamente os martyrios moraes de todos esses que não conhecem senão a si proprios, que não confiam senão em suas proprias forças, e que isolados comprehendem a conquista d'um logar eminent. Essas existencias solitarias e attribuladas poderiam ser comparadas, pela exponantieade, com que são accitas, ás existencias dos antigos solitarios da Thebaida.

Não ha solidão, que mais prejudique ao individuo do que a solidão moral ; os sentimentos generosos não acham expansão ; as forças vivas do espirito ou definham ou anniquillam-se na regularidade estupida de uma mecanica ingleza, como é a vida commercial ; o estado social offende ; as suas injustiças são mais claramente delineadas aos olhos de quem vive no isolamento ; este descontentamento cresce diariamente ; as cousas apresentam uma cor mais carregada : a prevenção esterilisa o espirito, que não aceita as crenças, sob pena das austeridades da desillusão ; o coração morre ; a alma perde as suas delicadezas ao contacto frio da experiença, adquerida extemporaneamente ; cessam as alegrias ingenuas e as esperanças risonhas da mocidade ; surgem simultaneamente mil dissabores, ainda mais amargos pela imaginação. Arruina-se tudo que ha de bom no homem, e sobre essas ruinas ergue-se altivo tudo o que elle tem de máo.

A um moço, que na época, a que se refere a nessa historia, se acha entregue aos horrores de uma posição precaria, as duvidas atrozes sobre o seu futuro, ás agonias pungentes em que o lançara a falta de crença em seus esforços, contiou Antonicta o seu coração de anjo. Nessa affeição a mulher despira-se do que tinha de terrestre e deixava as

afflicção, como consolação unica, as primicias puras do seu amor. Não havia ahi a caridade christã, o amor do evangelho?

Antonieta prodigalisaava a esse homem toda a generosidade de suas afseções, todo o balsamo do seu amor, que curava muitas feridas, sempre abertas pelo pensamento fixo nos males do presente, ainda aggravados pela vivacidade da imaginação.

Durante dous annos correra na mais placida serenidade a convivencia de Antonieta com o seu amante.

Havia entre ambos a harmonia absoluta de dous espiritos, que es comprehendem, e se tem identificado a ponto de não formarem senão um só; ella não comprehendia os rigores da sociedade para com aquelle homem; parecia-lhe que, como todos, elle tinha igualmente direitos ás sympathias dos outros; a injustiça que ella observava, era o resultado logico das desigualdades naturaes, que são tão communs na sociedade; mas a sua inexperiencia a levava á opinião de que a sociedade é uma madrasta para os pobres e desherdados da sorte. Esse pensamento tem produzido a morte moral de muitos entes que o seu destino chamava talvez a lugares eminentes. Elle por sua parte não tinha coragem de romper com a idéa unica, que o acabrunhava de se tornar um homem rico e poderoso, e entregar-se ao cultivo exclusivo de sua affeção.

Antonieta apparecia-lhe generosa, ingenua, amante, desconhecendo os abyssmos em que naufragam os sentimentos mais nobres de uma mulher, nas grandes reunões da grande sociedade, toda amor e dedicação a suas infelicidades, sem intenções secretas sobre os estranhos, tendo ainda toda a ingenuidade de coração unida aos encantos graciosos do seu corpo.

Ella não comprehendia o mundo em seus caprichos; o mundo lhe ia impôr em breve o jugo dos seus caprichos e dos seus prejuizos.

F. Vazconcellos.

(Continua.)

IMPRESSÕES SOBRE AFRICA OCCIDENTAL.

Ao correr da pena.

CÓDIGO DO BOM TOM.

Não se zanguem com este título ; será mal cabido, mas é inocente. E demais, que outro lhe cabe ? Se um Conguista fisesse imprimir uma obra em resumo de todos os actos ceremoniosos, não chamaria a isso o — *Código do bom tom* — ?

Se escrevemos asneira, chamem-o de *mão tom*, ou como quiserem, com tanto que o deixem passar.

Em Loanda e nos demais pontos do interior, não ha, n'este genero, costumes esquisitos : começam no Ambriz. No Congo ha trez qualidades de cumprimentos entre os homens ; são os seguintes :

1.º — Entre douz rapases da mesma idade, que consiste simplesmente no cumprimento trivial de aperto de mão.

2.º — Entre douz homens de diversas idades : o mais moço ajoelha e bate palmas ; o mais velho curva-se, e encostando a palma da mão esquerda nas costas da mão direita, com esta lhe diz — adeos —

3.º — Entre douz velhos : ajoelham ambos, batem palmas, dizem adeos e apertam depois as mãos.

As mulheres ajoelham sempre, quando não ha intimidade — quando a ha, trocam simplesmente esta pergunta — *Cólélé* ? (como passou) a que a outra responde — *Cólélé qu'amy* (passei bem) (1)

Na maior parte das principaes sanzalas, não diverge o cumprimento à *testa coroada* ; porem n'outras observa-se o seguinte :

O Conguista que seguindo os seus preceitos, guarda as *conveniencias sociaes*, e segue à risca a *etiqueta*, não come à meza com sua mulher ; mas apenas só ou rodeado de seus amigos : quando todos elles teem terminado, janta então a mulher ou mulheres .

Sangrem'o-nos em saude. Dissemos meza, para seguir tambem as

(1) Não respondo pela orthographia que não conheço.

nossas conveniencias ; mas entenda-se que a meza do jantar é o chão extremo ou quando muito, forrado com uma esteira.

Lá o porque elles fazem isto, não o podemos dizer : não é decerto por desprezo, pois é a mulher, como já dissemos, uma das suas maiores ambições, e tanto que as escondem cuidadosamente dos seus inimigos, como faziam commosco .

O Soba, que como primeiro do povoado, devia merecer-lhes todo o respeito, não está consignado no *Manual da Civilidade Conguista*, como merecedor de grandes considerações e respeitos, que elle tambem não procura : passa-se por um Soba desapercebidoamente : se elle traja como qualquer outro, e só differe em andar sempre acompanhado por 2 ou 3 Macotas !

Há apenas um caso em que a palavra *Regia* é sagrada : quando sentencia, depois de ouvir as partes nas suas audiencias.

E' tambem n'estes casos que mais respeito consagram ás nossas autoridades ; porque nos Presidios do interior, é o Chefe respectivo quem decide as suas contendas, e elles sujeitam-se em tudo e por tudo á sentença favoravel ou contraria .

Manda tambem a civilidade que ambas as partes litigantes ao entrar na sala das audiencias e depois de pagar os emolumentos, façam reverente cumprimento ao Juiz .

E' preceito que se cumpre igualmente antes de começar a allegar o seu direito, ou sustentar a defesa, baterem palmas duas veses, disendo : — *Taté — Mamé — Justiça, Maniputo, Nzambi* — cuja traducción é — *Pai — Mai — dos Homens e de Deos espero justiça.* —

A. de Castilho.

(Continua).



PANORAMA DO SUL DE MINAS.

I.

O Sul de Minas, admirado pelo filho do velho mundo, em razão dos quadros mais poeticos e arrebatadores com que esse delicioso eden bra-

sileiro ostenta-se debaixo dos tropicos ; o sul de Minas, cujos espaçoso valles e gigantescas montanhas sempre pejadas de diamantes, amethistas, agathas e granadas, recreiando a vista, assombrando a imaginação, essas eminencias da terra, que desde suas fráldas até os soberbos pin-caros entarjam no coração humano a sabedoria e poder do Eterno no dia da criação de nosso planeta. O sul de Minas é o mais rico painel que a natureza prodigalou ao pai dos tropicos.

Quem no Brasil não admira essas nossas campinas esmaltadas das mais lindas e variadas flores : esse jardim natural que ao desdem todos os annos se repro luç cheio de tantos primores ! . . .

Quem não admira esses fecundissimos campos e florestas que com fartura nutrem a milhares de povos, criam manadas sempre vigorosas desse gado que, transpondo a Mantiqueira, vai abastecer o mercado da capital do imperio !

Quem é capaz de calcar aos pés o solo mineiro com indifferença que admirado não volva-se para contemplar a cascata de um rio que, embravecido, despenha-se de um rochedo matizado de um tapete virente e poetico !

A natureza physica do sul de Minas apresenta um quadro dessa Suissa, osculando a orla dos gelados Alpes, reclinala ás crystalinas aguas do Rheno.

E' impossivel que esse clima da Italia, esses montes e campos, que tanto alegram a vista na amplidão e nuança do horizonte, não falle ao coração humano.

E' impossivel que essa Flora mineira, cortejada de um infinito numero de brilhantes insectos que o mais afamado gabinete zoologico não possue collecções da millesima parte : essas aves de vivas e brilhantes plumagens não chame um minuto de attenção aos olhos que, rápidos, deparam com estes quadros da natureza !

A província de Minas é o gigante dos thesouros e preciosidades naturaes, mas que existe tudo votado á região do esquecimento ; e, para conhecermos qual o grão de importancia que ella possue nas sciencias physicas, ahi estão Saint Hilaire, Sellon, Martins e o Mineiro Ildefonso.

Minas, quç em seu seio recolhe uma preciosidade de metaes, que seus rios e montanhas estao cheios dessas pedras de alto valor, algum dia occupará o lugar distinto que lhe compete, mas será quando o tempo e a necessidade demonstrar aos vindouros que Minas pôde sub-

sistir sem recurso algum de fóra, que a riqueza, agricultura, industria e artes é propria para a lançar no zenith do progresso, porque emsím a sua natureza phísica, de mãos dadas com o genio de seus filhos, assim promettem.

Esperemos; o futuro corroborará isto.

ESTUDOS OROGRAPHICOS.

II.

A parte do Brasil mais notavel pelo sistema montanhoso é inegavel que é na província de Minas, e principalmente ao sul.

As montanhas do sul de Minas são todas ellas, ou na Mantiqueira ou em suas ramificações primarias, secundarias, etc.

Uma observação que muitas pessoas terão feito é que na direcção de uma serra, no ponto onde ella faz um angulo ou quebra sua direcção, este nucleo é sempre um ponto notavel acima do nível do mar, e no sul de Minas ha varias cordilheiras que confirmam esta observação.

A cordilheira da Mantiqueira, vindo do norte de Minas na latitude de $22^{\circ} 30'$ e $1^{\circ} 47'$ de long. occid. do meridiano do Rio de Janeiro; faz um angulo para oeste, e vai procurar as margens do Rio Pardo em Jaguary: o nucleo deste angulo é o ponto mais elevado do Brasil.

Ao sul da Soledade do Itajuba ella afasta se mais 10 graos para o sul, em relação ao ponto situado na lat. de 22° e $30'$, e lança nma ramificação pelo rosa para o norte: este ponto, que deparei na obra dos Srs. Chauchand e Munster, comprehendido na lat. de 22° , fica acima de $22^{\circ} 42'$; é o segundo ponto mais culmioante do Brasil.

Passando nós um golpe de vista sobre a Mantiqueira e suas ramificações, rapidamente vamos estudar a sua direcção e altitude.

No sul de Minas ella vem surgindo nas margens do Rio Pardo, mas não é uma pequena interrupção ou extenso valle que este rio atravessa que é motivo para a Mantiqueira perder o nome, como muitos querem; a observação constante é que ella vindo da província de S. Paulo, a serra da Canna Verde com todos seus galhos para oeste e NO são rami-

ficações da Mantiqueira, que, tomando a direcção regular para norte, é a mesma corda de montes que atravessa a Ventania, e, fazendo ahi um angulo quasi recto, procura Passos, Jacuhy, etc.

Assim, pois, o Rio S. João nasce em um ramo da Mantiqueira.

A serra de Caldas, que apresenta um pico pyramidal e que ter uma altura notavel acima do nivel do mar, esta serra, lançando galhos que procuram as margens do Sapucahy, forma um sistema de serras que são ramificações secundarias e terciarias da Mantiqueira, cuja origem é em Jaguary.

Entre Jaguary e S. Bento do Sapucahy-mirim, a Mantiqueira apresenta um ponto notavel, que deve attingir de 5 a 6,000 mil palmos acima do nivel do mar.

Um outro angulo forma a Mantiqueira em S. Bento, affastado 45° ao sul do pico dos Orgãos em Itajubá, e aqui existe o pico do Bahú, em uma altura média de 7,000 palmos acima do nivel do mar.

Entre o pico do Bahú e pico dos Orgãos, a Mantiqueira reveste-se de um plato de tres leguas de diametro e cinco de extensão longitudinal.

As serras de Monte Sião, Pouso d'Anta, Serra do Soares e todos os galhos que seguem o Sapucahy-merim e vão estendendo-se ate Santa Anna, desprende-se entre Jaguary e pico do Bahú em maior escala.

A Mantiqueira, entre os Orgãos e o Itabiaia, que é ponto mais elevado do Brasil, apresenta um sistema de ramificações as mais altivas e soberbas: além dos pontos da Lapa e Jardim, que são muito salientes no alto desta cordilheira, temos a serra de S. Francisco que, partindo dos Orgãos, procura o Itajubá.

A serra da Bocaina, que começa no Passa-Quatro, domina uma vasta extensão de terreno, ramificando-se para o Carmo, Lambari, Capituba e Vintem.

E' a ramificação da Mantiqueira mais elevada que existe no sul de Minas: a oeste da Christina ella faz um angulo para para dar origem ao Desposito, Criminosos, etc.; o nucleo é o Sítio do Monte, ponto culminante e notavel: os seus ramos, que procuram as margens de Lourenço Veilho, apresentam os cumes do Pedrão e Maria da Fé, pontos bem elevados.

Em Santa Catharina temos a Pedra Branca, em outro quebrado que esta ramificação faz; é a pedra Craue um ponto notavel do Brasil.

Do Itabiaia partem então cordilheiras para o norte, como sejam as serras da Lage, que é um ramo do Monte Bello, cuja abertura do angulo é um segundo terreno de montanhas secundarias.

Os ramos que vêm do Itabiaia são: Santo Antonio, Monte Bello, Guapiara, Parrecida, Francez, Papagaio, Gamarra e Lrge. Pontos notaveis: o Chapéo, Papagaio, Pedra do Bispo e Parrecida, altitudes mais consideraveis que o Itambé e Itacolumi; e convém notar que, á excepção do Chapéo, os mais pontos existem nos angulos que estas serras fazem para oeste.

A leste da Ayuruoca existem os picos dos Tres Irmãos, que tambem são muito elevados; fazem parte da Mantiqueira.

A cordilheira da Mantiqueira, entre a lat, de $22^{\circ} 30'$ e 22° , apresenta as seguintes eminencias: Pedra Sellada, Altos do Bocaina, Mira e pico da Jacutinga; a ramificação notavel que ella lança para NO é a serra do Bom Jardim.

Ao norte do Turvo, no municipio de Ayuruoca, os picos dos Dous Irmãos existem situados; tambem devem ter uma altitude notavel.

A serra do Marimbondo, S. Thomé das Letras, separa ja daquella outra pela passagem do Rio Verde, existem ligadas á serrania da Mantiqueira, em Pouso Alto. Assim, pois, as Luminarias. S. João de Nepomuceno e Dôres da Boa Esperança, onde ha um cume bem saliente, é um só correr de serras que se ramifica para o Rio Verde, ao sul, e Rio Grande, ao norte: a serra do Paiol, onde ao oeste assoma-se o pico da Treituba, faz um angulo para o norte, depois para o oeste, e une-se com a Lavrinha; é separada da corda que vem do sul, em S. Thomé, pela passagem do Angahi.

Em S. João d'El-Rei temos a serra do Lenheiro, além do Rio das Mortes, a serra de S. José e Prados, que formam um mesmo sistema; passando pela Resaca, unida á corda que tem o nome de Camapuan, segue uma derrota para Oliveira, Formiga e Piumhy: esta, e bem assim a serra do Ouro Branco, são ramificações da Mantiqueira para oeste (*).

As serras que por Santo Antonio do Amparo passam e as que procuram Campo Bello são rumos deste extenso galho da Mantiqueira. Logô é claro que no sul de Minas todas estas serras, que mais ou menos ramificam-se para diferentes pontos, são todas ellas filhas da cordilheira central, a Mantiqueira.

(*) Na serra do Ouro Branco o ponto mais alto é morro do Deus te livre.

Adolescence is a period of life characterized by significant physical, cognitive, and social changes. During this time, individuals experience a range of emotions and challenges, including the onset of puberty, the development of autonomy, and the formation of peer relationships. These changes can be both positive and challenging, and can have a significant impact on an adolescent's mental health and well-being.

10. *Leucosia* (Leucosia) *leucosia* (Linnaeus, 1758) (Fig. 10)

10. *Leucosia* (Leucosia) *leucosia* (Linnaeus) (Fig. 10)

10. *Leucosia* (Leucosia) *leucosia* (Linnaeus) (Fig. 10)

1997-1998
SCHOOL YEAR

卷之三十一

Digitized by srujanika@gmail.com

... de amor e de ventura, sua coroa volta com
o tempo, o mundo, para...

Conheço a vida, como o doce festíssimo doce de mel,
que é mais belo que o jardim de encantos, com que o sono de

Uma voz de fada vem falar
Na tua angelica ; a tua voz de fada vem falar
Na tua ventura ; e teus olhos

卷之三

卷之三

Sp. 1300

卷之三

Comigo, me assemelho a esses doux pombinhos que, abraçando-se, reproduzem esse encanto da natureza no doce pipilar do seu amor!...

Lembras-te dos olhares ternos que tantas vezes te lancei? pois bem; meu amor é como esse arranco do coração que só ambiciona o desejo de possuir a mais bella obra do Creador!... As lagrimas de Petrarcha chorando as saudades da sua Laura, os cantos do Homero lusitano immortalisando a sua Catharina, e esses doces queixumes de Dirceu á sua Marilia vem lançar o meu coração no abysmo da dor e da solidão, quando, ausente de ti, as flores da ventura se tem murchado!...

Porém *comigo* eu sou como o guerreiro da tribo Tupy, de Gonçalves Dias, elevando-se no doce entusiasmo de sua gloria!...

Comigo, sou como a flor que exprime em si o symbolo do amor e da felicidade!...

Comigo, sou o mais feliz dos mortaes!...

Esta é minha promessa; perdõa se não te disse o que o meu coração sente e o que minha alma deseja: perdõa: porém a ausencia me entristece, e eu só poderia dizer-te o quanto te amo, o quanto sou feliz se eu, envolvido no doce encanto do prazer, ao teu lado, visse um sorriso de amor em teus labios, um olhar de ternura, e a tua mão estendida para mim tua voz pronunciar essa palavra... *Comigo*.

H. de Casalho.

REVISTA THEATRAL.

S. Januário. — Quando fui a Minas Gerais que procurava galho da Mantiqueira. Logo fui para o sul de Minas todas estas serras, que mais ou menos ramificam-se para diferentes pontos, são todas elas filhas da cordilheira central, a Mantiqueira.

Na Serra do Ouro Branco o ponto mais alto é morro do Deux te Bre.

que vir a ser um bálsio, que a corte perdeu os melhores amigos, e que, se alguma vez um artista poderia aproveitar tanto, é porque não há parte de penumbra das comédias da corte, nem de outras, mais respeitável caso, se confiam todos os discursos a um só homem.

Assinado O. P. Gonçalves, Fazenda também pelo Sr. Gonçalves, Veradoura

Se não fura os esforços com que o Sr. Pereira no papel de *Lopo da Silva* procurou agradar, tinha adormecido na minha cadeira. Se o Sr. Domingos no papel de *Samuel* é 1º actor, o que será o Sr. Pereira?

este drama, qual balsamo consolador, dissipar a desfavorável impressão que me ficou dos dois penúltimos espectáculos a que assisti. O drama já todos o conhecem, sabem todos que poderosas emoções desperta na alma o génio criador de José Caetano no papel de Julio, e facilmente compreenderão como o representou quando lhes disser que esteve em uma das suas noites de inspiração. Toda a companhia envidou os seus esforços para dar maior realce ao drama, e a Sra. D. Marquelou excedeu-se no papel de Luiza, além de apresentar-se vestida com apurado gosto, representou de maneira que ninguém lamentou a falta das actrizes que, antes della, fizeram este papel.

Fausto Lollo.

A TRISTEZA.

Canta, ranta, passatim,
No ramim, bulimoso,
Teu saudoso terno cante,
Entretanto fiz chorar.

Faz chorar quem vive triste,
Quem vive na soledade,
Pungido de atroz sangue,
Que nas podes matar?

O teu ninho tu fabricas
Sínto de amor e ternura,
E no círculo flor pura
Teus de que te alimentar

E eu? procuro, mas debalde,
Caragão que o meu entenda,
E n'esta deserta senda
Nada me pôde alegrar.

Os olhos ao céo levanto
D'onde virá meu socorro,
E n'esta esperança morro
De que a meu desejo debar.

Minha alma tem sede ardente
Tão sómente do infinito,
E eu babito sobre a terra,
Onde encerra-se o pezar.

A. P. CORRÉA PIMENTEL.

(Esta poesia foi oferecida pelo seu autor ao Revd. Sr. J. J. Corrêa d'Almeida, de Barbacena.)

A decifração da charada publicada no n. 6, é — *Vingança*.